

LARINHA VILHALBA

SEDE DE

Vingança



LARINHA VILHALBA

SEDE DE
Vingança

©2018 Larinha Vilhalba
Capa: Carol Cappia
Revisão e diagramação digital: Carol Cappia

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

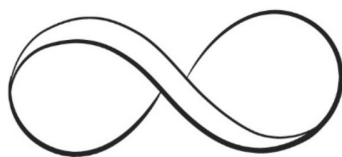
Criado no Brasil
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SINOPSE

Paula nunca entendeu o motivo de sua irmã tirar a própria vida de forma brutal. E tudo o que aconteceu a seguir só ajudou para que sua vida se tornasse cada vez mais sem sentido.

Até que o motivo de tudo vem à tona e uma ânsia por vingança nasce e uma certeza se forma em seu coração.

Ela quer vingança e não vai medir esforços para conseguir, aquele que a fez perder tudo que mais amava, vai pagar, custe o que custar.



EPÍGRAFE

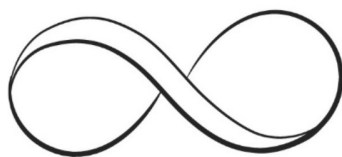
Cresci em uma casa repleta de amor e carinho, a minha família não era perfeita, tinha brigas, discussões, mas era a minha família, o meu refúgio. Do nosso jeito torto, erámos felizes.

Mamãe e papai criaram a mim e a minha irmã de forma simples e digna, nunca tivemos luxo, mas também nunca passamos fome. Eles nos ensinaram, desde cedo, a sermos parceiras e valorizar a nossa família. Afinal, família era o bem mais precioso que nós tínhamos.

Paloma era três anos mais velha, além de ser a minha irmã era a minha melhor amiga, minha confidente, minha conselheira, era o meu mundo cor de rosa, éramos inseparáveis. Só nos separamos quando ela foi embora fazer faculdade de arquitetura na cidade de Jales, cerca de 200km de distância da nossa cidade, Mirassol; mesmo morando longe, ela sempre ligava e vinha nos visitar aos fins de semana.

O tempo passou, fiz dezoito anos e estava feliz, pois ia me mudar e morar com Paloma, ela estava no terceiro ano da faculdade e eu iria prestar vestibular para o mesmo curso, tínhamos planos de montar o nosso próprio negócio.

Até que no meio da noite o telefone tocou e daí para frente tudo mudou.
O meu mundo desmoronou.



01 | PAULA

Quando encerro a ligação, me arrumo para me deitar e dormir, todos os dias ligo para a minha irmã para que possamos conversar. Mesmo morando em outra cidade, nos falamos todos os dias. Paloma é a minha irmã mais velha, não importa a distância a amo da mesma forma e tudo o que desejo é ficar junta dela novamente.

Comigo e com Paloma não existe esse lance de brigas de irmãs, que ficam horas ou dias sem se falar, nós nunca brigamos, uma sempre entende a outra. Quando uma está “alterada” a outra se cala, depois, mais calmas, conversamos e nos entendemos, assim nunca brigamos, nunca ficamos sem nos falar. Algumas pessoas acabam se surpreendendo com a nossa ligação. Paloma é a minha metade, talvez a explicação esteja em nossas vidas passadas. Não sei explicar, mas sei que a nossa ligação está além desse mundo. Amo Paloma mais que a mim mesma e ela me ama na mesma intensidade. O nosso amor é tão forte que Deus nos fez irmãs, para que possamos sempre caminhar lado a lado, uma ajudando e apoiando a outra.

De uns tempos para cá, quem está precisando de muito apoio é a Paloma, estou preocupada com ela, o brilho dos seus olhos sumiu, por mais que ela diga que está tudo bem, sinto que não está. Hoje me disse que estava triste, mas jurou que tudo ficará bem ao amanhecer, que é para eu continuar estudando para realizar o nosso sonho e cuidar dos nossos pais. Ela estava nostálgica, lembrando de vários momentos juntas. Foi uma conversa leve, mais um aperto em meu coração me faz desconfiar de que aquilo foi uma despedida.

Deito em minha cama, faço a minha oração e, cansada, rapidamente acabo caindo no sono. Mas ele logo é perturbado...

Está tudo escuro, tento abrir os olhos, mas não consigo, corro, mas não chego a lugar nenhum, estou dormindo, mas quero acordar. Vejo uma luz, corro, as minhas pernas doem, continuo a correr o mais rápido que posso, o túnel não tem fim; ao longe, escuto a voz da minha mãe, sinto ela me chacoalhar.

— Paula, acorde!

Abro os meus olhos, assustada.

— Mãe!

Acordo do pesadelo. Estou bem, foi apenas um sonho ruim.

Respiro fundo, controlo a minha respiração, mas a angústia que estava sentindo quando fui dormir ainda continua. O meu coração está apertado, uma dor lá no fundo, que incomoda. Não sei explicar, sei que está doendo, parece que um pedaço de mim foi arrancado.

— Paula — diz meu nome novamente, olho para a minha mãe e percebo que está chorando —, você precisa ser forte.

— Mãe? — indago confusa, sem saber o que está acontecendo. Olho para o relógio em cima do criado-mudo, que marca duas horas da manhã. — Ainda é noite — afirmo, sentando na cama. — Aconteceu alguma coisa?

Pensei que ela tivesse vindo me acordar do sonho ruim, mas pela sua fisionomia, creio que nem percebeu o que se passava. Algo a mais aconteceu.

— Paloma — diz e sua voz falha.

Lágrimas escorrem pelo seu rosto. O meu coração se aperta mais um pouco. Tenho medo.

— Falei com Paloma era onze da noite, ela está bem — explico, tentando, internamente, me convencer que tudo está bem. — Conversamos bastante, ela já tinha saído da faculdade, estava indo para o ponto de ônibus, só estava esperando a Fátima.

— Ela não chegou em casa. — A sua voz está trêmula.

— O que aconteceu? — Levanto-me da cama, indo até a minha mãe, que chora. — Foi dormir na casa de alguma outra amiga? Ou com o tal do “príncipe”?

— Ela ... ela... — tenta falar, mas o choro não deixa.

Tenho medo do que minha mãe possa me dizer, o meu coração está apertado, parece que tem uma bola em minha garganta. Talvez Paloma sofreu algum acidente e minha mãe está sem forças para falar.

— Por favor, mãe, o que aconteceu com a minha irmã? — peço para que me fale, mas ela só chora. Pego o celular e tento ligar para o número da minha irmã. — Caiu na caixa de mensagem.

— Ela ... ela... não vai ... atender. — Coloca a mão na boca para controlar um soluço.

— Mãe, diz logo onde a Paloma está, tire a angústia que toma conta do meu peito. Precisa saber onde está para que eu possa correr para o seu encontro. O que aconteceu?

— Minha filha. — Soluça — Sua irmã. — Cobre o rosto com as mãos.

— Mãe. — Seguro as suas mãos, libertando o seu rosto —, me diga o que está acontecendo. Cadê o pai?

— Seu pai foi atrás dela. — Solta a minha mão e anda pelo quarto.

— Ela sofreu algum acidente? — Balança a cabeça afirmando. — Onde

ela está? Eu vou até ela.

— Seu pai já está lá. — Respira fundo, limpa as lágrimas que não param de cair. — Assim que ligaram ele foi, pegou o carro e foi correndo. Não adianta irmos até lá, ele já está resolvendo todos os trâmites legais. O melhor é esperarmos aqui e avisarmos aos amigos e familiares.

Ela parece transtornada e não está falando coisa com coisa.

— Mãe, pelo amor de Deus, diga o que está acontecendo? — suplico. — Não estou entendendo o que a senhora está falando. Avisar amigos, trâmites legais, o que tudo isso significa?

— Filha ela... a Paloma...

— Diga. — Seguro novamente suas mãos e olho em seus olhos.

— Paloma... — gagueja. — Paloma morreu — sussurra.

— O quê?

Sinto-me ser cortada em vários pedaços.

— *Paloma morreu* — grita no desespero. — Minha filha morreu! — chora.

— Não! — nego em choque, solto as suas mãos e me afasto da minha mãe. — Isso não pode estar acontecendo.

— Ligaram do IML, dizendo que o corpo dela está lá. — Limpa o rosto. — A Fátima passou o nosso número.

— Não é ela, Paloma está viva — afirmo —, a minha irmã está viva. Eu vou prestar vestibular e morar com ela, vamos realizar os nossos sonhos — Começo a andar pelo quarto, com a mão na cabeça. — Está viva, viva, viva.

— Ela se foi.

— *Não!* — grito. — Eles ligaram para a casa errada.

— Fátima confirmou, era ela. Era minha filha.

— Antes de dormir falei com a Paloma, estava, triste, mas me prometeu que ia ficar bem, que ia sair dessa, disse que ainda hoje estaria livre de toda a dor que estava sentindo. — Olho para a minha mãe, com a esperança dela negar, dizer que Paloma está bem. — Ela disse que quando a manhã chegasse tudo estaria bem. Foi só um acidente, ela foi para o hospital, mas vai ficar tudo bem.

— Filha, não foi um acidente. Paloma pulou do pontilhão em frente à faculdade por volta das vinte e três horas, várias pessoas viram. Inclusive a Fátima, ela tentou impedir, mas foi em vão, quando chegou, já era tarde.

— Não! Ela não faria isso. Não é ela.

— O seu pai foi para lá. — Coloca a mão na boca para controlar o choro. — Fátima disse que ela estava usando a pulseira que vocês duas usam como amuleto. O seu nome estava na pulseira.

Seguro a pulseira em meu pulso, eu e Paloma temos uma idêntica, foi um

presente dela quando passou no vestibular e foi embora em busca de realizar o nosso sonho; é o nosso amuleto de irmãs. A minha está gravada com nome dela e a dela está gravada com o meu nome e tem o símbolo do infinito, pois é o amor que sentimos uma pela outra. Nunca tiramos.

— Diz que ela está bem — imploro, sem querer acreditar que o pior aconteceu.

— Queria dizer que ela está bem, que a minha filha está viva. — Passa a mão pelo rosto.

— Ela disse que me amava, que ficaria tudo bem, que hoje acabaria o seu sofrimento. — Fecho os meus olhos e repasso a nossa conversa de horas antes. — Ela disse para eu ser forte e cuidar de vocês. Como isso pode acontecer? Ela disse, me *prometeu* que ficaria tudo bem.

— Agora ela está bem, tirou a dor que estava sentindo.

— Não. — Abraço a minha mãe. — Ela não faria isso, disse que nunca me abandonaria, me prometeu.

— Ela sempre vai estar em seu coração, filha.

— Não. — Choro.

— Precisa ser forte, Paula, eu e seu pai também estamos sofrendo. O seu pai foi atrás e acabou confirmando, Paloma tirou a própria vida. — Abraça-me mais forte. — Ela se foi. — Chora.

— Era uma despedida, ela estava se despedindo de mim... — concluo, a dor toma conta do meu corpo.

O meu coração se quebra.

Junto com a minha mãe, espero a noite ir e o dia chegar, mas dentro de mim é tudo escuro e frio, assim como o túnel do meu pesadelo. Lá no fundo tinha uma luz, mas na vida real não sei onde essa luz está. Amo a minha irmã, dói, machuca, saber que se foi. Prometi que seria forte, que cuidaria dos nossos pais.

Junto com a minha mãe, aviso sobre a morte trágica da Paloma para familiares e amigos mais próximos. Quando papai chega em casa, o seu estado não é diferente de mim e da mamãe.

— Papai — digo, abraçando-o —, diz que é mentira.

— Minha menina. — Beija o meu cabelo. — Tem que ser forte, juntos vamos passar por isso.

— Não. — Choro.

— Aqui dentro do meu peito de pai também está doendo, Paula, mas agora precisamos velar o corpo da Paloma e dar um enterro digno a ela. — Pega a minha mão. — Isso tem que ficar com você. — Coloca a pulseira da Paloma em minha mão e a fecha. — Tire a sua força daqui, pois a minha força irei tirar

de você. Juntos nós vamos passar por essa provação.

Pego a pulseira, coloco no meu pulso e sinto a sua presença.

— Juntos — falo para papai.

Mamãe vem até nós e nos abraçamos, ficamos alguns minutos abraçados, adquirindo forças para continuar. Juntos, sem nos separar um só minuto, vamos velar o corpo da Paloma. Juntos, tentando passar força um para o outro, mesmo sabendo que em comum os nossos corações estão sangrando.

Na pequena capela da nossa cidade, o seu corpo é velado em caixão fechado, pois a queda causou ferimentos graves pelo seu corpo e os médicos acharam melhor fazer dessa forma. Olhar para o caixão com apenas um porta-retratos em cima, faz doer ainda mais, parece que ainda estou no mesmo pesadelo que não acordei.

Passo a mão em meu pulso, agora uso as duas pulseiras, nunca vou tirá-las, é o pedaço que sobrou da minha irmã. Por mais que eu pense, que refaça as nossas conversas, momentos que passamos juntas, não consigo entender o motivo de ela tirar a própria vida de forma tão brutal.

Durante três anos me esforcei, estudei muito, para que eu pudesse prestar vestibular, passar e assim ir morar com Paloma. Quando acabou o Ensino Médio, Paloma prestou vestibular e passou, aos poucos o nosso sonho começava a se tornar real, ela foi embora estudar, eu fiquei com a promessa de que três anos depois estaria ao seu lado. Mesmo distante, a ligação entre Paloma e eu continuou forte, ela continuava sendo a minha melhor amiga, e quando vinha para casa nos visitar era uma festa. Ainda dormíamos na mesma cama, tentávamos aproveitar o máximo do tempo juntas, ela era a minha metade, a minha amiga, a minha confidente, o meu mundo cor de rosa, o meu tudo.

Paloma era meiga e sonhadora, sempre dizia que ainda iria encontrar o seu príncipe encantado. Diferente de mim, que descobri que os príncipes sempre foram sapos. Sempre fui namoradeira, curti a minha vida indo em festas, conhecendo rapazes diferentes; me aventurava. Como falava para ela, o importante era ser feliz e com jeitinho todo mundo gozava. Romântica que era, Paloma não apoiava muito as minhas loucuras, dizia que ia se entregar apenas para o homem que conquistasse o seu coração.

Nesse ano ela estava feliz, dizia que tinha encontrado um *príncipe*, que ele era dedicado, atencioso, a tratava bem, quando falava dele os seus olhos brilhavam, o sorriso saía fácil. Ela estava apaixonada. Sempre pedia para ela trazê-lo em casa, para conhecermos, mas ela dizia que era um homem ocupado, estava sempre viajando e não tinha como vim conhecer a nossa família.

Por causa das viagens, Paloma passou a acompanhá-lo em algumas, deixava de vir em casa para estar com ele, no início foi até compreensível,

começo de namoro, mas com tempo comecei a achar tudo muito estranho. Com o tempo, comecei a ter dúvidas sobre esse relacionamento. Paloma era inocente demais. Ele era perfeito demais e muito misterioso. Outro fato que sempre achei estranho, é que ela nunca falava o nome dele, toda vez que conversávamos se referia como o “príncipe”, quando pedia uma foto para ver se ele era bonito, respondia que para ela ele era lindo e que não tinha foto; alegava que ele não gostava de tirar.

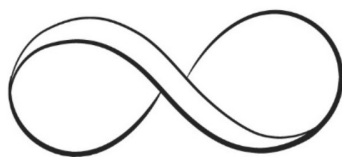
O tempo foi passando, o brilho que Paloma trazia nos olhos foi se apagando, não era mais radiante e cheia de vida. As visitas, que eram todos os finais de semana, foram ficando raras, assim como os telefonemas e trocas de mensagens. Com todo custo tentava me fazer presente em sua vida, a ligação antes de dormir não abria mão.

Era visível que Paloma não estava bem, mãe e pai a levaram ao médico e ela começou a tomar remédio controlado. Ela não falava mais do “príncipe”, então deduzi que ele tinha virado sapo. Ela foi ficando cada vez mais depressiva, tentava animá-la, papai e mamãe até tentaram fazê-la voltar para casa, mas foi em vão. Ela disse que não ia largar a faculdade, que ia realizar o nosso sonho.

Os nossos pais estavam preocupados, Paloma não era mais nem a sombra da menina saudável que era um dia. A esperança era que no final do ano, quando prestasse vestibular e fosse morar com ela, tudo se resolveria. Tudo iria seguir o curso, a nossa vida, o nosso sonho, novamente estaríamos juntas e felizes. Quando estivéssemos juntas ela ia passar por essa fase obscura. Mas antes que isso acontecesse, o telefone de casa tocou durante a madrugada, trazendo a pior notícia das nossas vidas.

Enquanto o seu caixão desce, sinto um pedaço do meu coração ser arrancado do meu peito, como eu prometi a ela, serei ser forte e vou cuidar dos nossos pais. Agora somos apenas três.

Ela se foi...



02 | PAULA

Voltar para casa, entrar em nosso quarto e saber que Paloma nunca mais estará aqui, que nunca mais iremos dividir a pequena cama de solteiro, mesmo cada uma tendo a sua, que nunca mais iremos ficar até tarde conversando sobre tudo e ao mesmo tempo nada, que nunca mais poderei abraçá-la, dói demais. Acabou, são momentos que nunca mais se repetirão, acabou e dói. Nada mais será como antes, um pedaço de mim se foi.

Prometi que seria forte, vou tentar, pelo menos por fora não deixarei a minha dor transparecer, os meus pais precisam de mim agora, assim como preciso deles. Eu perdi uma irmã, eles perderam uma filha.

Os dias passam, a alegria que um dia existiu em nossa casa não existe mais; dizem que conforme o tempo vai passando a dor se abrandando, que começamos a aceitar a perda, mas com o passar do tempo a apenas aumenta, o meu coração está com a ferida aberta e sangrando a cada dia que passa. Essa ferida não se cura e não existe nenhum remédio que a faça fechar.

As noites são longas e frias, sempre tenho o mesmo pesadelo: o dia da morte da Paloma. Corro pelo túnel em busca da luz, mas nunca chego, corro até sentir minhas pernas doerem, acabo acordando assustada e fico sentada na janela esperando a luz do sol aparecer.

Não consigo entender o porquê sempre ter o mesmo pesadelo. Sempre depois que acordo, custo voltar a dormir ou, como hoje, não durmo. Uma pergunta sempre martela em minha cabeça. O que esse sonho significa?

Quando amanhece, saio do meu quarto, vou até a cozinha preparar o café. Arrumo a mesa e espero os meus pais para tomarmos café juntos, mas infelizmente nenhum vem, apenas entram na cozinha, pegam uma xícara de café e cada um vai para o seu canto. Tínhamos o costume de tomar café juntos à mesa, depois da morte da Paloma nunca mais nos reunimos em volta da mesa, para tomar café ou fazer qualquer outra refeição.

Não existe mais esse momento em família, quase não conversamos,

estamos cada vez mais distantes um dos outros. Cada um no seu canto, sentindo a sua dor.

Depois de pegar sua xícara de café, o meu pai se isolou como todos os dias, no fundo do quintal trabalhando incansavelmente em suas peças de marcenaria; sei que, na verdade, está tentando ocupar o seu tempo e mente para que a dor do seu coração diminua. Já mamãe não tenta disfarçar o que está sentindo, ela sofre, chora, e não esconde de ninguém. A cada dia que passa está mais triste, não faz mais o que antes gostava de fazer, não sorri; fica dia após dias sentada em sua cadeira de balanço, olhando para o nada. Ela não sai e nem cuida do seu jardim, até a sua higiene pessoal, como pentear os cabelos, tem dias que não faz.

Às vezes pego uma escova e penteio os seus cabelos, tento conversar, mas no fim fico falando sozinha. Mesmo ela não conversando comigo, tento sempre fazer companhia a ela e ser forte quando estou ao seu lado, mas quando a dor aperta muito, venho para o meu quarto chorar escondida.

Deitada em minha cama, passando a mão pelo meu pulso, onde estão as nossas pulseiras, fico pensando em tudo o que vem acontecendo; muita coisa não se encaixa. Paloma era centrada, responsável, pensava mil vezes antes de dar um passo. Já eu, sempre fui a louca irresponsável que nunca pensa nas consequências. Uma atitude desesperada igual a essa que ela teve, poderia se esperar de mim e não dela. Tem alguma coisa errada em tudo isso, as informações não batem.

Não posso ficar aqui sem saber o que realmente aconteceu.

Levanto da minha cama, pego a mochila e jogo algumas peças de roupas dentro. Visto uma calça jeans, camiseta e nos pés uma sapatilha. Saio do quarto e vou até a marcenaria no fundo de casa.

— Pai — chamo, tocando o seu ombro para chamar sua atenção.

— Paula? — diz sem me olhar. — Quer algo?

— Empresta o carro? — peço, arrumando as alças da mochila em minhas costas.

Ele para de fazer o que estava fazendo e me olha.

— Para?

— Quero ir a Jales. Preciso ir até lá.

Encaro o meu pai, sei que o que estou querendo fazer é loucura, mas preciso, o meu coração pede para fazer isso.

— Não, Paula. — Passa a mão pelo seu rosto cansado. — Ela não está mais lá. Paloma se foi. Tem que aceitar isso.

— Por favor, pai — suplico.

— Ir lá só vai abrir ainda mais a sua ferida. Aceite, ela não está entre nós,

preferiu nos abandonar. — As palavras do meu pai são duras.

Conheço a minha irmã, ela não faria uma coisa dessas; me recuso em aceitar.

— Ela nunca faria isso, ela era delicada. Tirar a própria vida de forma brutal não condiz com a Paloma — contesto.

O meu pai conhece a filha que tinha, não pode acreditar que ela teria a capacidade de fazer o que fez.

— Paula... melhor não ir.

— Eu preciso ir. — Fecho os meus olhos por breves segundos, os abro e encaro meu pai. — Preciso ver com meus próprios olhos, ir à delegacia, ouvir o que o delegado do caso tem a dizer. Tem as coisas da Paloma que ainda estão na República, aproveito e busco.

— Não.

— Pai, eu preciso.

— A deixe ir, Chico — minha mãe diz da porta, não tinha percebido ela ali. — Paula está sofrendo tanto quando a gente. Ela tem perguntas a serem respondidas, a deixe ir atrás das repostas. Deixe arrumar as coisas da irmã, ela precisa saber e confirmar que Paloma se foi. Eu mesma fico pensando que ela vai voltar, a espero todos os dias sentada na área, mas minha filha nunca vem. Você viu o que sobrou? Um caixão lacrado torna difícil aceitar que ela se foi.

— Mulher, ela só vai se ferir ainda mais — pai justifica. — Nada vai trazer a Paloma de volta. Precisamos seguir nossas vidas, precisamos aceitar.

— Você acha que ficar trancado aqui é estar seguindo a vida? — Mãe entra e se coloca ao nosso lado. — Acha que eu ficar sentada naquela maldita cadeira esperando a minha filha voltar é vida?

Pai não responde, apenas abaixa a cabeça e fica em silêncio.

Não estamos vivendo, essa é a nossa realidade.

— Só preciso ver tudo com os meus próprios olhos. Não existe a possibilidade de me ferir mais do que já estou — argumento, quebrando o silêncio.

Pai pega a chave no bolso da sua calça e me entrega.

— Apenas volte para casa viva, não vou suportar a dor de enterrar mais uma filha.

— Obrigada, pai. — Pego a chave e o abraço. — Volto o mais rápido possível, cuida da mãe.

— Vai com Deus.

Passo pela minha mãe, deposito um beijo em seu rosto, mas ela não diz nada, apenas abaixa a cabeça.

Logo estou pegando a estrada, quero chegar em Jales antes do anoitecer.

Mando mensagem para a Fatima e ela aceita que eu fique na República por alguns dias, eu disse que queria ficar um tempo no lugar que a minha irmã passou os seus últimos dias de vida.

Estaciono o carro em frente à República, não demora e Fatima abre a porta, espera eu descer do carro e me abraça. Ficamos alguns segundos nos abraçando em silêncio, palavras não precisam ser ditas, ela sabe como me sinto.

— Vamos entrar? — pergunta quando desfazemos o nosso abraço.

— Vamos — concordo, ajeitando a mochila em minhas costas.

Entramos na República e tudo está da mesma forma da última vez que vim visitar Paloma, ela já quase não ia para casa e estava se isolando; Fatima mesma tinha comentado que ela quase não saia do quarto.

Caminhamos até o quarto que pertencia a Paloma, Fatima abre a porta e da passagem para que eu possa entrar. Ando pelo quarto e vejo várias caixas empilhadas, diferente da casa, o quarto não é o mesmo.

— Encaixotei todos os pertences da Paloma — justifica, mostrando as caixas —, estava esperando um pouco antes de mandar tudo para a sua casa. Sei que está sendo difícil, mas você sabe, precisamos arrumar outra menina para ocupar a vaga da República. Sentimos falta da Paloma, mas nós trabalhamos para estudar e com a partida dela as despesas aumentaram.

— Foi substituída — constato.

— Ela sempre estará em nossos corações, mas precisamos seguir. Você entende? — pergunta sem graça.

— Entendo — minto. Eu não entendo, mas não vou discutir.

— Vou deixar você sozinha, qualquer coisa chame. Fique o tempo que for preciso.

Não respondo.

Coloco a mochila na cama e decido sair da República, está tudo me sufocando. Resolvo sair andando sem rumo.

Como o planejado, cheguei antes do anoitecer. Caminhando, vejo o sol se pondo e a lua começando a iluminar a noite, continuo a andar, tentando me encontrar, tentando entender tudo. Quando dou por mim estou no pontilhão onde tudo aconteceu, olho para o lado e vejo o ponto de ônibus onde Paloma falou comigo pela última vez. Olho para baixo e observo os carros passando.

Seguro as nossas pulseiras, lembro dela falando que tinha medo de passar por aqui e eu dando risada, dizendo que era impossível ela cair, que teria que escalar a grade de proteção. Paloma tinha medo de altura, ela não subia em

árvores e nem em escadas para pegar alguma coisa.

— Ela não teria coragem de pular — digo baixo. — Paloma tinha medo de altura, além do mais teria que escalar a grade; era desastrada, não conseguia pular nem a janela de casa.

Volto a caminhar e chego na delegacia, peço para falar com o delegado, no início protestam em me atender, mas no fim, apesar do horário, acabam aceitando falar comigo. Desde o enterro da Paloma venho pedindo para que me deixem ter acesso ao dossiê da sua morte, não foi fácil, mas consegui.

— Paula? — o delegado pergunta assim que entro em sua sala.

— Sim — afirmo.

— Tome. — Joga uma pasta em cima da mesa.

— O que é isso?

— É o dossiê da morte da sua irmã. Não foi isso que veio atrás? — A sua voz é rude, para ele Paloma é apenas um número sem importância e pela sua cara sou apenas uma pessoa que veio encher o saco.

— Ela não se matou — afirmo.

— As investigações comprovam o contrário.

— Impossível.

— É bem possível, e foi comprovado. Paloma estava com depressão, tomava três remédios controlados; na faculdade iria reprovar em algumas disciplinas, confessou para a amiga Fatima que não queria viver mais. No hospital encontramos sua ficha médica de cerca de um mês antes, foi internada com início de overdose, além de remédios controlados era usuária de drogas. Para manter o vício frequentava uma casa de prostituição clandestina. Não descobrimos qual era a casa, mas é irrelevante. Foi suicídio, caso encerrado. Agora pode sair da minha sala, por favor.

— Essa pessoa que você descreve, não é a minha irmã.

O delegado pega a pasta que tinha jogado na mesa e a abre.

— Paloma da Silva Martins, 23 anos, nascida em Mirassol. — Mostra a foto de Paloma. — Essa pessoa era a sua irmã?

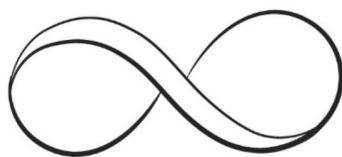
— Sim.

— Então estamos falando da mesma pessoa. Foi suicídio. — Levanta-se. — Preciso ir, caso encerrado. Pode se retirar.

Pego a pasta de cima da mesa, não a abro, mas desejo levar junto comigo, ainda não consigo acreditar que ela fez isso por vontade própria, mesmo tudo dizendo que sim.

Uma voz dentro do meu peito grita, diz que não, que Paloma nunca faria isso com a sua vida; ela não iria destruir a nossa família, não era egoísta, sempre pensava antes nos outros.

Não vou desistir. Vou descobrir o que aconteceu.



03 | PAULA

Depois de sair da delegacia fico vagando pelas ruas da cidade, andando sem rumo. Quando as minhas pernas começam a doer, volto para a República e uso a chave que Fatima me emprestou para entrar. Tudo está escuro, penso em ir para o quarto, mas desisto.

Sento-me no sofá para esperar o dia chegar, não vai demorar a acontecer. Poderia ir embora agora, não vou conseguir dormir mesmo, ainda mais no quarto que era da minha irmã, mas não quero acordar ninguém, por isso vou esperar amanhecer.

Encosto a minha cabeça no sofá e fico olhando para o teto.

— Paula. — Escuto me chamarem.

Abro os olhos rapidamente, olho para o lado e é a Fatima, está com o seu pijama listrado e cabelos bagunçados, provavelmente acabou de acordar. Se fosse em outra época até faria uma piada da sua roupa, mas hoje não.

— O que foi? — Olha para a própria roupa. — Eu sei, parece roupa de presidiário de desenho com essas listras pretas e brancas.

— Não estou dizendo nada.

— Mas pensou. Eu te conheço, Paula, nunca perde uma piada.

— Não ia falar nada. — Solto o ar, não sou mais a mesma.

— Trouxe essa xícara de café. — Me estende uma xícara e eu aceito. — Dormiu no sofá?

— Só estava esperando amanhecer, mas acho que acabei sendo vencida pelo cansaço.

— Está difícil? — pergunta, sentando ao meu lado.

— Insuportável — digo, levando a xícara de café a minha boca.

— Ela estava mal, tentava disfarçar, mas estava péssima, não saía mais do quarto. Alguns dias antes a encontrei no banheiro passando mal, tinha tomado uma cartela daquele remédio controlado. Corri e a levei para o hospital, consegui salvá-la, nem sei o que teria acontecido se eu não a tivesse encontrado naquele dia.

— Por que não me avisou? Por que não me pediu ajuda? Eu teria vindo, teria cuidado dela ou a levado na marra para casa.

— Ela me fez prometer que eu não ia te contar, jurou que nunca mais iria

tentar contra a própria vida, que foi um ato de desespero. Eu fiquei de olho nela, os dias foram passando e aparentemente estava melhor, voltou a frequentar as aulas; passei a ser a sua sombra. Naquele dia eu estava fazendo prova, pedi que me esperasse no ponto de ônibus, mas quando cheguei não a vi e todos no pontilhão estavam olhando para baixo espantados, então olhei também e a reconheci pela roupa, era tarde. — Olho para ela e vejo que está chorando. — Essa imagem nunca mais saiu da minha cabeça, quero lembrar dela sorrindo e feliz. Pensei que ela não faria isso. Acreditei nela, errei não falando para você.

— Não consigo entender. Não consigo acreditar.

— Nem eu. Do nada Paloma mudou, não a conhecia mais, se isolou, parou de ir à faculdade; tentei de tudo, mas não consegui.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, do jeito dela, Fatima também vem sofrendo. Cada pessoa sofre de um jeito.

— Arrumei todos os pertences dela porque sabia que você ou sua mãe não conseguiriam mexer nas coisas da Paloma. Usei a desculpa de que tinha que desocupar o quarto para que uma nova pessoa pudesse se mudar, para criar coragem de encaixotar tudo, é o mínimo que poderia fazer por vocês.

Novamente ficamos em silêncio, não está sendo difícil apenas para mim, mas para todas as pessoas que gostavam da minha irmã.

— Obrigada. — Levanto-me do sofá. — Acho melhor eu ir.

— Passe o dia aqui — pede.

— Tenho que ir, os meus pais estão bem abalados ainda. Se não ficar em cima minha mãe nem se alimenta.

— Eles vão superar a perda, todos nós vamos — afirma. — Temos que dar tempo ao tempo.

— Tomara. Agora eu vou.

— Ajudo você a colocar as caixas no carro. Não precisa levar tudo hoje, final de semana vou para casa e levo o que sobrar — Fatima oferece e eu concordo.

Colocamos as caixas dentro do carro, o que faltou ela novamente garante que ela vai levar.

— Paula, se você quiser prestar vestibular e vim morar aqui, a vaga ainda é sua. — Olha-me carinhosa. — Você pode dar continuidade no sonho de vocês.

— Eu não sei mais o que quero — confesso. — Não sei mais o que vou fazer da minha vida. Era um sonho meu e dela, sozinha, acho que não consigo.

— Você consegue, vai seguir a sua vida. Tenho certeza que onde Paloma estiver ela vai torcer por você.

— A única certeza que tenho é que preciso cuidar dos meus pais.

Não existe mais sonho, não existem planos, acabou, não posso mais fazer

isso. Era um sonho conjunto, sozinha eu não consigo.

— Pense com calma, e se precisar de mim, sabe onde me encontrar — insiste.

Acho que Fatima nunca vai entender o que se passa dentro de mim, não tenho o que pensar. Acabou tudo, todos os meus sonhos, as minhas esperanças, a minha alegria foi para o túmulo junto com Paloma.

— Obrigada de novo — digo, abraçando Fatima para me despedir.

Entro no carro e fecho a porta.

— Vai com Deus, Paula. Boa viagem.

— Fatima, antes de ir, preciso fazer uma última pergunta.

— Diga.

— E o namorado da Paloma, como ele era?

— Eu nunca o vi. No início achei que era uma brincadeira, que não existia nenhum príncipe, mas um dia, quando cheguei da faculdade, escutei gemidos vindos do quarto dela e uma voz de homem. No outro dia Paloma disse que ele quis conhecer onde ela morava, mas que foi embora antes de amanhecer.

— Muito estranho.

— O pior que ela o amava.

— Ele não foi ao velório, ainda estavam juntos?

— Não sei. Era conturbado o relacionamento dos dois. Não sei quem ele era, mas ele existia.

Namorado fantasma, nunca ninguém viu.

— Melhor eu ir. Obrigada de novo, Fatima.

— Pense na minha proposta.

— Eu vou pensar — digo, dando partida do carro.

Chego em Mirassol em baixo de chuva, estaciono o carro em frente de casa e desço correndo para não me molhar tanto, mas acabo parando no meio do caminho. Minha mãe está sentada na área, olhando para o nada, os seus olhos estão vermelhos e ela está toda molhada por causa da chuva.

— Mãe? — Aproximo-me. — Vamos entrar, a chuva está forte.

— Me deixe aqui.

— Vamos entrar. — Pego o seu braço e a guio para dentro de casa. — A senhora vai pegar uma gripe desse jeito.

— A chuva está lavando a minha alma.

— Pode lavar a alma no chuveiro quentinho, assim a senhora vai ficar doente — argumento. — Vamos trocar essa roupa molhada.

Depois de ajudar a minha mãe com a troca de roupa, vou para o meu

quarto me trocar. Quando saio, a encontro na janela olhando para fora.

Vou até a cozinha, preparo um chá quentinho, despejo na xícara e levo para minha mãe.

— Não quero. — Se recusa a aceitar a xícara.

— Pegue, mãe — ínsito. — Vai ajudar a esquentar.

— Estou bem assim.

— Mãe — digo desanimada —, por favor, aceite, vai fazer bem para a senhora.

Ela me olha desconfiada, o seu olhar vai da xícara ao meu rosto.

— Tem algum remédio dentro desse chá?

— Não, mãe, é só o chá — afirmo e ela acaba aceitando a xícara.

Assim que Paloma se foi, ela chorava dia e noite, não comia e nem dormia, então o meu e eu começamos a colocar calmantes no chá; foi quando ela parou de tomar chá. Eu sei que nossa atitude foi errada, mas pelo menos ela dormia.

Sento-me no sofá e fico a olhando. Ela leva a xícara até a boca, ainda está perdida em seus pensamentos, olhando pela janela enquanto a chuva cai. A cada dia que passa minha mãe está mais triste, mais magra, mais distante de mim e do meu papai.

— Já chegou? — pai diz, entrando na sala.

— Já — respondo desanimada.

— Achou as respostas para as suas perguntas? — Senta ao meu lado e pega a minha mão.

— Não, pai, voltei com mais perguntas do que quando fui.

— Isso é bom ou ruim?

— É tudo confuso, pai. — Olho para ele. — Tudo indica que ela fez isso, mas lá dentro do meu coração eu sei que Paloma não teria coragem de fazer o que fez.

— Aceite, Paula, nada vai trazer a sua irmã de volta. — Aperta a minha mão. — Ou pelo menos finge para você mesma que está aceitando.

— Vou tentar.

Olho para a minha mãe na janela, ela não faz questão de participar da conversa.

— Tenha paciência com ela. — Aponta para minha mãe. — Cada um sofre de uma forma. O dela é esse.

— E a do senhor é trabalhar — digo.

— Trabalhando, a mente fica limpa, não pensa em besteira. Corpo cansado dorme — diz, se levanta e vai para a cozinha.

Preciso arrumar alguma coisa para ocupar a mente, para que eu possa

ajudar a minha mãe e o meu pai.

Os dias começaram a ficar cada dia mais cinzentos, o sol não brilhava mais com a mesma intensidade, as caixas com as coisas da Paloma deixei em um canto da sala, Fatima trouxe o restante como tinha prometido, mas nem eu e nem mamãe tivemos coragem de abrir. Apesar do tempo estar passando, a nossa casa ainda estava triste, em luto. O tempo passou, mas a dor em nossa alma continua assim como as caixas.

O brilho dos olhos da mamãe se foi, a dor que sentia era visível, passou a não se alimentar, mesmo eu insistindo, se isolou dentro de casa, se culpava pela morte da Paloma. Em pouco tempo a sua saúde ficou frágil, pegou um resfriado que rapidamente virou pneumonia; mamãe se entregou.

Após cinco meses da morte da Paloma, lá estava papai e eu enterrando mais uma pessoa que amávamos. Mais um pedaço do meu coração se foi, eu não tinha nem superado a perda da Paloma e tive que tentar superar a morte da minha mãe.

Agora erámos apenas nós dois.

Papai sofria em silêncio ao enterrar o amor de uma vida inteira. Eu não queria acreditar que duas pessoas tão importantes da minha vida tinham ido embora de forma tão repentina.

Sofri muito, a dor era imensa, mas eu tinha papai e ele precisava de mim. Tentei cuidar dele, tentei abrir as janelas de casa, trazer a vida de volta, tentei seguir, mas tudo foi em vão.

Assim como mamãe, o brilho dos olhos do papai se foi, só conseguia ver dor e sofrimento através deles. Ele não trabalhava mais, ficava sentando esperando o tempo passar. Tentei animá-lo, mas tristeza consumia a sua alma, tinha perdido de forma trágica a sua filha e logo depois o amor da sua vida. O seu coração não aguentou muito tempo e parou. Ele se foi...

Dessa vez estou sozinha, vendo o caixão do meu pai ser baixado e olhando para cima, na tentativa de controlar as lágrimas, me recuso a olhar para os lados e ver os olhares de pena das pessoas.

Horas antes de papai partir, me pediu desculpa, perdão por ser fraco e egoísta; pediu para que eu não fizesse o mesmo, se entregar a dor, mas que eu vivesse. Ainda consigo ouvir sua voz falando:

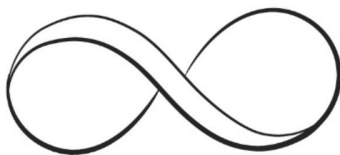
“Minha filha, desculpa esse velho, eu não tenho mais forças para continuar, tentei ser forte, mais fui fraco, ver a sua irmã na situação que vi foi muito para mim. Sua mãe e você questionaram por não ter visto o rosto dela,

graças a Deus que não viram o que sobrou, essa foi a última imagem que fiquei da minha filha e me assombra dia após dias. Ver sua mãe partir e enterrá-la foi muito para mim, eu não aguento mais esse sofrimento. Desculpe seu velho pai por ser fraco e te deixar sozinha. Por favor, seja forte, não seja covarde como eu e sua mãe. Não deixe a dor te consumir. Não precisa fazer nada de espetacular, não precisa realizar o seu sonho. Tudo que eu peço é que você viva.”

Apenas viver é o que vou fazer, se não for por mim, que seja pela memória da minha família. Pelo amor que sinto por eles.

Quero ser forte, preciso ser, mesmo que a dor que sinto me corroa por dentro, agora sou apenas eu e mais ninguém.

Achei que não existisse dor pior que a de perder a Paloma, hoje, no túmulo da minha família, acabo constatando que a dor pior é perder todos. Em menos de um ano minha família foi destruída, todos se foram, restou apenas eu, a minha dor e a saudade.



04 | PAULA

Depois do enterro as pessoas me cumprimentam e cada um segue a sua vida. Como diz o velho ditado: “vida que segue”, eles aos poucos vão para suas casas, ficar com suas famílias, brigar, rir.

Cada uma das pessoas que estava presente no velório e enterro do papai tem uma coisa que eu não tenho mais: família. Tenho inveja deles.

Não tenho ninguém me esperando para chegar em casa, ninguém vai me abraçar e perguntar como foi o meu dia, ninguém vai enxugar as minhas lágrimas por um coração partido, ninguém vai chamar a minha atenção pelo tempo no banheiro, pela louça suja em cima da pia, ou brigar para arrumar o meu quarto e tirar o sapato do meio da casa. No meio da noite, quando me sentir sozinha, não terá a cama quentinha dos meus pais para me abrigar.

Eu não tenho ninguém...

Olho para os lados e todos se foram.

Sem coragem de encarar a minha realidade, sento-me no chão próximo ao túmulo da minha “família”, todos que amo, estão aqui, enterrados um do lado do outro.

Todos mortos.

Abraço as minhas pernas e tento descobrir o por que estou sendo castigada dessa forma? Por que todos se foram e me deixaram aqui?

Sozinha eu não sou ninguém.

Poderia fazer igual Paloma e dar um fim à minha dor, ninguém iria sofrer ou chorar por mim, mas não quero ser fraca e chegar a esse ponto. Sempre amei viver, amava a minha vida simples, sempre fui feliz.

A nossa família, do nosso jeito, era feliz.

Eu também sofri e sofro por Paloma, mas mãe e pai me tinham e eu tinha a eles, agora não tenho mais ninguém. Eles não pensaram na minha dor, não pensaram em como eu ficaria, mesmo assim ainda os amo e queria todos aqui comigo, os queria aqui ao meu lado. Não quero sentir mais essa dor, quero arrancá-la do meu peito.

Apesar de todo o meu sofrimento, entendo o porquê deles desistiram de viver. Eu não aceito, porque não pensaram em mim, foram egoístas, mas entendo que a dor que cada um sentiu foi maior que a vontade de viver.

Não sei quanto tempo passa, mas decido que está na hora de ir. Levanto-me do chão, dou uma última olhada no túmulo da minha família, me viro e vou para casa andando.

Não olho para os lados, ando no automático, até que chego à casa que fui feliz e hoje é marcada pela dor.

Parece até uma piada de mau gosto tudo o que vem acontecendo, queria que fosse um pesadelo, que eu pudesse acordar e tudo voltaria a ser como era antes. Infelizmente sei que tudo é verdade e tenho que seguir em frente, não posso me entregar a dor.

Fico em frente à casa, observando, tentando imaginar uma vida sem eles. Eu sei que vai ser difícil, mas não vou desistir. Vou viver.

Entro em casa, fecho os meus olhos e respiro fundo.

Sim, fui muito feliz aqui, tive uma família maravilhosa, mas agora eles se foram e a única certeza que tenho nesse momento é que quero viver, vou achar algum incentivo para me dar forças. Passo a mão nas pulseiras em meu pulso, daqui vou tirar parte da força que preciso para poder seguir.

Um mês se passou desde a morte do papai, a saudade ainda se faz presente, sei que ela vai ser minha eterna companheira. Limpei a casa, abri as janelas, arrumei o jardim, mas nada que eu faça está sendo suficiente para trazer vida para a nossa casa.

Os vizinhos tentam ser solidários, até os parentes mais distantes vieram me visitar, o advogado também. Agora essa casa é oficialmente minha, além de uma pequena quantia no banco; papai fez um seguro de vida e eu, a única pessoa mais próxima, viva, da família, sou sua única beneficiada. Não é muito, mas é o bastante para que eu possa pagar as despesas dos últimos tempos.

Sentada no sofá, encaro as caixas com os pertences de Paloma, que trouxe de Jales, mamãe e eu não tivemos coragem de abrir. Depois que ela se foi, eu, sozinha, também não tive coragem. As caixas ficaram empilhadas no canto da sala. O tempo passou e acho que está na hora de abri-las e ver o que tem dentro.

Levanto-me do sofá, vou até as caixas empilhadas, passo a mão por cima antes de abrir, a angústia começa a tomar conta de mim, um nó na garganta, minha visão fica turva. Afasto-me das caixas, ainda não estou preparada. Ainda não consigo lidar com os seus pertences e as lembranças que eles me trarão, é muito para mim, parece que tudo aconteceu ontem, a dor é a mesma, não diminuiu.

Caminho até o quarto que era dos meus pais, me deito na cama deles, fecho os meus olhos e fico quietinha, encolhida, abraçando o meu corpo, imaginando que eles ainda estão aqui comigo, me protegendo, cuidando de mim. Esse lugar é o único que me sinto bem, que me sinto protegida.

Acabo dormindo; quando acordo já é noite, levanto me sentindo um pouco melhor, vou até o guarda-roupa dos meus pais e decido que é hora de doar os seus pertences. Não adianta nada deixar esse quarto montado, uma coisa é certa: eles não vão voltar, mesmo que eu os queira aqui comigo, sei que isso nunca mais acontecerá.

Arrumo tudo: roupas, sapatos, e entrego na igreja do bairro, o padre saberá o melhor destino a dar. Diferente das caixas da Paloma, que a angústia tomou conta de mim, arrumar os pertences dos meus pais me deu calma, me trouxe uma paz que há algum tempo eu não tinha. Enquanto arrumava tudo até um sorriso saiu dos meus lábios, ao lembrar dos nossos momentos juntos.

Talvez eu esteja melhor, me abrindo para a vida, deixando o luto ir, para assim poder viver e não apenas vegetar.

Dois meses já se passaram, agora durmo no quarto dos meus pais, arrumei tudo, pinteí as paredes, troquei a roupa de cama; deixei tudo com a minha cara. Fazer a pequena “reforma” no quarto e me “mudar” para cá foi a melhor coisa que fiz, aqui me sinto bem, em paz.

Agora já consigo dormir quase a noite inteira, os pesadelos, que antes eram diários, agora aparecem um ou duas vezes na semana. Sempre o mesmo que tive na noite da morte da Paloma.

“Está tudo escuro, tento abrir meus olhos, mas não consigo, corro, mas não chego a lugar nenhum, estou dormindo, mas quero acordar. Vejo uma luz, corro, mas nunca chego”

Sempre acordo suada, ofegante, e não durmo o restante da noite. Algumas vezes penso que tem algum significado, por sempre se repetir, outras vezes acho que é coisa da minha cabeça.

Aos poucos a minha vida começa a tomar um ritmo, volto a sair na rua, fazer caminhada de manhã, ir à padaria e até mesmo ao mercado. Comecei a criar e seguir uma rotina, aos poucos vou me conformando com a minha realidade, ainda dói, mas consigo controlar as lágrimas e quando penso neles é sempre com saudade dos momentos felizes.

Ainda uso as pulseiras, a minha e da Paloma, quando a dor aperta penso que ela está aqui, seguro as pulseiras e mentalizo durante alguns minutos,

controlo a minha respiração até acalmar as emoções. Quando alguém pergunta como estou, consigo fazer cara de paisagem e dizer: “estou bem”, ninguém quer ouvir as minhas lamentações, eles perguntam apenas por educação e eu, por educação, respondo.

Talvez pelo tanto que repeti que estou bem, estou acreditando nisso.

Ainda não sai a noite, sempre fui festeira, mas ainda não consegui dar esse passo. Um passo de cada vez, é isso que tenho sempre em mente. Sair nesse momento não é legal para mim, sei que todos vão ficar me olhando com pena e lembrando como Paloma era maravilhosa ou algo dos meus pais. Eu beberia para tentar me enturmar e depois de algumas na cabeça ficaria chorando, o melhor é ficar em casa, na hora certa eu saio. Também não abri as caixas da Paloma, mas todos os dias vou criando forças para isso. Porém, consegui levá-las para o quarto que era nosso, na hora certa a coragem surge e eu as abro.

Já comecei a procurar um emprego, tenho intenção de trabalhar em qualquer coisa, fazer vestibular e estudar. Quero fazer faculdade e realizar o sonho da nossa família, mesmo eles não estando mais presentes. Acho que devo isso a eles.

O telefone toca, atendo sabendo quem é a pessoa do outro lado da linha, a única que me liga sempre. No início ignorava suas ligações, mas ela é insistente e só desistia quando eu atendia.

— Alô! — digo, caminhando até a janela.

— *Oi Paula! Tudo bem?*

— Tudo bem.

— *Paula, não mente, você sabe que pode confiar em mim, sou sua amiga e nunca vou te abandonar.*

— Estou melhor que ontem, Fatima.

— *Isso é bom. Amanhã estará melhor que hoje* — diz animada.

— É...

— *Paula?*

— Sim

— *Vem morar aqui* — pede

Fatima, mesmo distante, sempre me manda mensagem de incentivo e faz o convite para estudar em Jales e morar com ela na República; estou pensando em fazer isso mesmo.

Daqui uns meses é o vestibular, já tenho idade, terminei o ensino médio, é só estudar e me esforçar para passar no vestibular. Como dizia o meu pai, mente ocupada não pensa besteira.

— Vou pensar — digo.

— *Não pense muito, só venha.*

— Tá...

Ficamos em silêncio, ninguém diz mais nada, pelo menos eu, não tenho nada a dizer. É uma deixa para Fatima se despedir e desligar o telefone.

— *Beijo, Paula, amanhã eu te ligo* — diz, despedindo-se e desligando a ligação em seguida.

Fico olhando pela janela e pensando. Se Paloma estivesse viva, esse ano já estaríamos morando juntas, Paloma estaria no seu último ano de faculdade, aconteceria da forma que sempre planejamos, mas a vida é uma caixinha de surpresas e nada disso aconteceu.

“Está tudo escuro, tento abrir os meus olhos, mas não consigo, corro, mas não chego a lugar nenhum, estou dormindo, mas quero acordar. Vejo uma luz, corro, minhas pernas doem, mas não desisto, corro mais rápido. Grito por socorro, ninguém me escuta, ninguém me socorre, tropeço e caio, quando olho para os lados há várias caixas.

— *Abra — uma voz diz baixinho. — Abra as caixas.*

Acordo assustada, ofegante, afasto o edredom e vou para o quarto que era meu.

— *Abra as caixas, abra as caixas* — sussurro como um mantra, lembrando-me do pesadelo.

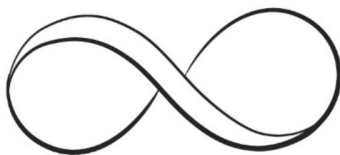
Sempre o mesmo pesadelo, sempre se repetindo, mas o dessa noite tinha essa voz dizendo para abrir as caixas.

As únicas caixas dessa casa são dos pertences da Paloma.

Abro a porta do quarto, ligo a luz, ainda estou ofegante, era esse o recado que o sonho queria me dar ou estou ficando louca, sozinha nessa casa.

Vou até a caixa mais próxima.

— Se estou ficando louca ou não, não sei, mas sei hoje abro essas caixas e descubro o que tem dentro.



05 | PAULA

Ainda nervosa, rasgo a fita que lacra a primeira caixa, abro e vejo que são roupas. Respiro, tentando me acalmar, e sento-me no chão. Não vou desistir, tem alguma coisa nessas caixas e eu vou descobrir.

Mesmo com um nó na garganta e trêmula, começo a retirar as peças de roupa de dentro da caixa, olho nos bolsos, chacoalho para ver se cai algo, mas não tem nada, então dobro novamente e coloco no chão ao meu lado. Faço esse processo em todas as peças, empilhando tudo.

— Nessa caixa não tem nada — constato ao ver o fundo da caixa vazio. Levanto-me e caminho até a próxima. — Vou olhar uma por uma, alguma coisa tenho certeza que vou encontrar.

Faço o mesmo processo da caixa anterior, retiro a fita e abro, agora estou mais calma, consigo ver tudo com mais clareza. Nessa caixa tem alguns sapatos, retiro um por um, olho dentro e depois os enfileiro um ao lado do outro no canto do quarto.

Vou abrindo as outras caixas, roupas, sapatos, cintos, maquiagem, olho tudo com cuidado e calma, procurando alguma coisa, alguma pista.

Já olhei quase todas e até agora não encontrei nada que justifique o pesadelo ou os últimos acontecimentos. Agora resta uma única caixa, tem que estar nela. Tenho que encontrar algo.

— Tem que estar aqui — digo, passando a mão na caixa, rezando que eu encontre o que preciso.

O meu coração está acelerado, aquele aperto que senti no dia da morte da Paloma se faz presente — não é possível que não seja um sinal.

— Meu Deus, me ajude a encontrar o que eu procuro. Eu não estou louca. Preciso de respostas.

Abro a caixa, são livros, vou retirando um por um, chocalhando para ver se cai algum papel de dentro deles, mas não há nada. Olho dentro da caixa, ainda mais triste, quase me conformando que estou ficando louca, que o sonho era um pesadelo igual todos os outros. Então pego um último caderno de capa preta, com uma fita de cetim roxa, passo as suas páginas e encontro vários papéis pequenos.

Um fio de esperança surge, pego os papéis dobrados e abro o primeiro.

Estou te esperando no estacionamento.

T.

Abro outro bilhete.

Vou sair para uma reunião, não vou voltar, pegue um taxi para ir embora.

T.

Começo a pegar, abrir um bilhete atrás do outro, estou tremendo.

Não posso conhecer sua família, tenha calma, fique pronta, passo para te pegar.

T.

Prostituta igual as outras, você é descartável, uma viciada, vá se tratar.

T.

Um ódio toma conta do meu corpo, mas me dá forças para abrir os outros bilhetes. Quero saber de tudo. Paloma não era nenhuma prostituta, ela era virgem quando foi embora, estava se guardando para o amor da sua vida. Desgraçado.

Fique comigo esse fim de semana. Quero te comer.

T.

Esse “T”, talvez seja o namorado que ela nunca dizia o nome. “Comer”? Eu fodo, mas Paloma não, ela era romântica e pura, ela fazia amor. Tudo muito estranho, por que tantos bilhetes? Alguns carinhosos, outros ofensivos, mas todos com a mesma letra.

Provavelmente são da mesma pessoa, mas por que, em um mundo digital como hoje, mandar bilhetes?

Passo a mão pelas minhas pulseiras, adquirindo a força que preciso e continuo lendo.

Não vai se arrepender, vai gostar da boate.

T.

As pessoas do escritório estão desconfiando do nosso envolvimento,

seja mais discreta, sabe o que eu penso sobre o envolvimento entre funcionários. Tenho que dar exemplo.

T.

Não gosto de fotos não insista.

T.

Várias perguntas se formam em minha mente, quero as respostas para todas.

Relacionamento entre funcionários?

Dar exemplo?

O namorado trabalhava junto com ela?

Quem é esse T?

Por que não gostar de fotos?

Qual o motivo para se esconder?

Qual o seu nome?

Continuo a ler...

Seja boazinha e faça o que eu mando, daqui meia hora quero você na minha sala.

T.

Sim, eles trabalhavam juntos. Paloma trabalhava como secretária em uma agência de turismo, mesmo não sendo sua área, recebeu um convite para trabalhar lá através de um professor que viu o seu esforço e competência. Ele viu que ela estava à procura de um emprego para se manter na faculdade, então a indicou para um conhecido, que a empregou como secretária.

Ela falava bem do emprego e do seu patrão. Nunca reclamou do trabalho ou citou o nome de alguém de forma mais afetiva, sempre se mostrou profissional. Mas lendo isso, acho que falava pouco do emprego apenas para não contar quem era a pessoa que estava se envolvendo.

Pego outro bilhete e continuo lendo.

Essa rosa é tão delicada quanto você.

T.

Pare de ciúmes, é apenas trocas te casal. Você é minha, gosto de ver outro homem possuindo o seu corpo.

T.

Não quero saber, não vai ver sua família, tenho planos.

T.

Vai fazer o que eu mandar ou sua família vai receber aquele vídeo seu na boate.

T.

— Filho da puta, sabia que esse infeliz tinha a ver com o afastamento da Paloma, ele a enganou. Ele a ameaçava.
Com ódio, continuo a ler.

Conhece as regras, aceitou, agora não tente ir contra, não vou mudar.

T.

Tem que pagar o que me deve.

T.

A Putinha da sua irmã vai gostar de saber como você chupa bem, se não quer que ela saiba do lixo que você é, não cruze o meu caminho, esqueça que eu existo.

T.

Vou gostar de foder sua irmã. Foder com as duas. Converse com ela, faça isso por mim. Te amo, princesa.

T.

Lixo, esse homem é um lixo sem escrúpulos, como pode pedir algo assim para a Paloma; ela era toda certinha e tímida, jamais me faria essa proposta. Não consigo acreditar que a minha irmã passou por tudo isso sozinha e calada.

Estou com pau duro, entra na minha sala e dá um jeito nisso. É uma ordem.

T.

Minha linda, te amo.

T.

Não quero saber, pague o que me deve. Aceito o seu corpo como forma de pagamento, talvez tenha alguma serventia.

T.

Não tenho nada a ver com sua demissão. Não me ameace, tenho fotos suas que a sua família vai ter vergonha de ver.

T.

Não me procure

T.

Se mate, não me importo, só pare de me procurar. Pula daquele pontilhão, não vai fazer nenhuma falta. Sua família nem vai ligar. Você é uma inútil, não passa de uma cadela no cio.

T.

Levanto do chão, deixando a caderno preto e o restante dos bilhetes não lidos e começo a caminhar em círculos pelo quarto. Ele a usou, a afastou de nós, sua família. Ele a matou.

Olho para os papéis no chão, volto para onde estava há alguns minutos e me sento no chão. Dessa vez não pego os bilhetes para ler. Pego o caderno e o abro. Leio a primeira página.

“Esse é o meu primeiro diário. Nunca tive um, se eu falasse para minha irmã ela diria que é coisa de menina romântica idiota. Talvez Paula esteja certa, pela primeira vez na vida estou amando, amando como nunca ameí outra pessoa. Então eu sou uma menina romântica, idiota não, mas feliz por enfim ter encontrado alguém especial.

Durante muito tempo ninguém nunca me encantou, ninguém me fez suspirar como ele faz. Ele é o meu príncipe e eu sou uma princesa, quero sair e gritar para todo o mundo que estou apaixonada e que aquele homem maravilhoso é meu. Só meu. Quero sair de mãos dadas, apresentar aos meus pais, e quem sabe começar a planejar o nosso casamento?

Eu sei que parece ser tudo muito cedo, mas um mês foi tempo suficiente para saber que ele é o homem da minha vida.

Por causa do trabalho, ninguém pode saber do nosso envolvimento, por isso ele pediu segredo; não posso contar para ninguém, nem mesmo para Paula. Eu expliquei, disse que ela era confiável, mas ele me proibiu, disse que mais para frente irá conhecer a minha família.

Eu não consigo guardar uma coisa tão boa, então, para não trair a confiança do meu príncipe, decidi fazer esse diário, aqui vou dizer o quanto

estou feliz, também posso guardar os bilhetinhos que ele me entrega no meio dos documentos da agência, escondidos, sem ninguém ver.

Ele é tão romântico, toda vez que pego os papéis da sua mão o meu coração acelera, no meio desses papéis sempre encontro um bilhete.

Príncipe é perfeito, eu não disse mais eu o amo muito e quero passar o resto da minha vida ao seu lado.”

Acabo que ler a primeira página e fecho os meus olhos, tentando controlar as emoções. Vou até a cozinha e bebo um copo de água, ainda estrou trêmula, depois tomo um banho gelado.

Preciso ser fria, preciso acabar de ler aquele diário.

Enrolo-me na toalha, pego novamente o diário e começo a ler, já está quase amanhecendo, mas não quero dormir, quero saber e ler tudo o que está escrito. Paloma se foi, mas deixou rastros e eu vou seguir um por um.

A manhã chega, os raios de sol entram pela janela, e ainda não acabei de ler todo o diário, mas muitas perguntas já foram respondidas.

Uma certeza se forma em meu coração. Ele vai pagar caro.

Leio outra página.

“Eu o amo tanto, faço tudo para agradar, mas não está bom, eu sei que sou pobre, que não sou bonita igual as meninas da boate, faço todos os seus gostos, até mesmo deixar outro homem me tocar apenas para lhe dar o prazer.

O príncipe gosta de ver outro homem me possuindo, eu não gosto, acho nojento, a primeira vez até vomitei. Mas ele me disse que é normal, que era para eu deixar aquele homem me possuir, e eu deixei. Enquanto ele me penetrava, o meu príncipe sorria e se masturbava, mesmo me sentindo suja, gostei de agradar ao homem que amo.

De uns tempos para cá está sendo difícil agradá-lo, ele sempre pede mais e eu não consigo me submeter a tudo que me pede. Tenho medo dele me largar, se ele fizer isso não sei o que vou fazer da minha vida.

Eu não sei viver sem ele.”

A cada página que leio, mais raiva de mim eu sinto. Não sei como Paloma foi cair nessa conversa fiada, e o pior, fazer tudo o que ele pedia; no fim acabou se tornando uma pessoa que ela não nunca foi. Agora compreendo porque se afastou de nós, a princípio foi pelo namoro, queria passar os fins de semana com ele, mas depois foi por vergonha de nós e da pessoa que se tornou para agradar aquele *filho da puta*.

Paloma, na área do coração, era inocente e boba. Quando ela morava

aqui eu sempre colocava os espertinhos que queriam usá-la para correr. Lá em Jales foi uma presa fácil, romântica, sozinha e carente. A presa perfeita para pessoas sem escrúpulos.

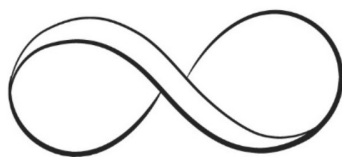
Esse desgraçado se aproximou dela de forma romântica, com bilhetinhos, rosas e bombons, conquistou sua confiança, afastou a família, a usou, e quando não tinha mais serventia a jogou fora como um lixo imprestável.

Isso não vai ficar assim, ele vai pagar por tudo que fez com a minha irmã, com a nossa família. Não importa as consequências, vou destruir a sua vida assim como destruiu a minha; não tenho nada a perder.

Você me tirou tudo, agora vai ter que pagar.

Fecho o diário, caminho até a janela e cruzo os braços, observando a noite chegar. Achei as respostas que eu queria. Paloma pulou do pontilhão, mas não fez isso sozinha. Ele é o culpado por destruir a minha irmã, a minha família. Culpado por destruir a minha vida.

— Eu tenho sede de vingança e não vou parar até te destruir — digo em voz alta, como uma promessa.



06 | PAULA

Quando se perde tudo que mais ama de uma forma inusitada e acaba descobrindo que existe um culpado para o seu sofrimento. O que fazer?

Tenho algumas alternativas que você pode escolher:

- Deixar que o tempo resolva?
- Rezar para Deus que puna essa pessoa?
- Esquecer o que aconteceu e seguir a vida como se nada tivesse acontecido?
- Dar uma ajudinha para o tempo e para Deus, fazendo as coisas acontecerem, e destruir a pessoa que destruiu a sua vida?

Acho que não preciso dizer qual foi a minha decisão. Provavelmente é essa que você está pensando. Jamais conseguiria deixar de lado e seguir a minha vida como se nada tivesse acontecido.

Eu não tenho mais nada a perder, já perdi tudo que eu amava.

Só estava precisando de um “incentivo” para continuar vivendo e agora achei, ele me alimenta e me mantém viva. Portanto, estou dando uma ajudinha ao tempo e a Deus, e não vou parar até destruir quem destruiu a minha vida.

Desde que descobri o diário da Paloma, muita coisa mudou dentro de mim, muitas respostas foram respondidas. Ainda dói, mas focalizei essa dor para me dar forças para fazer o que for preciso. Li e reli o diário várias vezes, decorei cada página, cada palavra escrita; reli os bilhetes e tentei colocar em ordem cronológica. Hoje posso afirmar que sei o motivo que fez Paloma tomar tal atitude.

Por causa de um filho da puta, ela teve sua inocência e alegria roubadas, o pior que nem percebeu a pessoa que estava se tornando. Para agradar, fez coisas que ela jamais faria, frequentou lugares que nem eu teria coragem de frequentar. Em consequência das suas atitudes, Paloma se tornou outra pessoa. Uma pessoa que nunca conheci e nunca imaginava que ela teria capacidade de ser. Quando não foi mais útil, quando não era mais saudável e não conseguia mais agradar, foi descartada como uma roupa velha sem utilidade. Tudo ao que

se prestou em nome desse sentimento mesquinho e egoísta que achava que sentia, foi em vão. Ele, o príncipe encantado, apenas a usou, a largou, chantageou, a afastou da nossa família e acabou com a sua vida.

Paloma ficou perdida e sozinha, ninguém da nossa família ou amigos próximos, sabia o que se passava com ela. Ele a fez sofrer e guardar sua identidade, tinha vídeos e fotos comprometedoras da Paloma, se esse material chegasse nas mãos dos nossos pais eles iriam morrer de qualquer forma, mas nesse caso seria de desgosto. A culpa pela pessoa que tinha se tornado a fez entrar em depressão, usar drogas cada vez mais pesadas, se endividar, perder o emprego e se prostituir para conseguir pagar sua dívida; e ela foi cada vez mais se afundando em um poço sem fim.

Paloma não encontrou outra saída a não ser tirar a própria vida. Para ela o sofrimento acabaria, a nossa família nunca saberia o que realmente tinha acontecido, ela não seria uma decepção para os nossos pais e para mim.

O que Paloma não sabia é que, apesar dos pesares, ela era o meu sangue, nossos pais iriam sofrer, mas juntos a tiraríamos do fundo do poço. Não seria fácil, mas superaríamos para ajudá-la. O ato de tirar a própria vida foi irrefletido e errado. Se ela tivesse me contado, se aberto para mim, hoje ela estaria viva, nossos pais estariam vivos. A nossa família estaria junta.

Se não fosse o diário, eu nunca saberia o que realmente aconteceu, Paloma foi uma vítima, uma marionete nas mãos de um príncipe que parecia mais um cafetão. Ela se culpava, mas não conseguiu ver que não era culpada, mais sim uma vítima. Tantas mulheres como ela acabam cometendo o mesmo erro, acabam sendo enganadas e obrigadas a fazer coisas que não desejam. No início para agradar um homem, com o tempo apenas por serem chantageadas por esse mesmo homem.

Porém, o dejetto de homem que acabou com a minha família vai pagar, nunca mais fará outra mulher sofrer.

Desde que descobri tudo, me esforcei nos estudos, prestei vestibular, fui uma das primeiras colocadas. Viajei para Jales em segredo, olhei tudo de longe, tracei o meu plano nos mínimos detalhes.

Hoje estou pronta para pôr tudo em prática.

Nesse momento estou a caminho de Jales, cidade que vou morar durante algum tempo. Se a minha estadia vai durar até o final do curso, não faço a mínima ideia, mas tenho convicção que irá durar o tempo que for necessário para conseguir o meu único propósito: destruir aquele que destruiu a minha vida.

Estaciono o carro em frente a República, que por um determinado tempo, será a minha casa.

— Paula! — Fatima grita e vem ao meu encontro, mal desço do carro e sou envolvida em um abraço apertado. — Fiquei tão feliz quando disse que tinha passado no vestibular e vinha morar aqui.

— Preciso seguir — digo sem nenhuma emoção.

Para seguir a minha vida, preciso acabar com a pessoa que me destruiu.

— Vamos entrar. Eu te ajudo com as malas — oferece ajuda, sorridente.

Fatima vê a minha vinda como uma superação, ela sempre se faz presente, tenta me fazer sentir querida, ser minha amiga; confesso que se fosse ela já teria desistido de mim, mas ela não desiste. Sou grata por sua amizade e dedicação, infelizmente não consigo retribuir, não consigo confiar nela e nem ser a amiga que precisa.

— Vamos. — Abro o porta-malas e pego as duas bagagens que trouxe.

— Só trouxe isso? — pergunta curiosa.

Para quem veio de mudança, eu realmente trouxe pouca coisa.

— Apenas o necessário. Aos poucos vou trazendo o restante — explico.

— Nos fins de semana pretendo ir para casa. Estou colocando o imóvel para alugar, enquanto não aluga quero ficar lá aos fins de semana — minto, não coloquei minha casa para alugar e nem pretendo.

O que acontece é que preciso de espaço. Morar em uma República com três pessoas diferentes, sendo que nos últimos meses estava morando sozinha, não será fácil, preciso voltar para casa para alimentar o meu ódio e pensar com frieza nos meus passos.

— Eu entendo. Você se sente perto deles na casa que cresceu. — As suas palavras são suaves, acho que realmente está feliz com a minha vinda.

— É! — afirmo e fico em silêncio.

Fatima não me questiona mais e eu agradeço.

Entramos na República e ela me leva direto para o quarto que vou ocupar. Como imaginava, ela reservou o quarto que era da Paloma.

— Bom, esse quarto é seu e sempre foi — diz, abrindo a porta e me dando passagem. Coloco a bolsa no chão e observo o quarto. — Não foi ocupado por mais ninguém.

— Poderia ficar em outro sem problemas — digo, olhando-a.

Fatima ainda está na porta, parada.

— Não, esse quarto é seu e sempre foi. Antes de tudo o que aconteceu, prometi que eu não iria te abandonar, que me faria presente mesmo sem você querer. Paloma me pediu, sei que tenho sido insistente, mas estou fazendo o que prometi, costumo cumprir as minhas promessas, e a vaga na República é uma

delas.

— Obrigada, Fatima — agradeço, oferecendo um sorriso amarelo. — Você tem sido uma boa amiga.

— Estou me esforçando para isso — diz sem jeito, dando os ombros.

— Está indo bem...

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

Caminho pelo quarto, ainda tem o painel de fotos com algumas fotos da Paloma, minha e dos nossos pais. Passo a mão pela fotografia que Paloma está sorrindo, linda, com aquele brilho nos olhos.

— Vai fazer Arquitetura? — Fatima pergunta, entrando no quanto e abrindo a janela. — Era o sonho de ambas.

— Não. — Caminho até a janela aberta e observo a rua. — Era um sonho nosso. Não apenas meu. Não sou capaz de dar continuidade a algo que nunca será realizado. Paloma se foi e levou com ela o nosso sonho.

— Desculpa. Não queria te deixar desconfortável.

— Não se desculpe. — Encaro-a, não deixando transparecer o que realmente sinto. — Estou bem, Fátima. A perda da Paloma e da minha família é real e nada vai trazê-los de volta, já me conformei — minto.

Aprendi a mascarar os meus sentimentos, me fiz forte e fria, para fazer o que preciso não posso deixar as emoções tomarem conta de mim.

Fatima fica me analisando durante breves segundos, tentando decifrar se o que falo é verdade ou mentira.

— Tudo bem, compreendo você. É difícil dar continuidade em algo que era realização de duas pessoas. Fico feliz que esteja seguindo — diz, aceitando o que me propus a mostrar a ela.

— Sim, estou bem — afirmo novamente.

— Então, qual curso que vai fazer?

— Turismo — tento demonstrar empolgação, que no fundo não existe, nunca existiu e nem vai existir; cursar esse curso é apenas um meio de me aproximar da pessoa que desejo destruir. — Ouvi falar muito bem do curso, dos professores, além das vagas de estágio nas Agências de Turismo da cidade. Acho que escolhi bem o curso.

— Nossa que legal.! Um bom curso. Tenho certeza que você vai gostar. Tem muita vaga de estágio remunerado em algumas agências, as maiores da cidade sempre escolhem aqueles alunos com a maior nota.

— Não sabia — minto.

— É verdade. Escolhem entre os melhores, pedem sempre indicação para os professores. Paloma não era do curso, mas como era muito dedicada e com ótimas notas, um professor acabou indicando o nome dela e a agência a

escolheu, tinha um salário considerado alto.

— Acho que ela tinha comentado isso comigo uma vez. Paloma era muito inteligente.

— A inteligência era uma das suas qualidades. Depois que entrou em depressão acabou sendo demitida, foi uma pena, ela ficou ainda pior.

— Uma pena, mas agora é tarde.

— Mas você também vai conseguir um bom estágio, vai ter um futuro brilhante.

— Vou sim. Esse curso vai mudar a minha vida — digo convicta.

Esse curso é a chave de tudo.

— Tenho certeza que vai. Agora vou te deixar sozinha para arrumar suas coisas. Já te incomodei demais — diz, saindo do quarto.

— Fátima! — chamo.

— Oi. — Vira-se para me olhar.

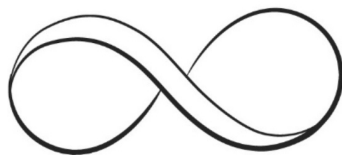
— Obrigada — agradeço de forma sincera.

Fátima não responde, apenas me oferece um sorriso e sai do quarto.

Olho o meu quarto e começo a desfazer as minhas malas, amanhã é o meu primeiro dia de aula.

Depois das minhas coisas arrumadas, deito na cama e fico brincando com as minhas pulseiras.

— Sim, eu tenho certeza que esse curso vai mudar completamente a minha vida — digo em voz baixa. — Não vejo a hora de começar.



07 | PAULA

O dia passou rápido, passei organizando as minhas coisas no quarto. Sabia que me mudar um dia antes de começar as aulas ficaria corrido, mas prefiro assim, me manter ocupada é a melhor coisa a fazer.

Arrumo-me para o meu primeiro dia de aula, visto uma calça jeans e camiseta branca básica, no momento não quero chamar atenção, quero ser apenas mais uma caloura no curso de Turismo.

Procuro mostrar interesse e empolgação pelo curso de forma contida, Fatima acha que esse novo *eu*, é uma forma que encontrei para seguir a minha vida, em partes tenho que concordar com ela.

Ao chegar à faculdade procuro a minha sala e me sento na fileira do canto, no meio, aos poucos os alunos vão chegando e se sentando. Fico disfarçadamente lendo um livro, esperando o professor chegar.

— Qual livro você está lendo? — uma voz pergunta ao meu lado, fazendo-me levantar os olhos para olhá-la. — Desculpe te incomodar, mas vi você tão concentrada no livro que não resisti — se justifica.

— A morte de Sarai — digo, levantando o livro e mostrando a capa.

— Nossa! — Arruma os óculos. — Parece ser bom.

— É ótimo.

Fico em silêncio, dando o assunto como encerrado.

— Eu sou Alice. Estou bem nervosa, tenho vergonha de conversar com as pessoas. — Volto a olhá-la e vejo que os seus olhos estão lacrimosos. — Na verdade, sou um bicho do mato. Te vi lendo, por isso sentei ao seu lado, também gosto de ler. Estou com medo, por isso falo sem parar, eu sei que estou te incomodando, desculpa, melhor trocar de lugar. — Começa a pegar suas coisas, de forma desajeitada.

— Fique. — Toco a sua mão. — Me chamo Paula, não precisa ficar com medo, estou aqui — digo.

A insegurança e o medo se refletem nos olhos de Alice. Olhando para ela, as roupas simples, óculos de grau com armações grossas, cabelos loiros, presos em um rabo de cavalo baixo, falando sem parar, me fez lembrar da minha irmã; e o instinto protetor fala mais alto, mesmo sabendo que não posso ter

amizades, que tenho sempre que estar focada.

— Obrigada. Sou do interior, cheguei ontem na cidade e estou perdida.

— Normal. Com o tempo você se encontra — tento tranquilizá-la.

— Eu vim sozinha, os meus pais estão bem orgulhosos de mim, vou ser a única da família a ter estudo — diz com um sorriso contido. — Sempre sonhei em fazer Turismo e sair viajando pelo mundo. — Enquanto fala os seus olhos brilham. — Sei que deve estar pensando que sou doida, porque disse que tenho vergonha de pessoas, mas escolhi esse curso porque preciso interagir com elas; tenho esperança que até o fim a minha vergonha vá embora.

Enquanto fala, ela gesticula com a mão e acabo sorrindo, dessa vez o meu sorriso é sincero. Alice é jovem e sonhadora, ainda tem muito que aprender, desejo que ninguém tire esse brilho que tem no olhar e nem o seu sorriso.

— Boa noite — o professor diz ao entrar na sala, recebendo atenção de todos.

Eu e Alice nos viramos para prestar atenção na aula, hoje é apenas o primeiro dia de muitos outros que estão por vim.

Na hora do intervalo ficamos juntas, ela vai contando a sua vida, da irmã mais nova de apenas dez anos, dos avós e até mesmo dos cachorros. Mesmo humilde, simples, quando confia Alice é bem comunicativa.

A faculdade não é muito diferente do que eu imaginava, cheia de jovens achando que o seu curso é o melhor, pensando que serão fodões quando se formar; sempre andado em grupinhos, risadinhas aqui e ali; falando das festas e de quem pegou quem.

Os professores, a maior parte, se fazem de simpáticos, sempre pontuando que o curso da faculdade é o melhor que existe, que o mercado de trabalho é extenso e todos terão ótimas oportunidades de emprego.

O meu grupinho é dupla Alice e eu, ela apresenta ser uma boa pessoa, apesar de falar demais, acaba sempre me distraindo e não me cobra, formamos uma boa dupla; ela fala e eu escuto.

Na faculdade aparento ser uma jovem como outra qualquer, cheia de sonhos e perspectivas na área, sempre procurando uma vaga de estágio que não consigo permitirem estágio apenas no segundo semestre. Frequento a biblioteca ao invés das festas, durante as aulas sou participativa, indago os professores sobre o mercado de trabalho e uma possível vaga de estágio em um futuro próximo. Todo o meu esforço vem sendo reconhecido, as minhas notas são as maiores da turma. Tenho o destaque que necessito. Uma aluna esforçada,

humilde, com poucos amigos, focada nos estudos e que não vai em festas, esperando chegar o segundo semestre para tentar uma vaga de estágio para custear a estadia; sozinha e sem família fica cada vez mais difícil me manter no curso. Essa é a imagem que quero passar e estou passando.

Nos fins de semana vou para minha casa ou fico trancada dentro do quarto. Fátima se faz presente, mas tenta não ficar me pressionando para sair, faz o convite, mas não fica insistindo e agradeço por isso.

Na República, percebo que as outras meninas quase não ficam em casa, usam o local apenas para dormir e quando estão, não me incomodam e nem me olham com pena, também não se fala na Paloma e essa descrição aprecio.

— Por que está quieta hoje? — pergunto, arrumando o meu material no fim da aula. — Estou te observando desde que começou a aula e você quase não falou. Está triste, com os olhos vermelhos, sinal que já chorou hoje.

— Estou bem — Alice responde abaixando a cabeça.

— Pensei que confiasse em mim, Alice. Diz logo o que tem — digo ríspida. — Nunca minta para mim.

— Desculpa. — Começa a chorar.

Levanto-me e a ajudo a sair da sala para que os outros alunos não a vejam chorando, a conduzo até o banheiro e espero tranquilizar o choro.

— Lave o rosto — peço.

Sem protestar, Alice coloca o material na bancada da pia e lava o rosto, depois me olha desconfiada. Pego toalhas de papel e entrego a ela para enxugar o rosto.

— Melhor? — pergunto e ela balança a cabeça. — Nunca mais chore na frente das pessoas. Elas vão perceber que você é fraca e vão usar isso contra você, para te massacrar. Mesmo que por dentro esteja uma merda, não deixe transparecer. O mundo é dos fortes, Alice, as pessoas são cruéis.

— Desculpa — diz tímida. — Por favor, não brigue comigo.

— Não estou brigando. — Pego outra toalha de papel e limpo o seu rosto. — Só não quero ver as pessoas fazendo você sofrer. — Solto um suspiro.

— Você é uma boa amiga.

— Sou uma péssima amiga. Agora me diz o que você tem — exijo.

— Vou ter que largar o curso. — Uma lágrima escapa do seu rosto.

— O quê? Como assim largar o curso? — indago confusa.

— Eu moro em uma pensão, já disse, o dinheiro que eu tinha acabou e o meu pai não tem como me manter na cidade. Achei que seria mais fácil

conseguir um estágio, mas não sabia que era só a partir do segundo semestre, o dinheiro que tinha só deu para me manter aqui esses três meses. Vou ter que voltar para casa. — Me abraça e volta chorar. — Acabou o meu sonho, vou ter que deixar tudo e voltar para a casa.

— Não chore, Alice.

— Quero estudar, lutei tanto para chegar até aqui e agora ter que largar tudo e voltar para casa.

— Chorar não vai resolver os problemas. — Desfaço o abraço. — Limpe essas lágrimas, levante a cabeça, vamos dar um jeito.

— Que jeito? Não tem mais nada que eu possa fazer, tenho que desocupar o quarto da pensão até sábado.

— Hoje é terça-feira, até sábado tem tempo. Vou dar um jeito.

— Paula, queria acreditar em você, mas o único jeito que tem é eu largar tudo e ir embora — diz desanimada. — Os meus pais estão tristes, mas eles não podem fazer nada.

— Se você não confia em você, então confie em mim. Vou dar um jeito, você não vai largar o curso.

— Paula, você não entende, não é tão simples assim, mesmo que eu consiga pagar a pensão, o que vou comer? E as apostilas da faculdade? O mês que vem como vou me virar sem grana, sem emprego? O que meus pais ganham é para o próprio sustento e tem mês que a comida quase não chega dá o mês todo.

— Confie em mim. Ok? — digo convicta.

— Mas, Paula...

— Confie em mim, preciso repetir de novo?

Olha-me por breves segundos.

— Confio em você — Alice diz me olhando.

— Vou dar um jeito, não se preocupe. — Começo a andar para a saída do banheiro. — Vamos, vim de carro hoje, te deixo na pensão.

Sei que tenho que ser fria e calculista, mas ver o desespero de Alice por ter que desistir da faculdade e consequentemente do seu sonho, me fez ver que ainda tenho coração e sentimentos.

— Aí Paula, nem acreditado que você está me ajudando — diz, colocando a mala no chão assim que entramos no quarto. — Obrigada viu, quando puder vou te pagar tudinho.

— Favores não se pagam, Alice, você estudando e tirando boas notas já

está de bom tamanho.

Ando até a minha cama e me sento.

Não queria alugar a minha casa, porém para ajudar Alice tive que fazer, o dinheiro que estou recebendo do seguro do meu pai é pouco e estava me virando bem com ele, mas agora que decidi dar uma força para Alice a minha despesa irá aumentar, com o dinheiro do aluguel vou poder ajudá-la até o dia em que conseguir o estágio. No nosso curso podemos fazer estágio remunerado a partir do segundo semestre, até ano passado poderia começar assim que entrasse na faculdade, mas a grade curricular mudou, pegando todos de surpresa, inclusive Alice e eu.

Conversei com a Fatima e expliquei a situação, ela aceitou desde que Alice ficasse no meu quarto, visto que na República tem apenas três e cada uma tem o seu. Dividir o meu quarto com Alice não terá problemas. Expliquei para ela como tudo funciona na República, com um sorriso no rosto ela aceitou pegar suas coisas e vir morar aqui.

Rapidamente Alice começa a arrumar suas coisas, não converso, apenas fico escutando o que ela fala, deixei a minha cama próxima a janela, gosto de ficar observando a rua e lembrar dos dias em que fui feliz. Momentos como agora, sentada com as pernas cruzadas, me perco em meus pensamentos. Daria tudo para voltar no tempo e fazer tudo diferente.

— Paula! — Alice toca em meu ombro, assuntando-me.

— O que foi? — indago ríspida.

— Desculpa, vou fazer um lanche e estava perguntando se você quer. —

Os olhos da Alice se enchem de lágrimas.

— Não precisa se desculpar. — A minha voz agora é mais suave.

— Não queria te incomodar, isso não vai voltar a acontecer. Desculpa, Paula, foi sem querer.

— Alice, não precisa se desculpar. Eu fui grossa sem necessidade.

— Sei que estou sendo um estorvo, está dividindo esse quarto...

— Pare de falar agora — ordeno e ela se cala. — Você está aqui porque eu convidei e prometi que iria te ajudar. Você não é nenhum estorvo, Alice, você é a única pessoa que, depois de meses, me fez preocupar e fazer algo bom. Acredite, você não está me atrapalhando.

— Você parece uma irmã mais velha — diz sem graça.

Talvez o carinho que sinto por ela seja esse, de irmã, não que eu esteja substituindo o amor da Paloma ou esquecendo o verdadeiro motivo para estar aqui, mas Alice me faz bem, derruba as minhas barreiras, me faz pensar na vida e questionar as minhas atitudes.

— Eu aceito o lanche — digo para mudar de assunto.

Alice ainda não sabe sobre a minha família, o que sabe é o que ouviu nos corredores, da minha boca nunca soube e nunca perguntou.

— Vou fazer — avisa, levantando-se —, mas o suco fica por sua conta.
— Sorri.

— Justo.

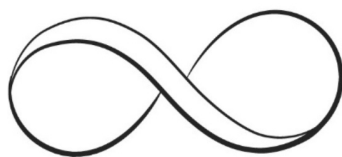
— Não demore — diz, se vira e sai do quarto.

Olho pela janela, observando o movimento lá fora, passo a mão em meu pulso onde estão as nossas pulseiras.

— Era para sermos nós, Paloma — digo baixinho e uma lágrima escapa, mas rapidamente a limpo. — Bola para frente.

Levanto-me e saio do quarto, caminho pela casa até chegar na cozinha e encontrar uma Alice sorridente, toda atrapalhada em meio de ovos, tomates e bacon. Acabo sorrindo ao ver a cena.

Talvez esse seja o primeiro sorriso sincero que dei nos últimos tempos, a sua presença me faz bem.



08 | PAULA

Como quase todos os dias desde que comecei a fazer faculdade, passo a tarde na biblioteca, não somente estudando, mas também reunindo tudo o que me será útil. Já li e reli o diário da Paloma inúmeras vezes, nele coloquei todas as informações que preciso, como:

Paloma trabalhava a agência Calderan Turismo.

O dono é Théodoro Calderan, ele é o gerente geral, tudo passa por ele. O seu pai trabalha na empresa como um mero funcionário.

Paloma começou a trabalhar na agência como secretária do Théodoro.

Sem nenhuma explicação Paloma foi transferida.

Foi demitida sem nenhum aviso prévio.

Foi proibida de pisar os pés novamente na agência.

Esse diário é a prova e incentivo essencial.

Antes de guardar tudo, o folheio mais uma vez, olho os recortes de jornal um por um, depois os guardo e fecho o diário. Passo a mão lentamente pela capa.

— Eu vou conseguir — sussurro, depois coloco em um dos compartimentos da minha bolsa.

Na República raramente posso olhar e estudar o conteúdo do diário, tenho cuidado para que ninguém veja, assim ninguém me questiona. Assim como na República também não vejo as fotos da minha família, não quero que elas fiquem com pena de mim, prefiro ficar aqui na biblioteca, onde ninguém se importa comigo e se alguém me ver chorando vai achar que é por uma prova ou uma nota ruim, ninguém me questiona. Tento não chorar, mas quando vejo as fotos a saudade aperta e é inevitável as lágrimas surgirem em meus olhos.

Afasto o pensamento da minha família e foco nos deveres que preciso realizar, deixar a mente ocupada ajuda a me fazer de forte. Ajeito o meu material, coloco os livros que estava utilizando nos seus respectivos lugares, pego a minha bolsa, pasta, material e me retiro da biblioteca. Está quase na hora da minha aula e eu detesto chegar atrasada.

Caminho pelos corredores da faculdade rumo a minha sala de aula, cumprimento alguns conhecidos com um aceno ou um simples “oi”, não paro para conversar com nenhum deles; não tenho muitas amizades, só converso o essencial. Entro na sala e ocupo o meu lugar de costume.

— Onde você estava? Eu estava te procurando — Alice diz, ocupando a carteira ao meu lado.

— Biblioteca — respondo, enquanto retiro o estojo da bolsa.

— Não estava não!

— Estava sim — afirmo.

Hoje passei a tarde na biblioteca, sai apenas para fazer um lanche rápido e ir ao banheiro.

— Fui lá e não te achei. Olhei em todas as cabines e não te vi — tenta explicar.

— Talvez você foi na hora que eu tinha ido ao banheiro ou na cantina — digo sem muita importância.

— Também te liguei e você não atendeu.

Olho para ela um pouco intrigada.

— Deixei o celular em casa — justifico. — Agora posso saber o motivo de tanta preocupação? Já disse que não gosto de ser controlada — a repreendo.

Alice é uma boa pessoa, mas se eu deixar ela ocupa todos os espaços da minha mente.

— Não estou te controlando. — Revira os olhos. — Eu sei que sou bem espaçosa.

— Isso eu tenho que concordar. — A minha boca se curva em um sorriso. — Adora pular para a minha cama.

— Assim não vale, eu já pedi desculpa, foi um pesadelo. Sempre dormia na cama dos meus pais quando tinha pesadelo, a sua era a única perto no momento. Era uma questão de sobrevivência. — Tão dramática.

Assim como Alice, eu tenho o meu pesadelo, o mesmo que tive naquela noite que tudo mudou. Não acordo gritando, acordo assustada e fico quieta, esperando o dia clarear, normalmente nunca durmo de novo. Sempre repassando o sonho para ver se encontro alguma “informação nova”, até o momento nada diferente aconteceu, nem mesmo a parte do pesadelo que falava das caixas voltou a se repetir.

Poderia correr para cama da Alice, buscar abrigo, mas essa não sou eu. Prefiro enfrentar os meus monstros sozinha, afinal estou sozinha. Alice já tem preocupações demais para ter que se preocupar comigo.

Olho para ela e está assustada, provavelmente pensando em alguma forma para justificar a sua invasão na minha cama durante a noite.

— Sei. — Olho-a sarcástica. — Queria sentir o meu cheirinho e dormir agarradinha comigo.

— Verdade, Paula, eu juro. — Cruza os dois dedos e me mostra. — Foi um pesadelo, aquele bicho ia me pegar, fiquei com medo. Desculpa — diz,

abaixando a cabeça.

Alice é engraçada e ingênua, tem medo de escuro, de ficar sozinha em casa, da chuva, principalmente, do trovão, sempre tem uns pesadelos estranhos, como um urso de pelúcia gigante puxando o seu pé. E são nessas noites que ela se enfia na minha pequena cama de solteiro e fica encolhida com medo de eu mandá-la de volta para a sua cama.

Na primeira vez que se abrigou na minha cama me assustei, ainda não sabia sobre os seus medos, rapidamente ela se desculpou e pediu para dormir comigo. Os seus olhos estavam tão assustados que não tive coragem de negar, então ela deitou e dormiu junto comigo. Agora não me assusto mais quando sinto o colchão da cama afundar, apenas me afasto dando espaço para ela deitar. Com quase três meses morando juntas e dividindo o mesmo quarto, me acostumei com jeitinho Alice de ser. Algumas vezes a vejo igual uma criança crescida, ela tem a capacidade de derrubar as minhas barreiras e me fazer sentir eu mesma novamente, um *eu* que muitas vezes acho que foi perdido em meio a tanta dor.

— Estou brincando, boba. — Seguro a sua mão para mostrar que não estava reclamando ou brigando. — Já disse que pode pular na minha cama quando estiver com medo — digo com carinho.

— Obrigada, Paula. — Aperta a minha mão e abre um sorriso de gratidão.

Acho que uma das coisas que mais gosto em Alice é o brilho dos seus olhos quando sorri, espero que esse brilho nunca se apague.

— Qual o motivo da sua procura por minha pessoa? — indago, soltando a sua mão.

— Nossa, você não vai acreditar. É uma coisa muito boa — diz empolgada, gesticulando com as mãos.

— Então me conte — incentivo.

Cruzo os braços sobre a mesa para ouvir o que ela tem para falar.

— Será que eu conto? — tenta fazer suspense. — Conto sim, não estou me aguentando.

— Alice, fale logo o motivo de ficar atrás de mim feito doida, antes que o professor chegue. — Olho para a porta da sala.

— Então. — Abre um sorriso. — Começamos essa semana o segundo semestre do curso — diz empolgada.

— Essa era a coisa muito importante que tinha para me falar? — indago, sem corresponder a sua empolgação.

— Em partes sim. — Bate palma sem necessidade. — Adivinha a outra parte?

— Tô a fim não. — Apoio as mãos no rosto. — Diz logo, Alice.

— A gente pode fazer estágio remunerado. — Abre ainda mais o sorriso.
— Isso não é o máximo?

— Essa novidade todos os alunos do curso sabem. Está na grade curricular, tem até um cartaz para nos lembrar disso. — Aponto para o cartaz ao lado da porta. — Até o momento você não conseguiu me convencer o motivo por estar tão doida à minha procura.

A faculdade entrou em um recesso de quinze dias e, oficialmente, entramos no segundo semestre. Na lógica era para estarmos de férias, mas prefiro vir para a faculdade assistir as aulas, mesmo já tendo fechado as notas.

— Olhe. — Retira duas folhas da sua pasta e balança no ar. — Adivinha o que é?

— Sou péssima em adivinhação.

— Nossa, nem tem como fazer as coisas com emoção com você — resmunga desanimada.

— Alice, fale rápido! Sem enrolação, o professor pode entrar a qualquer momento e você vai perder a oportunidade de me dizer o que é tão importante — digo, tentando fazê-la falar logo de uma vez.

— Então, hoje à tarde, lá no laboratório de informática, ouvi um dos professores conversando sobre vagas de estágios, então fui no departamento me certificar quais eram e peguei essas duas fichas de inscrição. Uma para mim e outra para você.

— Sério? — Pego a ficha da sua mão e os meus olhos percorrem as informações. — Aí meu deus — exclamo com o coração acelerado.

— Eu disse que a notícia era boa. Sabia que você ia gostar — argumenta orgulhosa.

— Notícia maravilhosa. — Passo o dedo pelo logo da agência. — Calderan Turismo — digo em um sussurro.

— Tem duas vagas para ser secretária dos donos. Eles disseram que vão selecionar os alunos com maior nota do curso, todas as turmas estão concorrendo. Tenho certeza que uma vaga já é sua, Paula.

— Assim espero — digo, ainda olhando a ficha.

— É sim. Aproveitei que já estava no departamento e fui olhar as médias das notas dos alunos do primeiro semestre de todos os períodos e a sua nota de longe é a mais alta.

— Estudei muito para ficar com a média alta — explico, ainda com a ficha em mãos, sem acreditar que mais um passo será dado. — Sempre desejei trabalhar nessa agência, nunca escondi isso de você.

— Eu sei, por isso quando descobri fiquei feito louca para te achar e

contar a novidade. Tem que entregar essa ficha no departamento até amanhã a tarde. Eles têm pressa.

— Amanhã de manhã a minha ficha estará no departamento — afirmo. Levanto os meus olhos da folha em minha mão e olho para Alice. — Obrigada, você não imagina o quanto essa vaga é importante para mim.

— Você é minha amiga, talvez a única que me aguenta, não é nada comparado a tanta coisa que já fez por mim.

— Você é uma boa pessoa.

Volto a olhar para a folha em minhas mãos.

— Eu vou tentar a outra vaga. As minhas notas não são iguais as suas, mas são boas. Você acha que eu consigo?

Volto a olhar para Alice.

— Você consegue, é inteligente, esforçada, e merece um estágio bom, que pague bem.

— O salário é o mais alto entre as outras agências que contratam estagiários. Tenho um pouco de medo de não conseguir, já me escrevi em outras vagas — explica. — Eu preciso muito de uma vaga, se não for na Calderan que seja em outro lugar.

— Você consegue, Alice. As suas notas são tão boas quanto as minhas, merece essa vaga assim como eu.

— Então vamos tentar, quem sabe não conseguimos estagiar juntas? — diz com esperança.

— Boa noite! — o professor diz, entrando na sala de aula.

Dou um sorriso para Alice, dando o assunto por encerrado.

Após a aula vamos embora para a República, o trajeto é um pouco demorado, visto que hoje fui de ônibus para a faculdade; não são todos os dias que me dou ao luxo de ir de carro, combustível custa caro, o que tenho da para viver sem luxo e é isso que venho fazendo.

Sentada à mesa da cozinha, começo a preencher a ficha de inscrição. A cada item preenchido faço uma oração, eu preciso entrar nessa agência. Alice, depois de vestir o seu pijama de princesa Sofia, senta ao meu lado e começa a preencher a sua.

Assim que acabamos, colocamos as nossas fichas à nossa frente, não falamos nada, mas ambas sabemos o que esse papel significava para cada uma de nós.

— Estou com fome — Alice diz quebrando o silêncio. — Na verdade, com muita fome mesmo.

— Um lanche? — pergunto, imaginando a sua resposta.

— Tô com fome de comida. O que acha de uma macarrão com salsicha?

— Isso é comida de escola Alice — a repreendo.

— Comida é comida. Amo macarrão — informa, sem dar muita importância a minha cara. Ela levanta da mesa e vai até o armário, pega uma panela, enche de água e leva até o fogão. — Eu vou fazer, se quiser comer vai ter que ajudar.

— Eu lavo a louca — ofereço a ajuda, também estou com fome.

— Hum... cheiro de comida. Alice na cozinha de novo? — Fatima indaga ao entrar na cozinha. — Também quero.

— Eu cozinho, Paula lava a louça e você guarda.

— Fechado — Fatima aceita.

Fatima senta do meu lado, esperando Alice cozinhar.

— Alice te faz bem, Paula — comenta para apenas eu escutar.

— Sim, ela faz — afirmo.

— Fico feliz por te ver seguindo, ela chegou em uma parte do seu coração que eu jamais iria conseguir chegar.

— Você me ajudou muito, Fatima.

— Eu tentei. — Segura a minha mão. — Mas aquela ali — aponta para Alice —, fez muito mais, ela te fez sorrir. — Sorri. — Agora vai lavar a louça para que eu possa secar, porque também quero comer a comida de escola dela.

Não respondo, sei que o que me disse é verdade, Fatima sempre esteve ao meu lado, mas não conseguiu chegar onde Alice chegou; não tem nenhuma explicação lógica para esse fato.

No fim as meninas percebem o movimento na cozinha e logo se unem a nós, juntas, preparamos o macarrão, nos alimentamos e depois limpamos a sujeira feita. Depois cada uma vai para o seu quarto.

Quando deito na minha cama para dormir, mil coisas passam por minha cabeça, acabo demorando a pegar no sono.

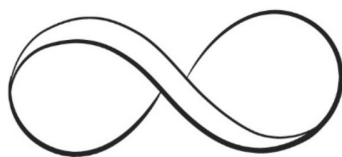
Assim que amanhece levanto da minha cama, faço a minha higiene e tomo café. Pouco tempo depois Alice, dorminhoca, acorda na sua lerdice de sempre, demora um pouco para o espírito chegar em seu corpo e ficar desperta. Depois que isso acontece só Jesus na causa.

Alice me acompanha até o departamento, entregamos as nossas fichas e a secretária olha os nossos currículos e consequentemente as nossas notas, como são satisfatórias ela fica de nos ligar para marcar a entrevista.

Saímos do departamento confiantes.

— A sorte foi lançada — Alice fala, cruzando os dedos. — Vamos conseguir.

— Sim, nós vamos — afirmo.



09 | PAULA

Já se passou um ano desde que encontrei o diário perdido entre os pertences da minha irmã e acabei confirmando o que vinha martelando em minha cabeça desde a sua partida. Paloma não cometeu suicídio por algum motivo fútil, ou como o laudo da polícia constatou, por ser usuária de drogas e sofrer de depressão. Esse laudo era apenas a ponta do iceberg. Não vou dizer que a depressão e o uso de drogas não contribuíram para sua morte, mas quem a induziu a usar drogas e logo após a entrar em depressão, é o verdadeiro culpado. Ela foi massacrada, o que fez foi um ato de desespero de uma pessoa que estava sendo ameaçada constantemente por aquele que dizia que a amava e que do dia para noite não se voltou contra ela.

Nesse tempo que se passou, peguei cada ferida aberta pela perda de cada um da minha família, cada lágrima de dor foi incentivo para continuar. Não queria somente existir, vegetar, ou ficar lamentando pela minha perda; não queria me entregar.

Fui atrás do culpado e estou cada dia mais perto. Ele tem que pagar e eu sou a pessoa que vai cobrar essa dívida. A moeda dessa cobrança é fazê-lo perder tudo, assim como eu perdi. Não aceito negociação. Quero o seu fim, a sua destruição, e nada menos que isso.

Tive paciência e sangue frio para estudar, prestar o vestibular e passar. Estudar um curso que nunca gostei, não foi uma tarefa fácil ou prazerosa. Mesmo assim consegui tirar as melhores notas, ser o destaque da sala, sempre com uma conduta correta, sem orgias, sexo casual, nada que denegrisse a imagem de boa moça que perdeu a família. Na faculdade ministrava o meu tempo entre estudar e investigar a agência que ansiava fazer parte um dia.

Esse dia chegou. Agora enfim vou poder pôr em prática tudo que planejei, ficarei frente a frente da pessoa que acabou com tudo que eu amava nessa vida. Vou ter o sangue frio de destruí-lo aos poucos, quando perceber estará em um abismo sem fim.

A minha entrevista foi marcada, é segunda-feira na parte da tarde. Quando a secretária ligou me avisando que fui selecionada, senti como um passo a mais para alcançar o meu objetivo. Essa vaga é minha, tenho convicção disso.

Para adquirir força, esse fim de semana resolvi vir visitar o túmulo da

minha família, estou aqui sentada sobre a lápide desde que cheguei essa manhã, não tenho casa para ir, a minha ainda está alugada. Gosto de ficar aqui, sentindo o vento bater em meu rosto, esperando o tempo passar e pensando nos meus próximos passos.

Aproveitei a minha visita e dei uma geral no túmulo, limpei a lápide de cada um, além de colocar flores frescas e acender velas.

No fim da tarde, quando a brisa fresca bate em meu rosto, olho para o tempo, o sol aos poucos começa a se esconder, decido que está a hora de voltar para Jales, está na hora de novamente me despedir e voltar sozinha.

— Está na hora de eu ir, foi bom passar esse domingo em família, não era bem assim que queria, mas, infelizmente, não tenho outra opção. — Fico em silêncio, com o meu coração apertando. — O que importa é que de um jeito meio estranho estamos juntos — digo com um sorriso em meus olhos às lágrimas que começam a cair. — Sei que prometi nunca mais chorar, que ia ser forte e superar tudo... — Tampo a boca, tentando controlar o soluço do meu choro, a ferida nunca se fechou, está aberta. — Mas vocês precisam entender que quando estou aqui com vocês, não consigo me controlar. É difícil me fazer de forte o tempo todo. Ainda dói muito, mesmo hoje fazendo quase dois anos da partida da minha irmã, a partir dessa data tudo desmoronou; cinco meses depois mamãe e dois meses depois o papai. Precisam entender que é difícil. Em menos de um ano perdi todos. Mesmo com esse tempo, ainda é tudo muito vivo e recente dentro de mim. Por favor, não fiquem tristes comigo, posso afirmar que estou melhor do que ontem. — Fico em silêncio por alguns segundos. — Na semana passada entreguei a ficha de inscrição para a vaga de estágio na Calderan Turismo. — Limpo as lágrimas e paro de chorar. — A minha entrevista foi marcada e tenho certeza que a vaga é minha. Não se preocupem, vou conseguir acabar com aquele que acabou com a nossa família. Custe o que custar ele vai pagar, eu prometo isso para vocês. — Levanto-me. — Estou bem, família, de onde vocês estiverem cuidem de mim e aproveitem para dar uma olhadinha na Alice, ela é uma boa pessoa.

Viro-me e vou caminhando lentamente para a saída do cemitério.

Quando chego em Jales já é noite, vou direto para o banheiro e tomo um banho demorado, o meu corpo está cansado, a minha mente está a mil por hora. Quando a água gelada cai em meus ombros, começo a sentir o meu corpo relaxar. Lavo os meus cabelos e ensabo o meu corpo sem nenhuma pressa, quando acabo o banho me sinto melhor.

Enrolo-me na toalha e vou para o meu quarto, visto uma camisola, penteio

os cabelos, apago a luz e me deito. Hoje não quero ver ninguém. Quero ficar sozinha. Fico quietinha, encolhida na minha cama, assim como ficava na cama dos meus pais, esperando o sono chegar.

Poucos minutos depois que me deito a luz do quarto se ascende, me viro para ver quem foi que entrou e vejo Alice, sorridente, com uma bandeja em mãos.

— Não era para você estar na casa dos seus pais esse fim de semana? — indago, virando-me e cobrindo a minha cabeça com o travesseiro.

— Era, cheguei mais cedo.

— Era para você voltar amanhã.

— Levanta, Paula — diz, tirando o travesseiro da minha cara.

— Não! — protesto e cubro a cabeça com o edredom.

Sinto a beira da cama afundar.

— Eu fiz uma sopa, trouxe aqui para você tomar. Por favor, sente-se — pede com carinho —, está quentinha.

Retiro o travesseiro da minha cara, viro-me e olho para Alice, que sorri e me mostra a bandeja em seu colo. Sento-me na cama, encosto na cabeceira e ela coloca a bandeja em meu colo.

— Sopa de escola? — digo, olhando para a sopa com variados tipos de legumes e macarrão daquele pequeno com um buraquinho no meio.

— Sopa de comida. — Levanta-se, vai até a sua cama, pega o seu travesseiro, vem até a mim e o ajeita nas minhas costas com cuidado. — Tome tudinho, Paula, está quentinha e vai aquecer o seu coração.

Não respondido, começo a tomar a sua sopa, que está deliciosa, não tinha percebido que estava com tanta fome. O plano era dormir e acordar apenas amanhã e assim me alimentar.

Alice fica em silêncio, o que é um milagre, visto que ela é a pessoa mais falante que conheço, desde que não tenha alguém perto de nós, pois aí ela se cala; tem vergonha.

Conforme vou tomando a sopa, olho para Alice, sentada ao meu lado, esperando que eu me alimente.

— Estava muito boa a sua sopa de escola — elogio, levando a última colherada a minha boca.

— Parabéns, foi uma boa menina e tomou tudinho — diz orgulhosa do meu feito.

— Obrigada, Alice, nem percebi que estava com fome.

— Eu sei. — Pega o meu prato, mas eu o seguro.

— Deixa que eu levo até a cozinha e lavo. Você já trouxe aqui na cama para mim.

— Não, hoje eu levo o prato até a cozinha e lavo, você pode deitar agora e dormir.

— Alice? — indago sem entender o seu comportamento.

— Não vou invadir o seu espaço e nem ficar falando sem parar, eu juro, mas se precisar conversar estou aqui. — Pega a bandeja e se levanta.

Penso em sua atitude por breves segundos.

— Por que você veio embora da casa dos seus pais hoje? A entrevista é amanhã a tarde, poderia vir amanhã de manhã, como de costume. Está com medo da entrevista?

— Eu sei que sou faladeira, mas, mesmo assim, você é a minha amiga, tenho vergonha das pessoas, mas você me faz sentir incluída onde nós duas estivermos. Não estou com medo de amanhã porque você vai estar lá comigo e vai dar tudo certo, vamos conseguir a vaga de estágio.

— Então por quê?

— Essa semana, sem querer, você acabou soltando que ia visitar a sua família, depois, sem perceber, disse que quando vai lá passa o dia no túmulo deles. Toda vez que faz isso chega aqui, visivelmente abalada, e faz um ritual: toma banho e se tranca no quarto, mas depois de três dias começa a voltar ao normal. Eu sabia que hoje você iria chegar da mesma forma, então pensei em quebrar o seu ritual. Por isso voltei mais cedo, esperei você tomar banho, trouxe uma sopa de comida quentinha para aquecer o seu coração, agora você vai deitar e ficar olhando para a janela até cair no sono e amanhã vai estar melhor.

— Alice...

— Só queria mostrar que me preocupo com você, eu não posso imaginar a dor que sente por tudo o que aconteceu. Sei que se faz de forte, que fala pouco deles, mas que sofre e focaliza tudo no estudo. Fazer a sopa só foi um modo de dizer que eu estou aqui.

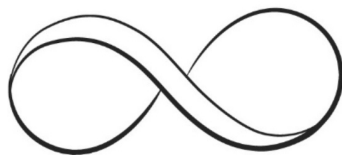
— Obrigada — agradeço pela amizade e carinho.

Quando volto das minhas visitas sempre volto mais triste. Tranco-me no quarto para evitar as meninas de fazerem a tradicional pergunta “você está bem?” e eu sempre afirmar que sim, mesmo não estando.

— Agora deita e dorme, amanhã é outro dia — ordena, enquanto apaga a luz e fecha a porta.

Faço o que Alice sugeriu, fecho os meus olhos e, para minha surpresa, acabo adormecendo rapidamente.

Amanhã é outro dia...



10 | PAULA

Quando abro meus olhos de manhã, estranhamente me sinto bem, dormi a noite toda em um sono tranquilo, sem pesadelo, sem insônia. Normalmente não acordo assim no dia seguinte à visita ao túmulo da minha família.

Viro-me para me despreguiçar.

— Aí!

As minhas costas batem em algo. Olho para o lado para ver no que esbarrei e vejo uma cabelereira espalhada em um rosto com a boca aberta, ainda dormindo, com baba escorrendo pelo canto da boca

— Alice. — Um sorriso escapa do meu rosto.

Com cuidado, tento me levantar da cama para não acordá-la. Estou tão acostumada com Alice na minha cama que nem acordo mais quando ela pula para cá durante a madrugada, fugindo de algum monstro ou por causa de algum pesadelo.

Sem fazer barulho, escolho uma roupa e caminho para o banheiro, tomo banho e faço a minha higiene.

Na cozinha, sozinha, preparo o meu café, sou sempre a primeira a acordar, gosto de tomar o meu café com tranquilidade. Sento-me à mesa com a xícara na mão.

— Enfim chegou o dia — sussurro, levando a xícara até a boca.

Mais um passo vai ser dado essa tarde. Foi um longo caminho, é apenas uma entrevista que tenho convicção que vou conseguir. Não vou falhar agora que cheguei tão perto.

— Bom dia. — Alice senta ao meu lado, com a cara amassada.

— Bom dia — respondo.

Acabo sorrindo pelo estado deprimente que fica todos os dias quando acorda.

Parecendo um robô, Alice se serve de café e o bebe, sem trocar nenhuma palavra comigo, depois da segunda xícara a sua feição começa a mudar e ela já começar a falar aos poucos, na terceira ela já fala feito tagarela. Conta do passeio na casa dos pais, sobre a entrevista e até do cachorro da vizinha da mãe, que deu cria e ela quer a minha ajuda para a República aceitar adotar um dos

filhotes.

Gosto de ouvir Alice falando, queria ser leve como ela, não ver maldade nas pessoas, mas não sou, virei uma carcaça sem coração, com sede de vingança.

— Sem cachorros, Alice.

Pego a minha xícara, levo até a pia e a lavo. Enquanto Alice continua a falar sem parar, só sossega um pouco quando está comendo o pão.

— Mas Paula, eles são lindos. Você precisa ver e eles precisam de um lar — tenta me convencer.

— Faz votação na República — sugiro, aproximando-me dela. — Obrigada por ontem — digo, depositando um beijo em seu rosto.

Alice sorri.

Saio da cozinha a deixando sozinha para tomar o seu café, sei que daqui a pouco já vai estar elétrica e nervosa com a entrevista e vem correndo atrás de mim.

Vou até o quarto e separo a roupa que pretendo usar na entrevista. Olho no celular, mas a hora custa a passar. Estou ansiosa, tenho fé que vai dar certo, que vou entrar na agência Calderan Turismo.

— Vai dar tudo certo, eu vou conseguir — repito como um mantra.

A nossa entrevista foi marcada no mesmo horário, isso lado foi bom, assim podemos conversar e apoiar uma a outra.

Chegamos juntas a Calderan Turismo, Alice aparentemente está mais nervosa que eu. Também estou nervosa, a diferença que aprendi a mascarar os meus sentimentos.

Sentadas na sala de espera, ficamos em silêncio, não tem apenas nós para a entrevista, são no total seis candidatas, que entram uma a uma para fazer a entrevista.

As primeiras candidatas saem da entrevista, algumas se mostram confiantes e outras ficam desanimadas. Todas com a resposta que receberão uma ligação avisando sobre o resultado da entrevista.

Resta agora na sala, apenas eu e Alice. A porta se abre novamente.

— Paula e Alice — a mulher nos olha.

— Somos nós — digo com firmeza na fala.

Olho para Alice, que está com os olhos vibrantes, mostrando o nervosismo que sente.

Calma! — sussurro. — Eu estou aqui.

Em resposta, Alice sorri.

— Por favor, entrem. — Aponta para a porta.

— As duas? — Alice pergunta.

— Sim, as duas. — A mulher que fará a entrevista sorri.

Levantamos e seguro as mãos trêmulas da Alice. Não sei como ainda não começou a chorar.

— Calma, vai dar tudo certo — tento acalmá-la. — A vaga é nossa. Confia em mim?

— Confio.

— Então vamos entrar lá e conseguir essa vaga juntas.

Alice sorri um sorriso amarelo e juntas entramos na sala.

— Boa tarde — cumprimento.

Alice me olha, dou sinal e ela acaba também respondendo.

— Boa tarde — responde a mulher responsável pela entrevista. — Por favor, sentem-se. — Aponta para duas cadeiras.

Alice e eu nos sentamos e mulher começa a falar:

— Sou Rebeca, resolvi fazer a entrevista com ambas, pois conforme a ficha de vocês, estão na mesma faculdade e período. Confere?

Nos olha, esperando a resposta.

— Sim — respondemos juntas.

— Quem é quem? — pergunta.

— Eu sou Paula.

— Alice.

— Por favor, falem um pouco de vocês. As perspectivas na área, o motivo de se candidatar a essa vaga, enfim, o que mais achar importante.

— Bom... — começo — eu sou Paula, como já disse. Vim para a cidade fazer faculdade de Turismo, sou natural de uma cidade próxima. Sempre lutei por aquilo que quis e fazer faculdade foi um dos meus objetivos, me esforcei para ter as melhores notas no curso e conseguir o melhor emprego ou estágio. — Não minto, tudo o que falei até o momento é verdade. — Trabalhar na Calderan Turismo, como uma das maiores e mais promissoras no ramo, me faz desejar fazer parte dessa equipe... — Sei que soa prepotente, arrogante, mas são sinceras as minhas palavras, lutei muito para chegar aqui para agora me fazer de coitada. Quero essa vaga, fiz o que fiz para chegar aqui e não vou voltar para trás sem a minha contratação.

— Impressionada. — Rebeca cruza as mãos em cima da mesa. — E se você fracassar? — me questiona.

— O fracasso não faz parte do meu vocabulário — respondo sem pensar duas vezes.

— Tenho que dizer que nunca fiz uma entrevista com alguém tão direta e

firme nas palavras. Você tem convicção do que deseja, busca, corre atrás. E, pelo visto, não sabe ouvir "não".

— Caso ouça um "não", irei em busca do sim. O que não posso é deixar me abater diante de alguma dificuldade, afinal, o *não* está presente no nosso dia a dia, o que nos resta é mudar isso.

— Bom, a Paula já disse para que veio. — Olha para a Alice. — Agora eu quero saber um pouco de você.

— Meu nome é Alice, tenho 19 anos, sou do interior e vim fazer faculdade aqui para realizar o meu sonho. Sei das minhas limitações, que falo muito, mas sou esforçada... — Alice começa a falar dela mesma, tem insegurança na fala, mas consegue fazer uma boa narrativa de si mesma.

O olhar da Alice vai de mim para Rebeca enquanto fala, com um levantar de cabeça digo em silêncio para não abaixar a cabeça, que ela consegue. No final do seu discurso a sua voz está firme.

— É isso, acho que disse tudo o que é importante — finaliza Alice.

— Muito interessante. — Rebeca olha de mim para Alice. — Temos aqui uma pessoa com o pé no chão, que sabe o que quer da vida. — Vira-se para mim. — E uma sonhadora. Vocês duas formam uma bela dubla. Uma completa a outra — constata.

— Isso é bom? — Alice questiona.

— É ótimo. Ambas estão contratadas — Rebeca informa, olhando para nós duas. — Parabéns, se saíram muito bem.

— Obrigada! — Alice quase dá um pulo da cadeira.

— Alice, você será a secretária do senhor Calderan, faz o perfil dele, tem sede de aprender e ele gosta de ensinar. Já você, Paula, será a secretária do Théo, você vai ter que fazer uso da sua sensatez. Essa sua postura desafiadora, de não temer nada, será de muita valia. Em algumas circunstâncias ambas irão trabalhar juntas, como amigas saberão qual caminho escolher. Passem no R.H, peguem a relação de documentos e a autorização para fazer os exames admissionais. Começam amanhã — finaliza, já se levantando.

— Obrigada. — Estendo a mão. — Será um prazer fazer parte dessa equipe.

— Será um prazer ter ambas fazendo parte do nosso quadro de funcionários.

Aperta a minha mão e depois da Alice.

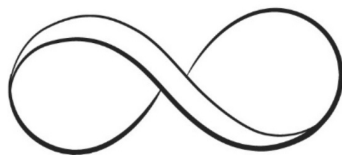
Saímos da sala, olho para Alice e ela está radiante, afinal conseguiu um emprego que irá ajudar a se manter na cidade e na faculdade e de quebra ajudar os pais.

Passamos no R.H, pegamos a lista de documentos e a autorização dos

exames, realmente é o nosso dia de sorte. Conseguimos fazer tudo no restinho da tarde.

Em casa, depois da jantar, sentada na janela olhando a noite, passo a mão na pulseira que vem me dando forças desde sempre.

— Eu consegui. Mais um passo foi dado. — Fecho os meus olhos e deixo o vento bater no meu rosto, enquanto choro baixinho. — O seu fim está cada vez mais próximo.



11 | PAULA

Tive uma noite de sono tranquila, acabei tomando meia banda de calmante para dormir. Sabia que hoje seria um dia importante, finalmente ficarei cara a cara com aquele que acabou com a minha família, que destruiu a minha vida.

Acordo cedo, mesmo antes do celular despertar, a meia banda de calmante serve para me deixar mais calma, mas ainda fico elétrica e não sonolenta.

O motivo de acordar mais cedo é que eu gosto de me arrumar com calma, tomar banho tranquilamente, sem correria, sem gritaria para sair logo do banheiro. Sei que as meninas acordam em cima da hora e vira uma bagunça generalizada, para todas conseguirem sair de casa no horário.

Levanto da cama, olho para Alice, que ainda dorme. Hoje está na sua cama, provavelmente não teve nenhum pesadelo ou viu algum monstro para pular para minha cama.

Pego a roupa que separei ontem a noite, junto com a *necessaire*. Vou para o banheiro, tomo banho, faço a minha higiene, visto um conjunto de saia de risca de giz preta, com blusa de cetim azul; nada muito revelador, mas que dá espaço para a imaginação. Os meus cabelos estão curtos agora, impossibilitando de prendê-los, portanto, só os ajeito atrás da orelha. Estou quase pronta, só falta apenas calçar a sandália.

Volto para o quarto em busca da sandália e encontro Alice do mesmo jeito de quando sai para tomar banho e me arrumar. Muito bonito, provavelmente o despertador tocou e ela, no seu modo morta-viva, o desligou e voltou a dormir. Bem a cara dela ter esse tipo de atitude.

— Alice! — chamo e a bicha nem se mexe — Alice! — Aproximo-me e dou um chocalhão nela. — Alice, acorda.

— Aí! — Cobre a cabeça com o travesseiro. — Deixa eu dormir, mãe — resmunga.

— Não sou sua mãe, Alice, mas se eu fosse você levantaria dessa cama agora, se não quiser chegar atrasada no seu primeiro dia de emprego — a repreendo.

— Eita! — Senta-se na cama. — É hoje? — Sorri.

— Hoje — afirmo, indo até a sapateira pegar a sandália para calçar.
— Aí meu Deus, tô atrasada — começa a se situar. — Que horas são?
— Sete e meia — respondo, sentando na cama para calçar a minha sandália.

— Senhor. — Pega o celular, vê a hora e levanta correndo. — Não estou atrasada, mas falta bem pouco.

— Corre, senão vai se atrasar. — Coloco pilha para agilizar.

— Anda, Paula, fica aí parada não, vamos chegar atrasadas. Me ajuda.

— Eu?

— Escolhe a minha roupa — pede, fazendo cara de cadelinha que caiu da mudança.

— Corre que eu arrumo, eu já estou pronta. Você que vai chegar atrasada senão correr.

— Aí, obrigada. Vou tomar banho rapidinho. — Sai correndo e em poucos segundos volta para o quarto. — Esqueci a toalha. — Corre de novo para o banheiro.

Abro a parte do seu guarda-roupa e escolho a roupa para ela usar, coloco em cima da cama, junto com o sapato. Só fico imaginando, todos os dias Alice acordando atrasada, nesse desespero. Amanhã vou acordá-la mais cedo, assim não fica ainda mais doida.

Vou para a cozinha preparar o café, enquanto Alice não fica pronta, necessito de boa dose de cafeína todos os dias; forte e amargo, assim como meus pais gostavam. O meu pai sempre dizia que era para despertar o sono, hoje não sei ficar sem.

Tomo o meu café preto e puro. Na velocidade da luz, Alice entra na cozinha com a bolsa de lado, vestida, maquiada e com os cabelos presos em um rabo de cavalo.

— Estou pronta — avisa ofegante. — Acho que dá tempo de tomar café. Olho no relógio em meu pulso.

— Você tem dez minutos.

Pego a minha xícara, levo até a pia, lavo, e depois guardo.

— Só vou tomar uma xícara de café para acordar aí a gente já pode ir — avisa toda atrapalhada. — Necessito do meu café.

— Amanhã acorde mais cedo para poder tomar café com calma — aconselho. — Vou pegar a minha bolsa no quarto enquanto toma o seu café. Espero você no carro — aviso.

— Tá bom, eu não demoro.

Ando até o quarto e confiro a minha aparência no espelho. Gosto do que vejo, estou um pouco nervosa e insegura.

— Me desejem sorte, família. — Seguro a pulseira e fecho os meus olhos por breves segundos, fazendo uma prece silenciosa.

Pego minha bolsa e a chave do carro. Assim que saio do quarto dou de cara com Alice.

— Vamos, estamos atrasadas — diz, ajeitando a bolsa em seu ombro. — Gostei da roupa que escolheu. Obrigada.

— Calma, estamos no horário — aviso, olhando no relógio. — E não se esqueça, amanhã acorde mais cedo.

— Vou tentar.

— Alice! Alice! — advirto.

— Se você me acordar mais cedo, facilita bem. — Sorri.

Balanço a cabeça e acabo sorrindo também.

Na agência, somos recebidas por Rebeca, que nos apresenta o local e explica como tudo funciona. Próximo às dez da manhã, depois de ter andado quase a agência inteira, ela nos leva aos nossos respectivos lugares.

O senhor Calderan não está na agência, segundo Rebeca, ele vive viajando, mas deixou todas as atividades para Alice realizar. Depois de explicar para Alice sua tarefa e mostrar a mesa, enfim saímos rumo ao meu lugar aqui na agência.

— Paula, você vai trabalhar aqui. — Passamos por um corretor que dá em uma ampla sala. — Essa será sua mesa, pode arrumar as suas coisas na gaveta. Naquela porta é a despensa, você não é a garota do café, mas se quiser levar café para o Théo no decorrer do dia, ele será grato. Toda essa ala é da gerência, por isso é bem equipada com a despensa/copa e banheiro para que você não se ausente antes do seu horário ou somente quando for solicitada. Aqui é o coração da agência, tudo se passa por aqui, tudo vai passar por você, por isso te escolhi, por ter os pés no chão e ser fria e calculista. Eu sempre vou estar aqui para ajudar. Alice também vai te ajudar, ela fica em um lugar mais isolado porque o senhor Calderan não gosta desse entre e sai de pessoas. É a idade — sussurra. — Já Théo nasceu para isso. — Sorri — Essa agência é a vida dele, o seu coração bate aqui dentro.

— Nossa! — exclamo.

— Não se assuste, é comum se sentir perdida no início e até mesmo ter medo, mas rapidamente você pega o jeito e se acostuma. Théo é um ótimo patrão, vai saber te instruir da melhor maneira possível. Espero que você use sua sensatez.

— Irei usar.

— O senhor Calderan não aprecia relacionamento entre funcionários, alega que cai a produção, portanto tenha cuidado.

— Já disse, não existe possibilidade do meu envolvimento com nenhum funcionário, principalmente com o patrão.

— Tomara, você é linda, atraente, aparenta ser uma boa funcionária. Se não cair nos encantos do Théo, melhor ainda.

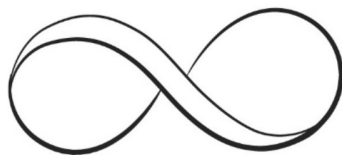
— Não vou cair — afirmo.

Ela assente e sorri.

— Vamos conhecer o Théo? — Coloca a mão na maçaneta.

— Vamos. — Levanto a cabeça.

Enfim chegou a hora de ficar frente a frente com o homem que destruiu a minha família.



12 | PAULA

— Bom dia, Théo. — Rebeca diz ao se aproximar do homem que está sentado à mesa, olhando alguma coisa no computador.

Ao ouvir o cumprimento da Rebeca, ele levanta a cabeça e olha em nossa direção.

— Bom dia, Rebeca — responde, mas olha para mim. — Bom dia.

— Bom dia — respondo, sem sair do lugar que estou.

O meu coração bate descompassado em um misto de ódio e excitação por ter alcançado mais um passo na minha vingança.

— Vim te apresentar a sua nova secretária — Rebeca informa e Théo continua me encarando. — Está começando hoje, de todas que entrevistei foi a única que me despertou interesse e merecedora dessa vaga.

— Confio em sua escolha, Rebeca, sempre seleciona aquela que dá conta de trabalhar ao meu lado — explica.

Encaro os seus olhos claros e sinto um formigamento se instalar na minha pele. Nas minhas pesquisas, havia visto fotos do Théo, mas ao vivo ele é ainda mais impressionante. Posso entender o motivo da Paloma ter caído de quatro por ele, o homem realmente lembra um príncipe. Ele é alto, loiro, olhos claros, está com uma camisa azul clara, remangada na altura dos cotovelos; tem barba rala que, roçada em lugares estratégicos, te faz ver estrelas sob a luz do dia. Uma boca carnuda rosada, olhos penetrantes e o principal, ele é viril, exala sexualidade à sua volta. Um verdadeiro macho alfa, aquele que tem cheiro de sexo, sexo com qualidade, que você sabe que será bem fodida por ele, até esquecer o seu próprio nome.

Théo me encara de cima a baixo, medindo o meu corpo, e se fosse em outra situação isso me deixaria excitada, mas saber que esse é o homem que acabou com a vida da minha irmã e, conseqüentemente, da minha família, só me faz sentir algo se revirando em meu estômago.

— Agora vai aliviar mais o trabalho para o seu lado. A Paula vai te ajudar da melhor maneira possível — Rebeca explica.

— Estava na hora. Já estava ficando louco sem ninguém para me ajudar. — Théo sorri, se levanta da cadeira e caminha até a mim. — Eu sou Théo. — Estende a mão para me cumprimentar.

Sinto-me tonta com a sua proximidade.

— Paula. — Recomponho-me e aperto a sua mão.

— Seja bem-vinda a Calderan Turismo.

— Obrigada, espero desempenhar um bom trabalho.

— De bom você tem tudo. — Percorre novamente os olhos pelo meu corpo, descaradamente. — Pelo visto, muito bom, tenho certeza que vai se sair bem.

Será que foi dessa forma que ele conquistou a minha irmã? Usando essas mesmas palavras.

— Pelo visto aprovou a minha escolha? — Rebeca comenta, chamando a nossa atenção.

— Claro — ele afirma. — Você só escolhe as melhores. Nesse caso em ambos os sentidos.

— Apenas as melhores vão ter a capacidade de estar ao seu lado — rebate Rebeca. — Paula foi feita para ocupar esse cargo.

— Ela poderia ocupar o lugar que deseja, não vou me importar nem um pouco. — Sorri descaradamente e o meu estômago mais uma vez se retorce.

— Já estou no lugar que desejo — afirmo.

— Bom, vou voltar a minha sala, tenho muita coisa para resolver — Rebeca pronuncia. — Théo, sua nova secretária está entregue, cuide bem dela. Paula se mostrou uma ótima funcionária, agora é com você. Se comporte, *ein*, rapaz. Essa foi difícil de encontrar — alerta.

— Não se preocupe, irei cuidar bem dela, com muito zelo, afinal uma boa secretária é difícil de achar.

— Você não pode imaginar o quanto. — Rebeca me olha. — Paula, qualquer coisa pode pedir a minha ajuda, mais tarde passo para saber se precisa de alguma coisa — completa.

— Caso precise, não hesitarei em pedir — digo.

Rebeca sorri e nos lança um último olhar antes de sair da sala, deixando Théo e eu sozinhos.

O ar pesa e me esforço para não voar em seu pescoço e gritar tudo o que ficou entalado desde que descobri aqueles bilhetes. Encaro o seu sorriso fácil e me pergunto como um homem tão bonito pode ser tão cruel?

Théo ainda me encara e quero sair correndo dessa sala, dessa empresa e de perto desse homem. Um sentimento estranho aperta o meu peito e não sei o que exatamente é.

— Agora preciso voltar à minha mesa e começar a trabalhar. O senhor deseja algo? — indago, tentando controlar o misto de sentimentos que estão me deixando desestruturada.

Preparei-me tanto para esse momento e agora estou como uma idiota, sem saber muito bem o que fazer.

— Senhor é o meu pai, que fica em uma sala distante de mim. Não sou velho para ser chamado assim, “você” está ótimo.

— Desculpe-me — sussurro, ainda sem saber muito bem o que dizer.

— Aqui sou apenas Théo. Todos se referem a mim assim e desejo que você também. Seria grato.

Ele acha que vai me ganhar com esse papinho furado e tentando ser gentil.

— Claro, entendi. — Sorrio cinicamente. — Apenas Théo.

— Boa garota. — Pisca.

— Théo... tem algo que deseja que eu faça de imediato? — questiono, sem deixar transparecer os meus sentimentos.

— Muitas coisas. — Me observa com um olhar safado.

Fico em silêncio por alguns segundos, apenas retribuindo o seu olhar e imaginando se ele faz isso com todas as suas secretárias, imaginando quantas delas já caíram nesse papinho e em como Paloma se rendeu aos seus encantos.

— Poderia dizer o que deseja — pergunto, quebrando o silêncio.

Quero sair daqui o mais rápido possível.

— Preciso ir com calma, senão te assusto. — O seu olhar é sugestivo, está falando em duplo sentido.

Mal sabe ele que ao invés de me deixar atraída, Théo só está conseguindo que eu sinta ainda mais raiva dele.

— Não me assusto fácil. Pode dizer, afinal estou aqui para isso.

— Vamos nos sentar. — Aponta a cadeira, à contragosto me sento na cadeira em frente à sua mesa.

— De início vou explicar o seu trabalho aqui na agência, com calma vou te passando tudo.

— Começando os trabalhos? Estou ansiosa para isso.

— Então vamos trabalhar. — Pega uma pilha de papel da sua mesa e me entrega. — Preciso que revise esses contratos, são pacotes de viagens, precisa confirmar hospedagem, passagem, tudo o que estiver incluído no pacote.

— O.K. — Pego a pilha que me entrega e folheio de forma aleatória, enquanto ele continua a falar.

O Théo de sorriso fácil e conquistador se vai, dando lugar para um homem profissional e que sabe exatamente o que está fazendo. Durante a próxima hora falamos sobre tudo o que preciso saber de início, Théo me deixa a par das minhas funções e de como irei ajudá-lo aqui na empresa. O modo como ele fala do trabalho, a paixão que demonstra, me mostram um homem totalmente

diferente do que imaginei antes de chegar aqui.

Como Rebeca disse, ele respira esse lugar, gosta do que faz. Théo é apaixonado pela agência, ela é a sua vida e isso está implícito nas suas palavras e na forma de agir enquanto fala da Calderan Turismo. É algo admirável de ser ver em alguém, mas não posso deixar me influenciar por suas palavras, Paloma falava bem do emprego, mais foi aqui dentro que a sua vida se perdeu.

Justamente por isso, irei usar a coisa que ele mais ama para destruí-lo, a sua empresa será a sua ruína, Théo.

Ter acesso a toda documentação, planilhas e informações da empresa vai facilitar achar algo para destruir isso tudo. Fazer Théo perder a empresa, que tanto ama, é pouco pela dor que fez todos que eu amo passar. É pouco comparado a dor que vou carregar em meu peito pelo resto da minha vida, nada vai trazer a minha família de volta, mas saber que acabei com algo que o culpado por isso ama, vai fazer me sentir vingada.

— Tem alguma dúvida? — questiona depois de explicar tudo.

— Não, senhor... — Reviro os olhos — Théo, por enquanto, eu não tenho dúvidas, você fez uma boa explanação de tudo o que preciso saber nesse momento. Aos poucos vou pegando o jeito.

— Caso tenha dúvidas, pergunte. Você foi contratada como estagiária, mas sua função aqui dentro vai além disso. Prefiro contratar estagiárias por terem sede de aprender, normalmente acabamos contratando depois de formadas. Aqui você vai ter a oportunidade de crescer.

— Obrigada pela oportunidade.

— Se Rebeca te contratou, sei que tem o perfil e a capacidade necessárias para ocupar esse lugar. Aqui dentro você será o meu braço direito, assim como sou o braço direito do meu pai.

Realmente não tinha noção que essa vaga seria tão ampla, é no mínimo louco deixar coisas tão importantes nas mãos de um pessoa sem experiência, mas tenho que concordar que os estagiários, muitas vezes, desempenham a função melhor do que uma pessoa já formada, afinal estamos aprendendo e queremos sempre dar o nosso melhor. Pelo visto o que a agência leva em isso consideração.

— Mais uma vez sou grata pela oportunidade. — Ajeito as pastas que me entregou, em meu colo. — Deseja que faça algo de imediato?

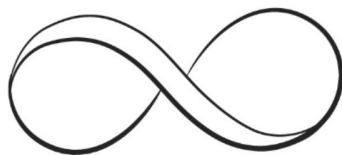
— Desejo. — Os seus olhos ficam nublados e sinto algo se revirar no meu corpo.

— Poderia me dizer?

— De imediato, pode chupar o meu pau bem gostoso, até eu gozar na sua boca, depois pode deitar nessa mesa com as pernas abertas e me deixar chupar

sua boceta até gozar. Então você vai gritar o meu nome enquanto soco o meu pau tão fundo na sua boceta, que não vai aguentar e vai gozar novamente, mas dessa vez vou estar dentro de você. Só assim vou gozar, depois de te ver mole e saciada, provavelmente com os olhos brilhantes.

Direto e reto.



13 | PAULA

Por um breve momento suas palavras me deixam confusa, mas logo volto a mim. Preciso entrar no seu jogo, deixar Théo pensar que sou apenas uma secretária esforçada, que apesar de desejá-lo, tem medo de se envolver com o patrão e prejudicar o seu emprego. Abro os olhos e puxo o ar por meus pulmões.

— Proposta tentadora a sua — digo, mantendo a postura —, mas estou aqui a trabalho e não para foder com o patrão.

Théo me analisa por breves segundos e muda de assunto.

— Você tem uma hora e meia de almoço e está liberada depois das dezoito — avisa, fitando os meus olhos.

— Obrigada. — Ofereço um sorriso gentil. — Rebeca já tinha me avisado dos horários.

— Nesses horários que acabo de mencionar, você não está trabalhando, então podemos foder — diz sem fazer nenhuma cerimônia, deixando bem claro o que deseja. Isso significa que ele não vê nenhum problema em foder com uma funcionária recém-contratada em sua mesa.

— Você está brincando?

— Aprenda algumas coisas ao meu respeito, Paula, em relação a brincadeira. A primeira: essa agência é a minha vida e a levo a sério. Segundo: nunca brinco quando digo que quero foder alguém. Terceiro: as minhas parceiras sempre gozam quando eu as fodo. — Sorri presunçoso.

— Levarei em conta todas essas informações.

— Eu sei que sim, não pense que fiz essa proposta por fazer. Você é o sexo em pessoa, as suas veias pulsam sexualidade. Tenho certeza que está sedenta, assim como eu estou. Existe uma tensão sexual pairando sobre nós.

A única coisa que sinto por você é sede de vingança.

— Você não está errado — minto, entrando no seu jogo. — Existe uma tensão sexual desde que pisei os pés em sua sala. É evidente que dar para você deve ser bom e satisfatório.

— Isso eu posso te garantir.

— Senti desejo sexual por você, não nego, mas sei bem qual o meu lugar e a minha função aqui é trabalhar; mesmo desejando ser fodida por você.

— Estou aqui para te satisfazer — rebate.
— Estou aqui para trabalhar — afirmo.
— Você pode fazer ambas as coisas. Foder e trabalhar. — Sorri. —
Trabalhar e foder, a ordem é você que escolhe.
— Como eu disse, foder nesse momento não é a minha prioridade.
— Poderia pensar melhor.
— A minha prioridade no momento é trabalhar e crescer aqui dentro.
Estou focada nisso, nada vai tirar a minha concentração, mesmo uma foda causal
com um cara gostoso como você.
— Rebeca escolheu bem. — Sorri. — Vou adorar dobrar você.
— Vai ser difícil — desafio.
— Gosto de desafios. — Passa o polegar pelos lábios. — Tem um gosto
inigualável na conquista.
— Se não deseja mais nada além de me foder, melhor eu ir para a minha
mesa e revisar os contratos que me entregou. — Levanto-me.
— Dúvidas pode me perguntar, pedir ajuda, estou aqui para isso.
Trabalho é trabalho, foda a parte.
— Se surgir alguma, não hesitarei em pedir sua ajuda.
— O.K. — Sorri. — Bom trabalho.
Saio da sala e nem ousa olhar para trás, para não vacilar.
Deixo a sua sala com o coração disparado e a garganta seca. Théo não
parece, visivelmente, um homem capaz de enganar uma jovem e apenas usá-la.
O fato de ser tão claro quanto as suas intenções me intriga, Paloma não iria cair
nesse joguinho, ou talvez, a tática mude de acordo com a sua vítima. Sento-me
na minha cadeira e coloco as pastas em cima da mesa.
— Sobrevivi ao primeiro *round*. — Solto o ar dos meus pulmão, que nem
sabia que estava segurando.
Começo a trabalhar e presto atenção aos mínimos detalhes, tudo o que eu
possa vir a usar mais tarde. A primeira coisa que reparo é que a caligrafia do
Théo não é nem mesmo parecida com a usada para escrever os bilhetes que
encontrei na agenda da Paloma. Ele provavelmente alterava a letra para não
gerar suspeitas, para um homem que fez o que fez com a minha irmã tudo é
possível.
Perdida em pensamentos e em busca de fatos que me ajudem na minha
vingança, a manhã passa que nem vejo.
— Hora do almoço! — Théo diz ao meu lado e levanto a cabeça para
olhá-lo.
Os seus olhos me encaram e ele tem um sorriso leve no rosto.
— Já? — questiono.

— Isso não vai dar certo — resmunga. — Já, Paula, vamos almoçar. Por favor, não deixe de se alimentar, sei que o serviço é corrido, mas não sou nenhum carrasco. Gosto que cumpram o horário de almoço.

— Apenas me distraí e não vi a hora passar.

— Eu sei como é. — Dá a volta na mesa e me faz levantar. — Eu sempre esqueço de ir almoçar. A minha tia me liga todo dia me mandando ir comer.

Théo pega a minha bolsa em cima da mesa e me entrega.

— Não se preocupe, antes de ir vou passar aqui para te avisar que está no horário.

— Obrigada.

Olho para ele intrigada. Théo sabe ser gentil, sendo que na verdade teria que ser um babaca egocêntrico e egoísta. Mais uma vez, a sua personalidade não condiz com o homem que criei.

— Vamos almoçar, então? — convida. — Te acompanho até o refeitório.

— Vou com a minha amiga — explico. — Acho que ela nem se deu conta que já é a hora do almoço.

— Já fez amizade?

— Não, ela já era minha amiga, dividimos a mesma República. Começamos a trabalhar juntas hoje.

— Secretária do meu pai?

— Isso.

Théo faz uma careta.

— Coitada, o meu pai é um velho chato, por isso fica naquela sala escondida, não tem paciência para barulho.

— Rebeca disse que Alice ia se dar bem com ele.

— Ela vai, ele gosta de ensinar, só não gosta de barulho. Vamos buscar ela, então. Vamos todos juntos almoçar.

Penso em recusar, mas vejo nesse almoço a oportunidade de tirar mais informações dele. Pego a minha bolsa e saímos juntos.

Caminhamos lado a lado para a sala da Alice, então uma ideia louca passa pela minha cabeça e um medo se instala em meu coração.

— Théo — digo, tocando em seu braço.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta intrigado. — A sua fisionomia mudou — constata preocupado.

Esse homem é um enigma.

— Quero pedir um favor.

— Se eu puder ajudar, estou aqui.

Sei que o que vou falar é insano, mas tenho que tentar protegê-la.

— Alice é uma menina muito importante na minha vida. Por favor, não

queira usá-la para o seu bel prazer.

Théo me olha espantado, como se eu tivesse falado para ele esconder um cadáver, o que me deixa confusa.

— Você é lésbica? — pergunta intrigado.

— Não. Alice é importante na minha vida porque é como se fosse uma irmã para mim — digo, lembrando-me da Paloma, que não pude proteger. — Sinto-me responsável por ela. Se algo ou alguém a ferir, sou capaz de acabar com a vida da pessoa sem pensar duas vezes, não vou deixar ninguém usá-la ou machucá-la. Mesmo sendo você essa pessoa — ameaço, tanto para proteger Alice quanto para acalmar o meu coração.

— Queria ter uma irmã. — Ignora a minha ameaça e sorri. — Sou filho único, nunca tive alguém para brigar ou cuidar de mim. Da forma que diz, essa Alice parece ser realmente muito importante na sua vida.

— Ela é importante.

— Vou respeitá-la. Não porque você está me pedindo, mas pelo carinho e garra que fala dela. Não sou nenhum lobo mau, as pessoas que eu transo são iguais a você: — Sorri. — Experientes. Das inocentes eu sempre quis distância. Não quero ser o cara mau que quebra corações, quero ser o cara foda que as faz gozar e ficar felizes. — Arqueia as sobrancelhas.

Então por que fez isso com a minha irmã?

— Espero que esteja falando a verdade.

— Eu não minto nunca — afirma —, com o tempo você vai perceber isso. Sempre preso pela verdade, doa a quem doer.

O seu olhar sincero me desarma e a minha mente fica confusa. Théo me intriga, vim com uma opinião formada sobre ele, mas em poucas horas ele conseguiu plantar uma semente de dúvida na minha enraizada certeza. Posso ver verdade nas suas palavras e no seu olhar e isso não condiz com alguém que fez o que fez com a minha irmã. Théo não esconde quem é, o que deseja e se é assim, por que fazer Paloma acreditar que ele a amava, para depois largá-la?

Agora, aqui, olhando para esse homem à minha frente, quase não posso acreditar que ele seja o culpado pela destruição da minha família, mas está tudo no diário da Paloma, ele a enganou, usou e jogou fora e mesmo que ele não pareça ser capaz disso, não posso arriscar que faça o mesmo com a Alice.

Para Paloma é tarde, para Alice não.

— Théo, se você ferir Alice eu vou atrás de você, não importa se é o meu patrão, se tem dinheiro ou não. Vou acabar com você — aviso, olhando diretamente em seus olhos para que entenda que não estou brincando.

— Calma aí! — Levanta as mãos para cima. — Prometo que ela vai ser como uma irmã. Sou um safado do bem.

— Que seja. Não quero que a machuque.

— Eu não vou, prometo. — Mais uma vez vejo sinceridade em seus olhos e a confusão se torna ainda maior na minha cabeça.

— Tomara — sussurro.

Uma pergunta passa pela minha mente: será que me enganei quanto a pessoa que fez isso com a minha irmã? Não, não é possível, todas as provas indicam ele como o único culpado.

— Vamos almoçar. — Passa o braço por meu ombro e beija o meu rosto. — Te juro que não vou relatar e nem falar nada obsceno para sua amiga/irmã. Não serei eu a feri-la.

O ato de abraçar e beijar o meu rosto pareceu natural e isso me assunta, as coisas não podem seguir para esse caminho. Théo é o inimigo e preciso aceitar isso.

Voltamos a caminhar, com ele colocando todo o peso nas minhas costas.

— Sabia que você é pesado? — digo, tirando os seus braços de cima de mim. — Folgado.

— Tô cansado, me carrega, Paula — brinca, fazendo bico.

— Cai fora, Théo. — Acabo rindo. — Não sou burro de carga.

Entramos na sala e Alice está igual a mim há alguns minutos, perdida no meio de pastas e papéis.

— Tô fodido. — Aponta para Alice. — Rebeca contratou duas obcecadas por trabalho. — Sorri.

— Alice — chamo, ela levanta a cabeça e quando me vê sorri.

— Paula! — diz animada.

— Prazer, eu sou Théo. — Théo se apresenta, mas nem fala com a Alice. — Nós viemos te buscar para almoçar.

— Mas já!? — exclama. — Não está na hora não, eu tenho um montão de coisa para fazer aqui, não posso sair agora. Vai sem mim, Paula, depois como alguma coisinha.

— Nada disso. Levanta já dessa mesa e vamos almoçar agora. Anda, que estamos esperando — Théo pede.

— Quem você pensa que é para chegar aqui e dizer o que tenho que fazer? — Alice retruca.

— Paula, diz para ela quem eu sou. — Théo cruza os braços e mantém um sorriso triunfante no rosto.

— O chefe — respondo.

— O quê? — Arregala os olhos. — Mentira.

— Verdade — afirmo.

— O seu chefe — Théo diz petulante.

— Aí meu Deus! — Nos olha assustada. — Vou ser demitida no meu primeiro dia?

— Se você não sair de trás dessa mesa agora e for almoçar com a gente, será sim — Théo ameaça. — Com o horário de almoço não se brinca, você precisa se alimentar bem para trabalhar bem.

— Já tô indo. — Alice sai de trás da mesa apressada.

Théo me dá uma cotovelada discreta e sorri, acabo sorrindo também, Alice é uma verdadeira figura do bem e Théo um verdadeiro enigma que preciso desvendar.

— Então vamos almoçar. Vou mostrar para ambas o refeitório.

Théo passa o braço por meu ombro e nos acompanha até o refeitório.

Para o meu total espanto, durante todo o almoço ele nos fez companhia, em nenhum momento falta com respeito com Alice ou joga algum verde, se mantém profissional, respondendo as nossas perguntas, falando dos novos projetos. Não é o mesmo Théo que respira sexo, que queria me foder na sua mesa sem nenhuma cerimônia e que causou a destruição da minha família.

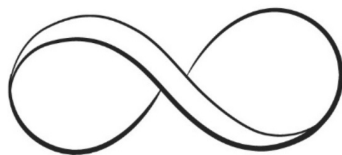
Mantenho-me quieta e aproveito para observá-lo, analisar cada atitude e tentar descobrir se tudo isso não é um teatro para conquistar a minha confiança.

Depois do almoço cada um vai para o seu devido lugar, durante toda a tarde fico perdida no trabalho. Às dezoito horas, Théo me avisa que está na hora de ir embora.

As aulas na faculdade passam como um borrão.

Deitada na minha cama, penso nas atitudes do Théo; ele me intriga, não é nada do que pensei. Tenho ciência que não posso me deixar levar pela aparência de bom moço safado, como ele mesmo se intitula. Ele é culpado pela minha dor, pela perda da minha família e com o tempo vou conseguir provar muita coisa.

Não me deixarei ser enganada por uma cara bonita e um corpo sexy.



14 | PAULA

Os dias passam e acabo me adaptando a minha nova rotina. Pensei que trabalhar na agência seria mais difícil e desgastante, que iria sofrer por trabalhar ao lado daquele que tanto mal me fez, mas é o contrário, podemos dizer que estou aprendendo muito ao seu lado. Mesmo tentando odiá-lo, acabo ficando fascinada por ele.

Théo confia cada dia mais em mim, me delega tarefas de confiança, que desempenho sempre com êxito. O que me intriga é que até agora não encontrei nada que possa me servir de prova. As contas batem, os contratos são lícitos, tudo dentro da lei. Não há nada que degrina a imagem da agência ou até mesmo a sua própria imagem. Théo é mulherengo, não dispensa uma foda fácil, mas não esconde isso de ninguém. Consegue separar bem as fudas com os assuntos da agência. Nunca mistura uma coisa com a outra. Mostra-se ser um bom patrão, sempre preocupado com o bem-estar dos funcionários. Algumas vezes me pego questionando se eu não estou errada? Théo não parece em nada com o monstro que Paloma descreveu em seu diário, ela não mentiria para ela mesma, está tudo escrito, eu li, tem os bilhetes, tem tudo.

Deixo os meus questionamentos de lado e foco nos orçamentos de um resort que Théo me pediu essa manhã.

— Vamos almoçar "delícia".

Levanto a cabeça da papelada com os orçamentos de um resort e dou de cara com a sua boca carnuda, moldada em um sorriso.

— Vamos. — Pego a minha bolsa e levanto da cadeira. — Nossa, a hora hoje passou muito rápido, tenho muito o que fazer ainda.

— Cuidado — alerta —, se o seu patrão estiver te explorando muito me avise que eu dou um jeito nele.

— Agradecida, se ele continuar pegando pesado eu te aviso — brinco. — Vamos almoçar?

Virou uma rotina: todos os dias Théo me chama para almoçar e almoçamos juntos. Passo tanto tempo ao seu lado aqui na agência, que acaba sendo algo normal, visto que sou sua secretária.

— Vamos buscar a "doidinha" primeiro — diz, referindo-se a Alice.

Até hoje ele nunca faltou com respeito a ela. Ele ainda tenta me comer,

mas hoje leva mais na brincadeira, já o vi transando com alguma mulher na sua sala, mas ele não viu que eu estava olhando.

— Ela vai bater em você se continuar a chamando assim — aviso. — Alice está uma fera com esse apelido.

— Eu sou o chefe. — Sorri. — Na minha frente ela não fala nada.

— O. K. Chefe, anda logo que estou com fome.

— Mentirosa. — Passa os braços por meu ombro. — Se eu não tivesse te chamado, você nem teria parado para o almoço.

— Não mesmo — confesso —, estava bem ocupada fazendo o que me pediu essa manhã.

— Viu só, estou falando.

— Para com isso — repreendo. — Nem você teria parado para o almoço.

— Eu paro sim, tenho uma tia para me lembrar todos os dias, faça chuva ou faça sol.

— Neném da titia.

— Sou mesmo e não nego.

— É sua mãe? — questiono.

Em quase três meses trabalhando aqui, ainda não consegui informações da sua vida particular, como eu disse, ele sabe separar bem. O seu pai ninguém chega perto.

— Morreu.

— Sério?

— Sério, eu nasci e ela morreu, a minha tia, irmã da minha mãe, que me criou desde que eu nasci.

— Desculpa, fui inconveniente.

— Nem um pouco. — Sorri. — Não sinto falta de quem não conheci. O meu pai nunca fala dela, quase não tem fotografia, as que tem quase não dá para ver o seu rosto. A minha tia é maravilhosa, todo carinho de mãe conheci com ela, como ela mesmo sempre diz, laços de alma são maior que os laços de sangue.

— Belas palavras dela.

Penso em Paloma, no laço que tínhamos, e sem perceber acabo levando a mão as nossas pulseiras.

— Sempre que fica pensativa você segura o pulso. — Encosta nas minhas pulseiras. — São lindas — elogia.

Théo fica por breves segundos segurando o meu pulso e olhando as pulseiras, sua fisionomia muda, como se lembrasse de algo.

— Théo — uma voz grossa diz atrás de nós.

Théo rapidamente solta o meu pulso e me olha assustado, como se tivesse cometido algum crime.

— Oi pai. — Vira-se.

— O que eu avisei sobre se relacionar com funcionários? — questiona, suas palavras são duras.

— Proibido — Théo responde, olhando para o pai, que mantém a postura rígida e de poucos amigos.

— Menos contato e mais trabalho.

O homem passa por nós e entra na sua sala, sem ao menos me cumprimentar, que estava ao lado do Théo o tempo todo.

Fico pasma, digerindo a cena que acabo de presenciar. Por ser pai e filho achei que a relação de ambos fosse mais harmônica.

— Menos contato e mais trabalho — Théo remenda o pai. — Eu sou um velho chato.

— Cara de pau — acuso rindo. — Na frente dele você fica um santo, engole a seco, ele se vira e você faz graça.

— Não sou besta. — Ri. — Já levei muito tapa na orelha por remendá-lo. Aprendi a lição.

— Você continua remendendo ele, Théo.

— Continuo, só que ele não sabe. — Sorri — Vamos atrás da doidinha.

Seguimos para lá, mas a mesa da Alice está vazia.

— Acho que está na sala de arquivo. Adora ficar lá organizando aqueles papeis velhos e cheio de poeira.

— Vamos, que estou com fome. Daqui a pouco o seu pai sai e vai dar outra comida de rabo na gente.

— Medrosa, o seu chefe sou eu e não ele.

Raramente vejo o senhor Calderan na agência. Ele é fechado, conversa pouco com os funcionários, apenas o necessário. Sempre mantém a postura implacável. Não aprova as atitudes do filho, não tolera erros.

Alice, que convive com ele, se assustou no início, agora já está mais adaptada com a sua personalidade. Ainda sofre um pouco nas mãos do senhor Calderan, mas segundo ela é só fingir demência que dá tudo certo.

Entramos no arquivo e, como previsto, encontramos Alice no meio de pastas empoeiradas.

— Doidinha, você gosta mesmo desse lugar — Théo diz em pé na porta, chamando a sua atenção.

— Eu não sou doidinha e eu odeio esse lugar, mas o seu pai exige que eu sempre venha pegar algum papel perdido e não me pergunte porque, a resposta vai ser: “eu não sei”.

— Aquele velho abusado adora explorar os funcionários. Sorte sua, Paula, que sou um bom patrão. Vamos, doidinha, hora do almoço, chega de

trabalho escravo por hoje.

— Amém. — Alice limpa as mãos na roupa — Exijo um aspirador de pó, já que passo a metade do meu dia aqui dentro, aproveito e tiro o pó daqui, não aguento mais ficar espirrando — reclama.

— Pedido anotado, doidinha. Agora tira o pé do meu almoço e vamos. Logo.

Caminhamos juntos até o refeitório. Nos servimos e como sempre sentamos na mesa do canto para almoçar. A conversa sempre flui de forma agradável, Alice conta as novidades dos corredores da agência e nos faz rir.

— Sabia que vocês dois estão tendo um caso em segredo — Alice sussurra como se fosse um segredo, com um sorriso travesso no rosto.

— Eu de caso? — Théo pergunta intrigado. — Não estou sabendo não. Conta aí quem eu estou comendo sem saber?

— Não prestou atenção no que eu disse? — questiona Alice.

— Disse que Théo e eu estamos tendo um caso — repito as suas palavras. — Agora estou curiosa para saber com quem, visto que estou sem dar há algum tempo. Estou bem necessitada, talvez aproveite o embalo.

— Já te disse que posso resolver essa situação. — Théo sorri safado — Eu e meu pau vamos ter a satisfação de te satisfazer, é só falar.

— Obrigada pela oferta. Como já disse antes, não estou a fim de foder com o patrão. Tenho outras prioridades.

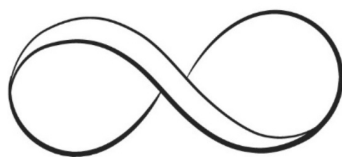
— Analisando os dois de perto e se não fosse amiga e estivesse sempre ao lado de vocês, também acharia que vocês têm um caso. — Alice aponta o dedo para nós.

— Alice, diz logo com quem estou tendo um caso e pare de enrolar — Théo pede com agitação na fala. — Quem sabe vale a pena insistir nesse caso e eu descolo uma foda.

— Faço as palavras do Théo minhas, vai que o crime compensa — digo, animada com a possibilidade de me aliviar.

— Nossa! Vocês dois são muito lerdos — acusa Alice. — Não é óbvio que você — aponta do dedo para o Théo — está tendo um caso com a Paula — e você — aponta o dedo para mim — está tendo um caso com o Théo.

— O quê!? — exclamamos juntos.



15 | PAULA

Quando estou na agência fico focada no trabalho e em conseguir provas. Não sou muito sociável, o meu contato é mais com Théo e Alice. Poucas vezes recorri a ajuda da Rebeca. Portanto, não imaginava que um boato ao meu respeito estava andando pelos corredores da agência. Visto que nunca dei motivos para esse tipo de coisa, sempre me mostro uma ótima profissional, sem conversa fiada ou matando tempo no café ou banheiro. Por isso a minha surpresa com a revelação de Alice.

— Como assim? — indago incrédula, sem acreditar no que ela acaba de dizer. — Ele é o meu patrão — digo o óbvio, quero deixar isso bem separado.

Uma hora a máscara do Théo vai cair, vou provar o que ele fez e acabar com a sua agência. Tenho isso em mente, mesmo que algumas vezes fique em dúvida sobre a sua culpa, o meu objetivo de destruí-lo continua.

Théo acabou com tudo o que eu mais amo.

Com o surgimento da Alice em minha vida e esse emprego, voltei a viver, mas não posso me pegar a esses fatos, um dia Alice vai andar com as suas próprias pernas e esse emprego não é eterno.

Em breve sei que estarei sozinha com a minha dor e quando isso acontecer não quero me arrepender de nada, principalmente de ter tido um caso com a pessoa que matou a minha irmã. Não posso negar que por breves momentos, as cantadas e insinuações do Théo me deixam curiosa e até pouco excitada, mas daí a ter coragem de transar com ele existe uma grande diferença.

— Ela não quer dar para mim — Théo informa.

— Não mesmo. — afirmo. — Théo nunca escondeu isso de ninguém, mas não significa que estamos tendo alguma relação sexual. A nossa única relação é de trabalho.

— Um motivo a mais para ter o fundamento dos boatos — Alice constata. — Trabalham juntos, almoçam juntos, onde um está o outro está também.

— Alice, eu acho que você está louca — protesto. — Já disse, ele é meu patrão, trabalhamos juntos, logo estamos juntos em vários momentos, mas é puramente trabalho e nada além disso.

— Eu tenho que concordar com a Paula, a nossa relação é restritamente a trabalho. Eu infelizmente não fodi a Paula, não foi falta de investidas, ela que

nega toda vez — Théo diz sério. — Eu aceito a decisão dela, quem sabe um dia ela acabe em cima da minha mesa? — Sorri e me olha.

— Só em seus sonhos, Théo. Não realizarei essa sua fantasia — afirmo, devolvendo o seu olhar.

— Está de prova, Alice, sou bem insistente, mas ela nega todas as vezes. — defende-se Théo. — A garota é difícil.

— Théo, já disse inúmeras vezes que não fodo com o patrão. Aceite que dói mesmo

— Acho que vou demitir você. — Fica pensativo.

— Sinta-se à vontade — digo ríspida. — Faço o meu trabalho da melhor forma possível.

— Estou brincando. — Pega a minha mão de cima da mesa, a leva até sua boca e beija. — Não sou louco de demitir você, é uma boa funcionária, além de uma pessoa sensacional; depois será difícil achar uma a sua altura. Paula, você vai ficar para semente aqui na agência.

— Agradecida — digo.

— Tão lindos. — Alice apoia os cotovelos na mesa e a mão debaixo do queixo. — Poderia ficar olhando o dia todo.

— Nem vem, Alice — digo, já imaginando o que pretende falar.

— Meu Deus, o que será que passa nessa cabecinha de doidinha? — indaga Théo.

— Vocês dois não percebem? — Alice analisa. — Vivem juntos, grudados, onde um está o outro está também.

— Claro, ele é o meu patrão e sou a sua secretária, logo tenho contato direto com ele. — Aponto o dedo para Théo. — Já expliquei isso para você.

— Exatamente, Paula está sendo o meu braço direito, confio nela aqui dentro, isso justifica o nosso contato.

— Sei — Alice diz desconfiada.

— Por mais que eu queira fodê-la, respeito a sua posição. Não forço nada, mesmo querendo muito. Já disse isso, doidinha, não escondo.

— Théo...

— Eu sei, Paula, você não quer.

— Gente, vocês dois estão apaixonados e nem sabem — Alice joga a bomba em cima de nós.

— Você está louca — exclamo.

— Sempre disse que era doidinha, agora tenho certeza — Théo afirma. — Eu e Paula, apaixonados, é ridículo.

— Por isso esse bafafá nos corredores. — Alice faz ar de mistério. — Não é só o Théo estar fodendo você, Paula, o negócio é mais sério um pouco.

— Mais? — Paro de comer para observá-la.
— Tem como ficar pior, doidinha?
— Tem. — Sorri. — Bem pior. — Abre um sorriso diabólico.
— Aí meu Deus, diz logo a bomba e pare de enrolar, doidinha.
— Não sei. — Alice faz graça.
— Diz, Alice — peço.
— Não se assustem. — Ri.
— Impossível não se assustar. Você está soltando cada uma hoje, que parece ser mentira — digo.
— Só vou me assustar se você dizer que a Paula não gosta de rola.
— Ridículo. — Dou um tapa no seu ombro.
— Se acalmem, é só para dar um ar de mistério. — Alice se diverte.
— Alice, se você não abrir a boca e dizer agora, quando tiver pesadelo vou derrubar você no chão quando pular na minha cama.
— Você não faria isso? — Alice me olha assusta, balançando a cabeça.
— Faria sim — afirmo.
— Vai ficar sem cama. — Théo dá risada.
— Vocês venceram. — Alice olha de mim para Théo.
— Conte. — Cruzo os braços.
— Conte. — Théo tenta me imitar, mas acaba dando risada.
— O boato é que vocês dois estão em um relacionamento sério. Um casal, namorando.
— Mentira — afirmo.
— Eu nem posso fodê-la, como vou namorar ela? — indaga Théo.
— Só estou falando o que está correndo na agência, dizem que vocês dois formam um casal bem romântico, que nunca viram o Théo tão feliz, com os olhos brilhantes. Dizem que a Paula chegou e conquistou o seu coração, Théo.
— Que mente fértil — digo.
— Depois dessa vou voltar a trabalhar. — Théo se levanta e pega a sua bandeja. — Vamos, Paula?
— Está vendo? — Alice começa a rir. — Vivem juntos — se justifica.
— Tenho muito trabalho. — Levanto-me nervosa. — Ao invés do povo querer ficar cuidando da minha vida, poderiam trabalhar.
— Eu trabalho — Alice exclama ofendida —, muito por sinal.
— Não digo de você, Alice — explico —, mas desse povo que fica espalhando boato sem necessidade. — Acabo me alterando.
— Calma, Paula. — Théo coloca a bandeja na mesa novamente e segura meu ombro, fazendo leves movimentos. — Você sabe da sua capacidade, vou dar um jeito nesse boato.

— Não faça nada, Théo — peço —, me alterei sem necessidade, deixa o povo falar, não me importo.

— Tem certeza — Fita os meus olhos.

— Tenho — afirmo.

— Vamos trabalhar então?

— Vamos — concorda.

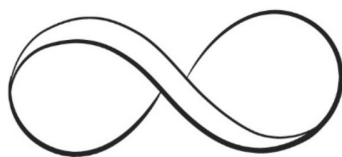
— Tão lindos! — Alice solta e eu a olho feio. — Desculpa. — Tampa a boca com as mãos

Saímos do refeitório, mas esse pensamento permeia a minha cabeça pelo restante do dia.

Há três meses trabalho com Théo e a única coisa que consegui foi ficar mais confusa em relação ao seu envolvimento com a destruição da minha família. O diário da Paloma me mostra uma coisa, a convivência com Théo me mostra outra. Acho que está na hora de mudar de tática e dar prosseguimento na minha vingança.

Talvez, se eu usar esse boato ao meu favor, posso conseguir provas mais rápido. Me envolver romanticamente com Théo, vai me dar ainda mais acesso a sua vida, como namorada posso frequentar sua casa, ser mais próxima do pai e da família e conseguir o que não consegui até agora.

Isso não estava no meus planos, mas pela minha família sou capaz de tudo...



16 | PAULA

O restante da semana passou de forma tranquila, nada de anormal aconteceu. O Théo continua o mesmo, me tratando bem, brincando e na hora que precisa é profissional.

Alice está um pouco diferente, não sei se é algo da minha cabeça, mas estou percebendo ela um pouco triste, não sorri mais com tanta frequência. Já a questioneei se vem acontecendo alguma coisa, mas ela negou, disse que é coisa da minha cabeça. Talvez seja mesmo, ando tão focada que posso estar vendo algo que realmente não existe.

Hoje quero visitar a minha família, com o trabalho e faculdade não estou tendo tempo para ir com tanta frequência como antes. Estou ficando muito cansada fisicamente e principalmente psicologicamente. Reservei um quarto em um pequeno hotel, visto que a minha casa continua alugada, para poder passar esse fim de semana perto deles. Preciso sentir a presença das pessoas que amo, sinto que estou desviando do meu objetivo, não quero isso, quero cumprir o que prometi. Também tenho algumas ideias em mente, tenho que pensar com calma, e ficar perto deles me dá a calma que preciso.

Depois da morte da minha família não tive mais contato com as minhas tias e primos, as amizades que eu tinha foram se afastando, até se tornarem meros conhecidos. Por isso a necessidade de alugar um lugar para ficar, além da privacidade que estou procurando no momento.

Confesso que muita coisa mudou depois que comecei a trabalhar, a dor no meu peito diminuiu um pouco, às vezes me sinto mal quando percebo que estou feliz ou sorrindo com alguma coisa; é como se fosse uma traição com a minha família.

A única pessoa viva que realmente se importa comigo é a Alice, a Fatima e as meninas da República se importam, é claro, moramos juntas, mas Alice é diferente.

No início tentei negar, hoje sei que existe um elo, uma ligação que sem uma explicação coerente, então aceitei esse sentimento; mesmo sabendo que quando ela partir para sua cidade estarei sozinha de novo. Alice apareceu na minha vida e foi entrando aos poucos, ela, sem saber, me fez lembrar que ainda tenho coração.

Acabo de ajeitar a mochila que vou levar e, como de costume, olho para a cama na parede, inversa a minha.

— Alice — chamo.

— Hum — resmunga.

— Vai perder o ônibus — alerta.

Ontem, durante o almoço, avisei que hoje ia viajar, Alice disse que iria ver os pais. Depois que começou a trabalhar começou a intercalar uma semana sim e outra não. Essa semana ela vai, visto que fazem duas semanas que não pode ir, por causa de alguns trabalhos da faculdade.

— Não. — Vira para o lado e cobre a cabeça.

— Levanta, Alice.

— Não.

— Vamos, pare de preguiça. — Pego o meu travesseiro e jogo nela, que ainda está coberta. — Eu te levo na rodoviária. Levante e se arrume, senão vai perder o ônibus.

— Eu não vou.

— Como? — Caminho até a sua cama e sento na beirada, descobrindo a sua cabeça. — Faz duas semanas que você não vai para casa.

— Tenho trabalho para fazer — tenta se justificar e vira para o lado, para não me olhar.

— Leva o material e faz lá. Eu também tenho trabalho para fazer, mas nem por isso vou deixar de ir ver minha família.

— Paula. —

Alice vira e me encara, vejo compaixão em seus olhos.

— Falei demais — Levanto da cama. — Visitar o túmulo da minha família me faz bem — justifico —, eu sinto eles perto de mim.

— Eu sei que sente. Você tem que fazer o que te faz bem, cada pessoa se conforta de uma maneira, essa é a sua.

— Aproveite a família que tem, Alice, não deixe de ir vê-los, nunca se sabe o dia de amanhã.

— A semana que vem eu vou. — Sorri, mas o seu sorriso não chega aos olhos. — Tenho um monte de coisa para pôr em dia.

— Tudo bem. — Pego a minha mochila e a pasta da faculdade. — Estou indo, fique bem.

— Estou bem. — Cobre-se novamente — Boa viagem, e quando chegar me avise, para que eu não fique preocupada.

— Eu aviso — digo, saindo do quarto e fechando a porta.

Dirijo com calma, sem pressa para chegar, olho pela estrada vazia e me sinto como ela, vazia, sozinha. Queria voltar no tempo, fazer tudo diferente, queria eles aqui comigo.

Avisto a placa de “bem-vindo a Jales” e dirijo direto para o cemitério. No caminho compro flores e velas para pôr no túmulo.

Estaciono o carro e caminho até onde eles estão.

— Oi, família. — Sento-me no túmulo. — Trouxe flores, foram as mais lindas que tinha. — Retiro as flores velhas e coloco as novas, acendo as velas e faço uma oração silenciosa.

— Eu estava com saudades. Hoje vim ficar com vocês, trouxe até o meu material, vou passar a tarde aqui estudando, preciso de carinho, preciso sentir vocês.

Pego a apostila da faculdade, encosto as minhas costas na lápide e começo a estudar. A tarde passa que nem vejo, quando dou por mim o sol já está se pondo.

— É hora de ir, amanhã cedo estou de volta, vou dormir aqui, amanhã tenho um assunto sério a tratar com vocês. Beijo, família, até amanhã.

Caminho para a saída do cemitério, pego o meu carro e dirijo até o pequeno hotel. Tomo um banho, deito na cama e vejo as estrelas pela janela, que está aberta deixando entrar aquele vento gelado e agradável. Visto uma roupa leve e decido dar uma volta.

Sozinha, caminho pelas ruas da cidade, lembrando-me da época que morava aqui, ao longe vejo os barzinhos que frequentava, lotados com pessoas rindo, se divertindo, vivendo as suas vidas.

Por um momento me imagino no meio deles, mas hoje não vejo mais sentido fazer essas coisas. Tenho um único foco: destruir quem me destruiu.

A questão é que estou com medo de dar esse passo, Théo, mesmo safado, aparenta ser uma pessoa legal, sei que é apenas uma máscara para enganar as pessoas, tento me convencer a todo instante que ele é uma farsa.

Volto para o hotel, pego a apostila da faculdade, deito na cama e fico estudando até pegar no sono.

Quando acordo o sol já está alto, olho no relógio e é quase meio dia. Levanto-me, tomo banho, arrumo as minhas coisas, pago o hotel e volto para ver a minha família. Mas antes paro na padaria para comprar algo para comer.

— Voltei, família — digo, sentando-me no túmulo. — Estou com fome.

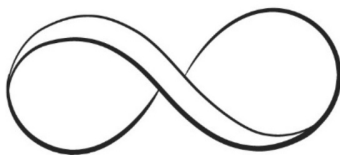
Abro as coisas que comprei e me alimento.

— Hoje eu vou embora, daqui a pouco, na verdade, preciso voltar cedo, tenho que acabar de estudar. Amanhã vou me envolver com o Théo, essa é a

única forma de conseguir as provas que eu preciso. Tenho que ser forte, Théo tem duas máscaras e a máscara que veste para mim é completamente diferente do seu verdadeiro eu, não posso deixar ele me enganar, preciso de provas e se para consegui-las o preço é me envolver com ele, é isso que vou fazer.

Deito no túmulo, fecho os olhos, fico quieta, sentindo o vento bater em meu rosto. Tentando absolver toda a energia que preciso.

Amanhã uma nova fase começa.



17 | **PAULA**

Chego no escritório com o meu plano em mente. A roupa escolhida foi um vestido longo, com uma fenda lateral, que abraça as minhas curvas, mostra tudo e ao mesmo tempo nada, deixando a cargo da imaginação o que tem embaixo.

Caminho pelos corredores arrancado olhares por onde passo. Na sala da Rebeca, pego as pastas que Théo me pediu na sexta-feira.

Abro a porta da sala do Théo sem bater.

— Bom dia — cumprimento, caminhando até a sua mesa.

Ele me olha de cima a baixo e sei que atingi o meu objetivo.

— Bom dia! — me analisa.

— Trouxe as pastas que me pediu na sexta-feira.

Coloco tudo em cima da mesa.

— Está diferente hoje.

Pega as pastas, mas o seu olhar está em mim.

— Eu? — questiono.

Sento-me na cadeira à sua frente e cruzo as pernas, a fenda se abre, mostrando mais do que se deve.

— Você. — afirma, olhando para as minhas pernas. — Belas pernas.

Morde o lábio.

— Obrigada. — Passo a mão pela pele exposta.

— Queria eu passar a ponta dos dedos para sentir se são tão macia quanto são linda.

— Quer? — provoco.

— Lógico.

— Não passa porque não quer. — Olho para Théo de forma sacana, provocando a sua imaginação.

— Me atizando?

— Não.

— Paula, Paula, não brinque com fogo que você pode se queimar.

— Adoro um fogo.

— Fogo queima.

— É só você vim apagar.

Os seus olhos se nublam, ele se levanta rapidamente e vem até a mim. Théo me puxa para o seu corpo, cobrindo a minha boca com a sua, beija o meu pescoço, meus seios, enquanto as minhas mãos percorrem o seu corpo.

— Safada — geme, me erguendo e colocando em cima da sua mesa, o meu vestido se ergue e cruzo as pernas em volta da sua cintura. — Safada, gostosa.

— Delícia — gemo em resposta.

Théo se ajoelha aos meus pés e retira a minha calcinha com cuidado.

— Olha a calcinha que você veio? — Sorri satisfeito.

— Pensei em vir sem.

— Muito safada. — Abocanha a minha boceta e chupa com vontade, começo a me contorcer de prazer. — Safada e gostosa — geme no meio das minhas pernas.

Seguro a sua cabeça e começo a foder sua boca, acabo gozando.

— Sua boca é muito boa — elogio, com a respiração ainda acelerada. — A língua então sem comparação.

— Isso porque não viu como meu pau é gostoso. — Desabotoa a calça e tira o seu membro duro para fora, me fazendo salivar.

— Aparentemente é muito bom.

— Aparentemente?

— Só posso afirmar se é bom depois que eu provar na minha boca.

— Então é só cair de boca. — Sorri.

O olho sacana e desço da mesa. Ajoelho-me no chão, ficando de frente para o seu membro, ereto, duro como rocha, com veias à sua volta. Passo a língua na sua cabeça e distribuo leves beijos em toda a sua extensão, até que o abocanho, o chupo — o seu gosto é bom — o coloco todo na boca, até onde a minha garganta aguenta.

— Cacete — geme.

Continuo o chupá-lo e a minha vontade só aumenta. Théo é gostoso, tem um bom sabor, pareço aquelas crianças que acabam de ganhar um presente.

— Se continuar vou gozar na sua boca — avisa, fazendo-me chupar o seu pau com mais intensidade.

Fazer Théo gozar na minha boca é o que desejo, esse é o meu objetivo, o chupo cada vez mais e ele fica ofegante. As suas mãos seguram a minha cabeça e ele literalmente fode a minha boca, até gozar, engulo tudo, depois distribuo leves beijos em sua extensão.

Levanto-me do chão e encaro os seus olhos.

— Realmente, Théo, o seu pau é uma delícia. — Um sorriso de satisfação escapa do meu rosto.

— Agora preciso saber se a sua boceta se encaixa no meu pau, assim como a sua boca.

Sento-me na mesa com as pernas abertas.

— Vem — chamo —, estou aberta para recebê-lo.

— Safada.

Théo vai até a gaveta da sua mesa, pega o preservativo e cobre o seu membro, depois em até a mim e fica no meio de minhas pernas; as cruzo em sua cintura trazendo-o mais perto.

— Ah! — gemo quando ele entra dentro de mim, com uma entocada firme e precisa, me rasgando, me preenchendo.

— Que apertadinha — geme, quando me fode.

— Mais forte — peço.

— Assim? — Me fode duro, me fazendo fechar os olhos para absolver todas as sensações.

Nossos corpos se encaixam perfeitamente, Théo me deita sobre a mesa, derrubando várias coisas no chão e me fode em um ritmo perfeito. Até que sinto o meu corpo formigar, as minhas pernas tremerem.

— Théo — gemo o seu nome.

— Hum... — geme.

— Vou gozar. — Aperto as minhas mãos em suas costas.

O seu pau entrando e saindo, suas bolas batendo em mim.

— Ah! — grito entre gemidos e acabo gozando intensamente.

— Minha vez agora — Théo geme e acaba gozando.

Ele deita em cima de mim, nossas respirações estão ofegantes, os nossos corpos suados e saciados.

— Demorou, mas compensou esperar você. Muito gostosa.

— Hum... — gemo.

— Delícia.

— *Hunrum* — concordo.

— Cansada?

— Hum.

Levanta o rosto do meu seio e sorri.

— Saciada?

— *Hunrum*.

— É um sim?

Balanço a cabeça afirmando que sim, estou cansada, há tempos não era tão bem fodida. Estava precisando desse orgasmo. Sinto-me até mais leve.

— Acho que preciso me levantar e começar a trabalhar — digo, quando recupero a minha respiração.

— Gosto de você aberta na minha mesa. Pode passar o dia todo assim que eu nem ligo.

— Estou aqui a trabalho — aviso, sentando-me e o fazendo se levantar de cima de mim.

— Quando entrou nessa porta mais cedo não parecia isso.

— Estava com vontade, então juntei o útil com o agradável.

— Estava querendo só usar o meu corpo?

— Claro.

— Fique sabendo que estou aqui para ser usado quantas vezes você desejar.

Acabo sorrindo e recebo outro sorriso brilhante em troca.

O restante da manhã passa de forma tranquila, não sei explicar o motivo, mas fico com um sorriso no rosto.

— Almoçar? — Théo questiona em pé, ao lado da minha mesa.

— Almoçar — afirmo.

Juntos passamos para pegar Alice na sua sala e vamos para o refeitório almoçar, hoje, aparentemente, ela está melhor. Falando feito uma tagarela e principalmente sorrindo.

Olho para Théo, que está tranquilo e relaxando almoçando ao meu lado, volta e meia sinto ele passar as mãos por minhas pernas, por debaixo da mesa.

— Já entendi tudo — Alice diz nos encarando. — Até que demorou.

— O quê? — questiono sem dar muita importância.

— O que tem? — Théo questiona, passando a mão na minha perna, na lateral da fenda que está à mostra.

— Transaram.

Ambos olhamos espantados para ela.

— Está tão na cara assim? — Théo questiona com a mão ainda na minha perna.

— Théo! — o repreendo.

— O que foi? O que tem a gente transar, podemos fazer de novo assim que voltarmos para a sala, o que acha?

— Não acredito que você disse isso. — Olho para o meu prato. — Como descobriu, Alice?

— Os olhos de vocês estão brilhando. A forma como um olha para o outro, exala paixão misturado com desejo, estava falando e nem deram importância para o que eu falava. Logo conclui que tinham transado.

— Saiba que foi muito bom. Paula é uma delícia, valeu a pena ter esperando tanto tempo. — Aperta a minha perna. — Fiquei com gostinho de quero mais.

— Théo, me poupe dos detalhes. — Alice pega a sua bandeja e se levanta. — Felicidades ao casal. — Sorri e sai, nos deixando sozinhos.

— Casal? — questiona Théo. — Posso me acostumar com isso, desde que me chupe todos os dias pela manhã.

— Parceiros de foda?

— Que seja, o que o que você desejar.

— O.K. Posso me acostumar com isso.

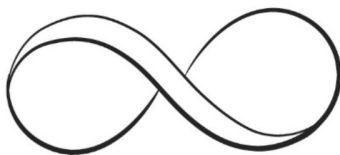
Ofereço um sorriso e volto a almoçar.

Os dias passam e eu e Théo estamos cada vez mais próximos, estamos conciliando bem o trabalho com nossas fudas diárias, ambos os lados estão satisfeitos.

Todos da agência suspeitavam do nosso envolvimento, agora tem certeza. Théo não faz questão de esconder de ninguém. Vi algumas funcionárias dando em cima dele, mas recusou todas e ainda me contou dizendo que nenhuma iria chegar aos meus pés.

Alice torce por nós, para nos dar privacidade se afastou um pouco, mas já expliquei a ela que não tem necessidade, que sabemos nos comportar em público. Pelo menos tentamos, sempre gostei de sexo, mas nunca pensei que ele seria tão perfeito e satisfatório como vem sendo atualmente.

De fato, cada dia que passa Théo e eu estamos mais próximos e cada dia que passa o meu coração se aperta mais um pouco.



18 | PAULA

— Bom dia! — Sinto beijos em meu rosto. — Bom dia.
Os beijos descem pelo meu pescoço até que abocanham um dos meus seios.

— Hum... — um gemido de satisfação escapa da minha boca. — Théo!
— sussurro.

Contorço-me com as sensações, suas mãos navegam pelo meu corpo até um dedo entrar em mim. Fecho os meus olhos e deixo o meu corpo falar por mim.

— Sempre pronta — diz com sua voz rouca de quem acabou de acordar.

— Sempre. Ah! — outro gemido escapa. — Me fode logo — peço.

— Cadê o romantismo?

— Théo, me fode — ordeno —, fode bem gostoso até eu esquecer o meu nome.

Théo cobre o meu corpo com o seu, com uma entocada firme entra dentro de mim, me preenchendo, me rasgando deliciosamente. Me fodendo do jeito que gosto: duro e firme.

— Adoro foder você. Sua boceta foi feita para o meu pau — geme no meu ouvido.

— Gosto de você me fodendo. — Cruzo as minhas pernas em seu quadril, enquanto me fode em um ritmo perfeito, fazendo-me delirar de prazer.

— Ainda não — diz, quando percebe que estou próximo para gozar. — Quero te oder por trás primeiro.

Vira-me cama, ficando de quatro, Théo chupa a minha boceta molhada enquanto seu polegar massageia o meu anus.

— Assim é jogo baixo — reclamo, mas gostando do que ele faz.

— Jogo baixo é não poder foder esse cuzinho.

— Cu não se pede, se ganha.

— Quando eu vou poder foder ele?

— Quem sabe um dia, enquanto isso fode a minha boceta.

— Exigente — Dá um tapa na minha bunda. — Toma — Théo entra dentro de mim em um estocada forte. — É assim que gosta, safada.

— Sim! — gemo. — Mais — peço.

Théo me dá o que peço e acabo gozando com seu pau socado em mim. Depois de mais algumas estocadas firmes, ele também goza, sai de dentro de mim e deita ao lado, me puxando para se aconchegar em seu peito.

— Você é uma delícia. — Me beija — Só quero você na minha vida.

— Eu e a galera do Flamengo — brinco.

— Não confia em mim mesmo. Sou safado, mas eu quero só a sua boceta na minha vida.

— Théo...

— Não diz nada — pede.

Ficamos em silêncio, esperando as nossas respirações se normalizarem. Estamos juntos há pouco mais de um mês, desde que aceitei ser "fodida pelo patrão", nunca mais paramos.

Ontem ele me convidou para conhecer sua casa. Eu aceitei, afinal era o que eu desejava, frequentar sua casa e encontrar as provas que preciso. Mesmo estando com ele, até o momento não encontrei nada que possa incriminá-lo.

Olhando para ele agora, com os seus olhos brilhantes e sorriso fácil, vejo um Théo diferente, vivo, alegre, que seria incapaz das coisas que eu li no diário da Paloma.

Depois de mostrar a sua casa e a tia que tanto fala, me convidou para conhecer o seu quarto. Conheci a sua cama e acabei passando, pela primeira vez, a noite junto com ele. Uma noite regada a muito sexo e inúmeros orgasmos.

— Você é a única pessoa capaz de me fazer querer dormir todos os dias ao lado de uma única pessoa. A única capaz de fazer o meu coração bater mais forte. A única fez eu me apaixonar.

— Théo... eu... — Não sei o que dizer. Vejo verdade em suas palavras e o meu coração se aperta mais um pouco.

— Diga apenas que aceita ser minha namorada. — Sorri.

— Eu aceito — digo sem pensar duas vezes.

Nossas bocas se encontram, subo nele, sinto o seu pau duro na minha barriga.

— Hum — gemo.

Pego o seu pau e o posiciono na minha entrada, descendo por toda sua extensão, subindo, descendo, rebolando, cavalgando. Um ritmo perfeito. Théo suga um dos meus seios e segura a minha bunda, gozamos juntos.

Desabo em cima dele, cansada e por enquanto saciada.

— Você é uma ninfomaníaca. — brinca, com um sorriso de satisfação no rosto.

— Eu gosto de sexo. Você gosta. Então nada melhor que fazer.

— Gosto de sexo e se for com você, gosto o dobro. — Levanto a minha cabeça para olhá-lo. — Linda — diz e meu coração acelera com suas palavras, ao mesmo tempo que se aperta pela segunda vez essa manhã.

No fundo, confesso que eu queria que tudo o que estou vivendo com ele fosse verdade, que esse momento fosse verdade, que não tivesse o conhecido na situação que conheci, que as coisas entre nós fossem diferente.

— Melhor levantar e ir trabalhar. O meu chefe não gosta que eu chegue atrasada.

— Seu chefe é um bundão.

— Ele tem uma bunda gotosa mesmo. — Levanto-me do seu peito. — Tenho que passar em casa para tomar banho.

— Aqui tem um chuveiro com um box que cabe duas pessoas — diz com o olhar sugestivo.

— Não posso ir trabalhar com a mesma roupa de ontem.

— Toma banho comigo, depois te levo para trocar de roupa.

— Quer conhecer a minha casa? — brinco.

— Nada mais justo. É a minha namorada. — Fico em silêncio, o observando. — Por que sempre ergue esse muro entre nós?

— Impressão sua — minto. — Aceito a sua proposta. Banho? — mudo de assunto, esse muro sempre vai existir, ele é muito mais forte que eu.

— Banho e sexo? — Levanta da cama e me dá a mão.

— Quem é o ninfomaníaco agora? — indago, aceitando a sua mão e me levantando da cama.

— Vamos, mulher. Vamos aproveitar esse chuveiro.

Fico pronta antes do Théo e enquanto ele se arruma, fico sentada na sua cama, me questionando quanto do que estou fazendo é vingança?

Não sinto como "sacrifício" ficar com ele. Eu gozo, eu gosto, nos damos bem, se não fosse pelo meu passado poderia até me apaixonar por ele e realmente sermos um casal.

— Pronta? — Estende a mão. Théo está vestido uma calça de alfaiataria preta com uma camisa branca, remangada até a altura dos cotovelos. — Não me olhe assim, precisamos trabalhar.

— Eu não fiz nada — defendo-me.

— Mas o seu olhar de ninfomaníaca disse tudo.

— Vamos. — Levanto da cama.

Com as mãos enlaçadas, saímos juntos do quarto. Para minha surpresa

não caminhamos para a saída, mas pela sala de jantar, que está arrumada com uma bela mesa de café da manhã.

— Com fome? — ele me questiona.

— Um pouco. — Até o momento não senti fome, mas depois de ver essa mesa farta, me dei conta de que não comi nada essa manhã. — Pensei que fossemos para a minha casa.

— Depois do café. Você usou todas as minhas energias, preciso recuperá-las. — Sorri — Depois pode me usar de novo, eu deixo.

— Bem que gostou.

— Pode acabar com elas todas as vezes que quiser — brinca.

Théo sola a minha mão e vai até a tia, que acaba de entrar na sala com uma bandeja na mão e lhe deposita um beijo no rosto.

— Bom dia, tia.

— Bom dia, meu filho, dormiu bem? — a tia questiona.

— Não dormi muito bem não, a Paula não deixou — reclama. — Acabou com as minhas energias. Estou fraquinho e morto de fome.

— Théo! — repreendo. — Bom dia, Ana.

— Bom dia, Paula. Não se preocupe, fico feliz em ver o Théo feliz ao lado de uma moça tão linda. Sente-se e tome o seu café.

— Obrigada, Ana. — agradeço.

Não pensei que estava com tanta fome até ver essa mesa farta.

— Não precisa agradecer. Agora coma — Ana diz de forma gentil.

— Minha tia é uma ótima cozinheira. Não sei viver sem a comida dela.

— Estou percebendo — digo, olhando ele todo animado enquanto toma o seu café e come de tudo um pouco que está na mesa.

— Esse menino tem uma fome fora do comum.

— Hoje é culpa da Paula, tia.

— Bom dia. — A voz do senhor Calderan nos interrompe. — Quero café preto — ordena.

Do meu lado vejo a postura descontraída do Théo ficar rígida e tensa, olha para Ana com pesar.

— Bom dia, pai.

— Bom dia, senhor — digo.

Ele olha para Théo e depois para mim.

— Além de se envolver com funcionários ainda traz para casa? — A sua voz é fria e cortante.

— Paula é a minha namorada.

— Não interessa, proíbo de se envolver com funcionários e ainda trazer para casa.

— Essa casa também é minha. Já disse, ela é a minha namorada, exijo que a respeite.

— Respeito? — Começa a rir e aponta o dedo para mim. — É apenas mais uma interesseira, se quisesse respeito não tinha aberto as pernas para o patrão. Essas são as piores.

Levanto-me da mesa. Não sou obrigada a ouvir essas barbaridades e ficar quieta como um bichinho.

— Já estou de saída. Ana, obrigada pelo café. E quanto ao senhor, desejo que morra com sua arrogância. Se quiser me demitir sinta-se à vontade. Não sou obrigada a ouvir os seus desaforos — digo ríspida, pegando o caminho para a saída.

— Paula — Théo me chama e não dou ouvidos.

Passo por Ana, que me olha com os olhos cheio de lágrimas, dou um beijo em seu rosto.

— Obrigada — sussurro em seu ouvido.

— Está vendo o que fez? — Escuto Théo falar. — Ela é minha namorada e exijo respeito. É a mulher com quem vou passar o resto da minha vida...

Ando para a saída bufando de raiva. Que homem desprezível, como pode ser dessa forma, dizer essas palavras.

— Paula! — Théo segura o meu braço. — O meu pai é um babaca, me desculpa por fazer você passar por isso.

Olho em seus olhos e vejo o quanto ficou abalado com a atitude do pai.

— Tudo bem. Você não tem culpa.

— Tenho culpa sim, por viver e aceitar as arrogâncias dele. Cresci assim e acabei me acostumando, mas ele não tem o direito de atacar a pessoa que está comigo. Você não é nada do que ele disse.

— Passou — digo um pouco mais calma —, você não se parece nada com ele.

— Graças a Deus, a minha tia me criou bem.

— Sou grata a ele por isso.

— Eu também.

Ficamos nos olhando por breves segundos, acabo sorrindo e lhe dando um beijo, então sinto o seu corpo relaxar.

— Vamos para a sua casa trocar de roupa e dar uma volta na cidade? — sugere assim que encerramos o beijo

— Tenho que trabalhar.

— É trabalho. — Me beija — Vamos?

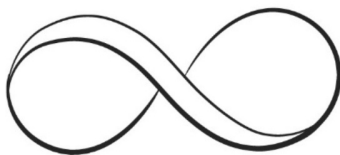
— Trabalho?

— Claro, alguém precisa trabalhar e não só foder — brinca.

— Então tá — concordo, dando os ombros.

— Vamos...

Aceito a sua proposta, talvez passar mais tempo juntos me ajude achar o que eu preciso. Pelo menos tento me convencer disso. Lá no fundo, sei que cada dia que passa as coisas dentro de mim estão mais complicadas.



19 | PAULA

Assim como foi proposto, Théo e eu passamos o dia juntos. Depois de passar em casa para eu trocar de roupa, paramos em uma padaria para tomar café novamente, visto que fomos impedidos e Théo estava reclamando que ainda não tinha se alimentado direito. Depois andamos pela calçada vendo lojas, sem comprar nada.

Na hora do almoço fomos em uma churrascaria e descobri, que assim como eu, Théo é apaixonado por churrasco. Acho que demos um belo prejuízo para o dono da churrascaria, pela quantidade absurda de carne que comemos. Depois do almoço decidimos ir ao cinema, assistimos um filme que nem lembro o nome, estava mais preocupada com as mãos do Théo embaixo do meu vestido. Posso dizer que o cinema foi bem prazeroso. O trabalho que ele disse que faríamos foi esquecido, mas foi muito bom passar o dia ao seu lado, conhecendo um pouco mais um do outro, conversando coisas banais.

Jantamos juntos e agora estamos em frente à República, dando uns amassos no carro. Ele me fez faltar na faculdade hoje, em troca fomos tomar açaí depois do jantar.

Foi jogo baixo, tive que aceitar a sua proposta.

— Vamos dormir em casa — pede.

— Théo — gemo.

— Passar a noite juntos, te fodendo do jeito que gosta. Vamos para a minha casa — insiste, com a mão massageando o meu clitóris, um dedo me invade, entra e sai de dentro de mim. Estou perto de gozar, novamente, quase não consigo raciocinar.

— Ah! — Gozo em sua mão.

Tento me situar, recuperar o meu fôlego e raciocínio.

— Vamos? — insiste.

— Melhor não.

— Só hoje...

— Não quero encontrar o Senhor todo poderoso e o seu mau humor logo de manhã.

Percebo que o seu olhar fica triste.

— Está certa — diz desanimado. — Ele pegou muito pesado. Nunca

levei ninguém para casa, pensei que entenderia que você é diferente.

— Pelo visto não entendeu.

— Ele não munda, sempre foi fechado e arrogante.

— Por que não sai de casa? Já tem idade.

— Por causa da minha tia, não quero deixá-la sozinha.

— Ela trabalha de empregada na sua casa, pode trabalhar quando você se mudar.

— Ela trabalha lá, não porque eu quero. Não aceito ela trabalhar nos servindo. Nada contra servir, mas minha tia é especial, o único amor materno que tive em toda a minha vida. Queria cuidar dela, assim como cuidou de mim, mas ela não aceita, diz que gosta de se sentir útil.

— Ela também gosta muito de você.

— Minha tia me ama como se fosse minha mãe. — Sorri.

— Não vi retrato da sua mãe na sua casa.

— Não tem, nunca teve, o meu pai disse que era melhor assim.

— Ele é cruel. Como não ter retrato da sua mãe? Pensei que era fechado somente na agência. Que em casa era mais sociável.

— Não, ele é daquele jeito em todos os lugares. O senhor Calderan é assim fechado, arrogante, nunca o vi sorrir ou brincar, nunca foi paternal ou demonstrou algum tipo de sentimentos.

— Já você é o inverso dele. — Completamente diferente do pai, Théo é vivo, transparente e cheio de emoções. O seu pai é frio e despreza todos à sua volta.

— Ainda bem. Puxei a minha mãe. — Sorri.

— Também acho — concordo.

— Quando era criança, a minha tia falava que os meus olhos eram iguais da minha mãe — diz nostálgico.

— Você se parece bastante com ela. Se não falasse eu ia achar que era a sua mãe e não tia.

— Ela é irmã da minha mãe, única parente por parte de mãe que eu conheço. Só eram as duas, quando minha mãe morreu ela ficou sozinha e o meu pai a contratou para cuidar de mim. Minha tia é como minha mãe, é pecado o que vou dizer, mas acho que não sei viver sem ela, já o meu pai não vai fazer falta nenhuma em minha vida.

— Triste falar isso, mas talvez a sua atitude seja consequência das atitudes do seu pai.

— Ele nunca foi um pai presente, nunca deixou faltar nada, mas nunca me deu carinho. Cheguei a me culpar em uma época, acho que ele ficou assim depois da morte da minha mãe. Essa pessoa amarga. Eu sou o culpado pela

morte dela, isso não posso mudar.

Percebo que Théo sofre por isso, se achar culpado pela morte de alguém e deixar o seu pai infeliz. Fico sensibilizada por sua transparência, o meu coração se aperta mais um pouco.

— Você não teve culpa, foi uma fatalidade — tento confortá-lo. — Você está aqui hoje, sua mãe está cuidando de você de onde ela esteja.

— Eu estou bem, nem penso mais nisso, vivo a minha vida de forma intensa, sempre sendo horando e agindo de forma correta. É uma maneira de agradecer a minha mãe pela vida que me deu.

— Muito lindas as suas palavras — digo emotiva. — Sabe o que eu percebi?

— Que eu sou lindo e fodo muito bem?

— Não, seu bobo.

Aconchego-me ao seu lado, mesmo no desconforto do carro é bom ficar assim tão perto.

— Diz então.

— Você se parece muito com a sua tia. O seu olhar e seu sorriso são iguais aos dela — conto. — Já disse que se não contasse que era sua tia eu pensaria que ela é sua mãe.

— Todos dizem isso. — Beija-me. — Ela poderia ser a minha mãe, eu amo muito ela.

— E ela te ama.

— Sou sortudo. Ela me ama, tenho uma namorada que amo muito. Será que um dia você também vai me amar?

—Théo... eu... eu

— Não precisa dizer que me ama, eu amo por nós dois. Sei que sou um safado mulherengo e você tem medo de se machucar, mas vou provar para você que sou digno de ser amado. Eu te compreendo.

— Obrigada.

Não tenho coragem de olhar em seus olhos, o motivo que não consigo me entregar a essa relação de corpo e alma é outro.

— Diz por que essa carinha?

— Alice — tento mudar de assunto.

— Nossa, ia falar mesmo com você sobre ela. Esses tempos está tão triste e abatida, já perguntei para ela se vem acontecendo alguma coisa, mas ela disse que não, que é apenas impressão minha.

— Está mesmo, mas ela não se abre comigo.

— Qual a desculpa usa?

— Diz que é a faculdade ou que brigou com a mãe. Estou ficando

preocupada com ela.

— Calma, talvez seja isso mesmo e logo passa.

— Não sei, já faz um tempo. Hoje eu liguei para avisar que não ia trabalhar e ela estava com voz de choro.

— Não disse por que estava chorando?

— Não, disse que era uma gripe. Um dos motivos para eu dormir aqui na República.

— Cuida dela como uma irmã.

— Sim, ela é como se fosse a minha irmã mais nova.

— E sua família?

— Já disse, estão mortos, todos eles.

— Todos?

— A minha irmã, pai e mãe. Restou apenas eu, não tenho contato com tias e primos. Sou sozinha, por enquanto tenho apenas Alice.

— Sinto muito.

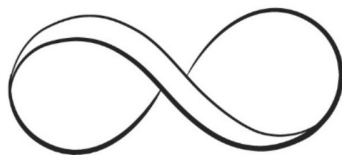
— Não sinta, já me conformei — minto. — Tenho um carinho especial pela Alice, ela apareceu do nada na minha vida e tudo ficou mais fácil — confesso —, por isso minha preocupação.

— Está certa. — Deposita um beijo nos meus lábios. — Vai lá cuidar da doidinha, amanhã te vejo na agência.

— Até amanhã.

Desço do carro e caminho para casa. Quando entro, vou direto para o quarto, encontro Alice dormindo em sua cama. Está serena. Pego o edredom, a cubro e beijo o seu rosto.

— Vou sempre cuidar de você. Te amo muito, viu.



20 | PAULA

Como sempre acordo primeiro que Alice. Pego a roupa que deixei separada no dia anterior e vou tomar banho. Quando volto, ela ainda dorme.

— Alice — chamo. — Alice. — Toco em seu ombro para acordá-la.

Ela se levanta em um pulo, com os olhos assustados.

— Tô aqui. Não fiz nada, eu juro — diz, tapando o rosto com as mãos. — Não fiz nada. Por favor, não fiz nada.

— Ei! — Sento-me ao seu lado na cama — Sou eu Paula, estou te acordando para ir trabalhar.

— Paula? — Retira a mão dos olhos e me olha. — Paula. — Os seus olhos estão marejados.

— Sou eu, Alice. Se acalme — peço. — Aconteceu alguma coisa?

— Nada, não aconteceu nada. Verdade. Nada aconteceu.

— Não é o que parece.

— Estou bem — diz, levantando-se da cama.

— Alice, você acordou chorando, isso não é estar bem.

— Foi um pesadelo.

— Por que não pulou para a minha cama como faz todas as vezes? — questiono.

— Acordei, estou bem — mente — Tenho que me arrumar para o trabalho.

Pega a tolha e sai do quarto.

Ela está mentindo, tem alguma coisa acontecendo. Espero que se resolva ou que confie em mim para desabafar.

Os dias passam e estou mais envolvida com Théo, ele está levando a sério o nosso namoro. Presenciei ele dispensando várias fofas casuais, sempre dizendo que tem namorada e é fiel a ela. Pelo visto o que Alice tinha está passando, aparentemente está melhor, não a peguei mais chorando.

— Vamos almoçar? — Théo me chama como todos os dias.

— Vamos.

Pego a minha bolsa, enlaço as nossas mãos e saímos da nossa sala, indo buscar Alice. Assim que entramos na sua ala, a vemos na sua mesa.

Está com a cabeça baixa e com a fisionomia triste.

— Doidinha, vamos almoçar?

Levanta a cabeça e nos olha por breves segundos.

— Estou sem fome. — Abaixa a cabeça novamente. — Podem ir sem mim.

— De jeito nenhum. — Aproximo-me. — Vamos almoçar, tome pelo menos um suco.

— Estou sem fome.

— Vamos, doidinha, hora de almoço aqui é sagrada. Levanta e vamos, sou seu chefe e isso é uma ordem.

— Hoje eu queria fazer um lanche aqui mesmo. Estou com a cabeça cheia — confessa desanimada. — Por favor, só hoje, me deixem aqui — pede.

Olho para Théo e ele aperta a minha mão.

— Só hoje, doidinha. — Sorri. — Depois trazemos um lanche para você. Amanhã não terá desculpa, vai ter que ir almoçar.

— Obrigada — agradece.

— Qualquer coisa me chame, Alice, se precisar de qualquer coisa, sabe que pode contar comigo sempre. — Aproximo-me dela e beijo o seu rosto. — Estou aqui para o que você precisar.

Ela não fala nada, apenas me dá um sorriso que não chega aos seus olhos. Queria saber o motivo da sua tristeza, me dói vê-la assim.

Théo e eu saímos da sala sem Alice.

— E só um dia ruim. Ela está bem — ele diz, tentando me confortar.

— Queria acreditar nisso.

— Se fosse algo grave ela já tinha te falado.

— Acha que é coisa da minha cabeça?

— Talvez. Vamos esperar, qualquer coisa você encosta ela na parede.

— É, vamos esperar.

O meu coração está acelerando, está tudo escuro, não consigo ver nada. Começo a correr sem saber para onde estou indo. Corro, corro, e não chego a lugar nenhum. Vejo um túnel, uma luz, corro o mais rápido que consigo, as minhas pernas doem, mas continuo correndo. Tento chegar a luz, mas tropeço e caio. Rapidamente me levanto e tento correr.

— Está acontecendo de novo. — Escuto a voz da Paloma.

— *Paloma?*

— *Salve-a, ainda está em tempo.*

Acordo ofegante, suada. Esse sonho vem se repetindo há quase um mês. Não sei o que ele quer dizer.

Não volto a dormir, fico sentada olhando para janela, esperando amanhecer. Olho as minhas pulseiras em meu pulso, fecho os olhos tentando entender o porquê desse sonho se repetir.

O sol começa a nascer, hoje Théo e eu vamos passar o dia juntos. O seu pai viajou, não está na cidade esse fim de semana, então ele me convidou para passar o dia com ele e Ana e eu acabei aceitando, gosto da companhia dos dois.

Quando o dia amanhece, tomo banho e me arrumo. Alice ainda dorme, decido não acordá-la, ontem me avisou que não iria para a casa dos pais, pois tem que fazer trabalho da faculdade e rever algumas matérias que está com dificuldade.

Arrumo-me e fico em frente da República, esperando Théo vir me buscar. Sugeri ir de carro sozinha, mas ele não aceitou, disse que eu estava o privando de ser um bom namorado. Antes dele não tive namorado, então não tenho com quem comparar, mas posso dizer que ele está sendo um ótimo namorado. Sempre presente, carinhoso, fode bem, além de sempre me apoiar e me pôr para cima, sem saber ao certo o motivo real por estar triste.

— Bom dia! — Théo diz assim que desce do carro e vem na minha direção, enlaça a minha cintura me levantando do chão e me beijando. — Estava com saudade.

Coloca-me no chão.

— Ontem à noite estávamos juntos. — Beijo os seus lábios novamente.

— Ontem foi ontem, já passou, hoje não tinha te visto e nem sentido o seu gosto. Então estou com saudade. — Sorri e me beija.

— Também estou — confesso.

— Tão linda! — Acaricia o meu rosto. — Não tenho coragem de ficar o encarando, então abaixo o meu olhar. — Vamos?

— Vamos.

Quando chegamos à casa do Théo, somos recebidos por uma Ana sorridente e cheia de vida, o ar da casa também está mais leve e alegre. Bem diferente da manhã que fui embora e estava tudo bem pesado.

Passamos o dia conversando, ajudo Ana a fazer o almoço e depois Théo e eu lavamos a louça, enquanto Ana descansa na sala. Durante a tarde Ana pega as fotos do Théo, de quando era criança, sempre feliz e falando dele com orgulho.

Acabo dormindo por aqui, posso afirmar que foi muito prazeroso.

Na manhã tomamos café juntos, dessa vez Ana se senta à mesa com a gente, não é apenas uma empregada, mas faz parte de nós, como tem ser.

No almoço não é diferente, há muito tempo não me sentia tão bem, aquele clima de família me faz falta, mas com os dois me sento parte deles, como se nós fossemos uma família.

— Por que está pensativa? —Théo pergunta assim que estaciona o carro na frente da República.

— No fim de semana que tive do seu lado e da Ana.

— Gostou?

— Muito. Ana estava feliz, foi muito bom ficar com vocês, me senti acolhida — acabo confessando. Me senti em casa, em uma família feliz, fazendo coisas simples que hoje não tenho mais.

A culpa por estar bem começa a me corroer por dentro. Como posso estar gostando de tudo? Esse não era o meu objetivo, não era para me envolver dessa maneira.

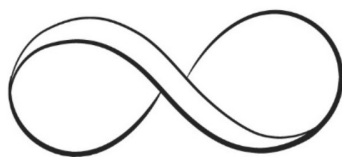
— Minha tia é maravilhosa, quando o meu pai não está ela fica menos tensa e mais solta. — Observo-o falando e o seus olhos brilham quando fala da Ana. — Paula?

— Oi — respondo, voltando a prestar atenção.

— Ouviu o que eu disse?

— Só o início. Estava ocupada observando o homem maravilhoso à minha frente — confesso.

Selamos as nossas bocas e depois de mais alguns amassos dentro do carro, entro em casa. Vou para o banho e depois me deito, fico rolando na cama pensando na vida. Pensando o rumo que está tomando.



21 | PAULA

Acordo mais cedo, na verdade quase não dormi, quando tinha enfim adormecido tive o pesadelo que vem se repetindo com frequência. São tantas coisas passando na minha cabeça, tantos sentimentos confusos, que me sinto perdida, sem saber como agir.

Dói dizer, mas confesso que estou apaixonada por Théo. No início achei que era atração sexual, mas não é só isso. Gosto dele, gosto de conversar, de estar ao seu lado e me sinto perdida ao imaginar uma vida longe dele. Sei que é errado sentir o que estou sentindo, estou traindo a minha família, apaixonada por aquele que destruiu todos que eu amo.

Arrumo-me para o trabalho e antes de preparar o café acordo Alice, outra que também venho me preocupando. Ainda tem o pesadelo, toda vez que o tenho acontece algo, sempre é um aviso, mas está querendo me avisar sobre o quê? Quem está em perigo?

Tomo o meu café e vou em busca da Alice, para apressá-la, senão iremos chegar atrasadas. Encontro uma Alice triste e com o olhar distante.

O trajeto para o trabalho é feito em silêncio, tento puxar assunto, mas aquela Alice falante e alegre sumiu. Não sei ao certo quando aconteceu, mas ela está bem mudada, calada, preocupada, quase não sorri. Já a questionei inúmeras vezes e suas respostas são sempre as mesmas: a faculdade, trabalho ou que está cansada.

Chegamos na agência e cada uma segue o seu caminho.

Théo ainda não chegou, entro na sua sala para deixar os papéis que me pediu no dia anterior. Olho à minha volta e me sinto uma inútil.

— Bom dia, linda! — Théo entra na sala sorridente.

Estou me enganando, amando quem destruiu todos que eu amo e ainda estou feliz a custa das vidas de todos da minha família. Sinto raiva de mim. Como pude deixar me levar dessa maneira? Como pude ser tão egoísta? Estou traindo não apenas a mim, mas todos que eu amo e que perderam a vida. Théo está apenas me enganando, como fez com Paloma, daqui a pouco quando descobrir que estou apaixonada vai acabar comigo.

Théo se aproxima e quando vai me beijar viro o rosto e abaixo a cabeça, sei que ele me olha confuso, nunca neguei um beijo. Está na hora de tomar as

rédeas da minha vida, está tudo errado, não posso continuar com essa farsa, tenho que acabar com ele e não amá-lo.

— Está tudo bem? — questiona com a voz suave.

— Está. — Levanto a cabeça e encaro os seus olhos.

— Certeza?

— Por que não estaria? — indago ríspida.

— Tudo bem, já entendi. Hoje você não está em um bom dia.

Mesmo eu sendo rude, ele é suave. Não encosta em mim e dá o espaço que eu preciso. Sinto-me culpada e com raiva ao mesmo tempo, raiva de mim, das minhas atitudes, de tudo que vem acontecendo.

Amo o Théo e o odeio, amo por ser assim, me trata bem, é carinhoso, um homem perfeito. E o odeio pelos mesmos motivos.

Paloma morreu, minha família morreu.

— Por que está chorando, linda?

Passo a mão em meu rosto e dou conta que estou chorando, faz tempo que não sabia o que é chorar na frente das pessoas.

— Nada — minto.

Não posso dizer o porquê do meu choro, não posso confessar que ele é o único culpado e eu sou uma idiota por amá-lo da forma que eu o amo.

— Não fique assim, estou aqui. Posso te ajudar? — Théo se aproxima e eu me afasto.

— Não.

— Paula. — Dá um passo na minha direção e eu dou um passo para trás. — Está assustada. Aconteceu algo e não quer me contar?

— Desculpa por não ser a pessoa que você pensa. — Choro.

— Você é a mulher que eu amo. A mulher que eu quero ao meu lado hoje e sempre.

— Não pode me amar. — Coloco a mão na boca para abafar o meu soluço. — Você não pode me amar — repito.

— Paula. — Tenta se aproximar novamente e eu me afasto. Não posso sentir o seu toque.

— Não toca em mim — peço —, não toca em mim.

Tampo o meu rosto com as mãos. O que está acontecendo comido hoje? Deixar minhas emoções tão afloradas, deixar as minhas fraquezas evidentes.

— Tudo bem, vou me sentar e você fala quando estiver melhor. Vou te dar espaço.

Théo senta em sua mesa e fica em silêncio, me observando.

Estou ofegante, zozza, fraca, perturbada com tudo, preciso de ar. Está me sufocando. Tudo está fora do lugar.

— Preciso respirar — digo, saindo da sala dele.

Ele diz algo que não entendo, que não compreendo, quero apenas me afastar de tudo, me afastar dele.

Saio sem rumo, sem saber qual caminho seguir. Está tudo confuso, escuro, parece que estou no pesadelo que vem me acompanhando dia após dia. A diferença que esse pesadelo é na minha vida real.

— Aí — digo ao embarrar em uma pessoa.

Olho para o chão, vejo uma agenda caída e em volta vários bilhetes. Conheço essa letra.

Abaixo-me e pego os bilhetes. As sensações são substituídas pela raiva e perplexidade. A minha visão fica limpa, minha respiração se normaliza.

Começo a entender tudo

— Não leia.

Alice toma os bilhetes da minha mão, os seus olhos estão vermelhos e assustados.

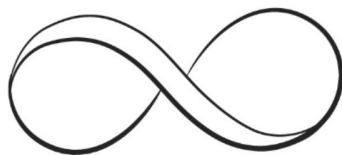
— Alice? — Tudo fica claro agora. É ela que tem que ser salva, está acontecendo de novo, debaixo do meu nariz e eu não estava vendo. — Ele me paga.

Levanto-me do chão, decidida a acabar com tudo.

— Paula, não é isso que você está pensando. — Chora.

— Escute. — Seguro os seus ombros. — Eu vou cuidar de você. Ele não vai tirar você de mim, eu juro.

Deixo Alice no corredor e saio em direção ao culpado por tudo de ruim que aconteceu na minha vida. Ele destruiu minha família, não irá destruir a única pessoa que restou e que amo. Eu não vou permitir.



22 | PAULA

Nunca é tarde para abrir os olhos. Théo me usou, me enganou, estava agindo pelas minhas costas. Mas agora acabou.

Entro na sua sala sem bater.

— Você, se afaste dela — ordeno, apontado o dedo na sua cara.

— Você está bem? — indaga confuso. — Fiquei preocupado com a forma que saiu daqui.

Levanta-se e vem até mim.

— Se afaste dela. — Estendo a mão, o impedindo de se aproximar — Não vou permitir que a machuque ainda mais. Não vou permitir que continue fazendo Alice sofrer.

— Paula?

— Eu disse para ficar longe dela, mas não fez. Vou acabar com você, nunca mais irá fazer ninguém sofrer.

— Se acalme. — Coloca as mãos em mim.

— *Tire suas mãos imundas de mim* — grito. — Você destruiu tudo o que eu mais amo, não vou permitir que continue. — Choro.

— Não estou entendendo.

— Não se faça de sonso. Eu sei de tudo, li o diário da Paloma, vi os bilhetes, estava tudo lá...

— Quem é Paloma?

— A minha irmã.

— O que tenho a ver com a sua irmã? Eu não a conheço.

— Não se faça de desentendido. Paloma é aquela que você usou e destruiu. Você é culpado pela morte dela. É culpado por tudo de ruim que aconteceu com a minha família. Você destruiu tudo que eu amo.

— Eu? — questiona confuso, se fazendo de inocente.

Sem forças, acabo sentando no chão e abraçando os meus joelhos.

— Você destruiu a minha vida, destruiu a vida da minha família. E o pior de tudo, é que acabei me apaixonando pelo cara que acabou com a minha vida — confesso. — Agora você quer acabar com ela, a única pessoa que eu tenho. — Soluço. — Não vou deixar, não vou deixar — repito. — Eu amo Alice como se fosse minha irmã, você não vai destruí-la.

— Paula, eu te amo. Só tem você na minha vida. Por que está dizendo essas coisas?

— Mentira. Pare de mentir — peço sem forças. — Pare de se fazer de bom moço eu sei de tudo. Eu li tudo... ainda sim amo você... Não podia, mas te amo, amo como nunca amei outro alguém, amo tanto que dói.

— Não é ele. — Olho para a porta e encontro Alice em pé, chorando.

— O quê? — indago.

— Não é o Théo — afirma.

— Eu vi os bilhetes — acuso. — A letra é a mesma, é igual, tudo igual, tenho tudo guardado.

— Não são do Théo, ele é inocente — Alice afirma, mesmo com os olhos vermelhos a sua postura é firme.

— Alguém pode, por favor, me dizer o que está acontecendo? — Théo questiona.

— Théo nunca deu em cima de mim — Alice se aproxima e senta no chão à minha frente. — Sempre soube que tinha perdido a sua irmã de forma trágica, durante a noite quando tinha pesadelo falava coisas sem nexo, agora eu entendo. Foi ele, ela também trabalhou aqui. Sem perceber, você acabou falando, ele fez com ela o mesmo que faz comigo, ela não resistiu e acabou se matando. Eu não vou desistir da minha vida, Paula.

— Alice. — Puxo o seu corpo para um abraço. — Não me deixe — peço.

— Quem é ele? — Théo questiona, abaixando-se perto de nós. — O que ele fez para acabar com a vida da sua família?

— Seu pai, Théo — Alice confessa.

— O quê? — digo. — O “t” dos bilhetes?

— Théodoro Calderan é o nome do meu pai. Todos o chamam de Calderan.

— Quando Paloma morreu, sempre tive por mim que ela sozinha não teria coragem de fazer o que fez, mesmo tudo indicando que era suicídio. Ela sempre foi feliz, romântica, alegre. Até que começou a namorar, nunca ninguém tinha visto o namorado até que o brilho dos olhos dela se desfez e pouco tempo depois ela se foi. Depois da morte dela e dos meus pai, comecei a ter o mesmo pesadelo, até que um dia, no meio do pesadelo uma voz disse para eu abrir as caixas que pertenciam a Paloma. Foi onde encontrei um diário, nele ela narra tudo o que passou nas mãos daquele monstro, das ameaças que sofreu. Tudo a levou ao ponto de tirar a própria vida por medo.

— Então você sabe do que ele é capaz. — Alice abaixa a cabeça. — Está me ameaçando — chora —, se descobrir que eu te contei vai acabar com a minha família. Vai acabar com a minha vida. Ele é louco e capaz de tudo,

ninguém vai acreditar em mim, nunca.

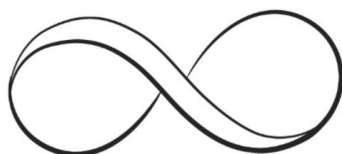
— Eu não vou deixar. — Seguro o seu rosto com as minhas mãos. — Não vou deixar. — Aperta Alice contra o meu corpo. — Vou cuidar de você, eu juro.

— Sei que as duas estão emotivas e sofrendo, são muitas emoções juntas. O meu pai nunca prestou, não vou defendê-lo, mas preciso saber o que está acontecendo para poder ajudar.

— Théo? — Olho para ele.

— Não sou um monstro, Paula, jamais teria coragem de fazer nem um terço do que vocês falaram. Te amo e gosto da doidinha, o que puder ajudar as duas eu vou fazer. Não sou o meu pai, se ele tem culpa, vai ter que pagar. — Théo me ajuda a levantar do chão, me senta no sofá da sua sala, depois faz o mesmo com Alice. — Agora me digam o que sabem, só assim posso ajudar vocês. Confie em mim, Paula, sempre fui verdadeiro com você. Diga-me o que sabe, me ajude a te ajudar. Te amo e não vou deixar vocês duas passarem por isso sozinhas.

Eu olho para Alice, seguro sua mão. Não vou deixar ninguém machucá-la ainda mais. Ainda a tempo para salvá-la.



23 | PAULA

Segurando a mão de Alice, conto tudo o que descobri. Como a minha irmã se matou, a morte dos meus pais, dos bilhetes que ela guardava, o diário que contou tudo: como começou as ameaças, os vídeos que ele usava para chantageá-la e da rede de prostituição da qual ela fez parte e de como foi obrigada a usar drogas e se prostituir.

Depois que acabo de falar, Alice começa a relatar como ele se aproximou, as promessas, as fotos, vídeos e depois as ameaças. Por sorte, ela se recusou a se prostituir e usar drogas, mas ele vem a chantageando com vídeos que gravou dela. Além de ameaçar a família.

— Não posso ter o mesmo sangue desse homem. — Théo passa a mão pelo rosto.

— Eu achei que ele era você, Théo, entrei aqui com o intuito de te destruir. Queria achar as provas para acabar com a empresa e te colocar na cadeia, mas não encontrei nada — confesso. — As notas batem, não tem nada que ligue a agência com algo ilícito.

— Você não encontrou e nem vai encontrar, eu não faria parte dessa imundice que o meu pai está envolvido.

— Você faz parte, Théo — Alice conta e ambos olhamos para ela. — A agência faz parte de tudo.

— Como?

— Alguns pacotes de turismo que a agência vende são ligados à rede do seu pai. Você nunca desconfiou porque quem administra esses pacotes é o seu pai. Os nomes também são apenas fachada, muita gente importante frequenta esses lugares.

— Como você sabe disso, Alice? — questiono.

— Porque sou a secretária dele, também não sou cega e nem surda, trabalhando ao seu lado vi e ouvi muita coisa. Ele tem tudo em pastas, as fotos, gastos, lucros. Os vídeos, alguns estão no computador, um dia eu o vi mostrando para um cliente.

— Vamos pegar tudo o que encontrarmos e entregar para a polícia — Théo diz, levantando-se.

— Ele vai querer me matar — Alice diz chorosa —, mas eu não podia

deixar você sofrendo e culpando um inocente, Paula. Théo te ama, mesmo se negando a amar, sei que também o ama. — Olho para Théo.

— Obrigada por contar a verdade — agradeço. — Acho que depois de tudo Théo não vai me querer mais.

— Eu te disse que te amo, Paula, não ia entregar o meu coração sabendo que você não estaria disposta a aceitar. Sei que tinha um muro entre nós, e mesmo assim resolvi arriscar. O que acabei de descobrir não muda o que sinto por você. Eu te amo. E ver que se apaixonou por mim, mesmo sabendo que tinha tudo para me odiar, me faz te amar ainda mais.

— Théo — digo seu nome como uma súplica. — Não sei nem o que dizer a você.

— Primeiro vamos resolver essa sujeira do meu pai, depois nós dois conversamos. A doidinha que precisa de nós agora. Você precisa ser forte e dar força a ela, e eu vou cuidar das duas.

— Tudo bem — concordo.

Théo pega o celular e faz algumas ligações, enquanto Alice e eu ficamos sentadas no sofá, segurando uma a mão da outra.

— Vai dar tudo certo, Alice — digo, tentando confortá-la.

— Estou com medo. Esse homem é capaz de acabar com a minha família, ele pode me matar.

— Eu também estou com medo — confesso —, mas o medo que senti por talvez perder você foi maior. Vamos passar por essa juntas, nada de mau vai acontecer com você.

— Vou decepcionar meus pais

— Eles vão ter orgulho de ver o quanto você está sendo forte. Está salvando a vida de várias meninas. Você é motivo de orgulho, sou honrada por ter te conhecido, não é frágil como imaginei, é forte.

— Tenho um amigo de infância — Théo se aproxima de nós —, que trabalha disfarçado para a Polícia Federal. Contei a ele o que vocês me disseram, me aconselhou a esconder as duas, daqui uma hora ele chega na agência para recolher as provas, vai revirar o escritório do meu pai e a nossa casa. Se for comprovado, ele vai preso ainda hoje. Existe uma investigação aberta, mas nunca tiveram provas para desmontar essa quadrilha, pelo visto achamos uma maneira para fazer isso.

— Viu, Alice? Ele não vai mais te fazer mal. Vai dar tudo certo. — a abraço enquanto ela chora em silêncio.

— Venham comigo, tenho um apartamento que o meu pai nem sabe que existe, comprei depois que eu e você começamos a ficar juntos, ia seguir o seu conselho e sair de casa. Está quase pronto, vou deixar as duas lá, em segurança,

também vou levar a minha tia, assim ele não fará mal a ninguém.

Saímos da agência e Théo nos leva até o seu apartamento, Alice ainda está muito abalada, toma banho e deito na cama com ela, que acaba vencida pelo cansaço e dorme.

Théo disse que ia trazer Ana para ficar com a gente, mas ainda não trouxe. A noite chega e eu não tenho notícias, começo a ficar nervosa, a andar de uma ponta a outra da sala. O medo começa a tomar conta de mim, a me corroer por dentro.

A porta se abre e entram um Théo abatido e uma Ana chorosa, vou na sua direção e o abraço. Os seus braços me envolvem e ficamos assim, sentindo um ao outro.

— Estava com medo — confesso e acabo chorando —, não quero te perder.

— Está tudo bem. — Beija o meu rosto. — Não chore.

Théo me pega no colo e senta comigo no sofá, ficamos assim até o meu choro cessar.

— Melhor? — questiona, passando as mãos nas minhas costas.

— Estou — afirmo, limpando as lágrimas com as costas da minha mão.

— Alice?

— Dormindo. Está muito abalada.

— Encontramos os vídeos dela — conta —, dela e de várias outras meninas. — Passa a mão pelo rosto. — Há anos ele vem fazendo isso.

— Foi preso?

— A denúncia foi feita, a essa hora deve estar a caminho da delegacia. O meu pai será acusado por formação de quadrilha, tráfico de drogas, lavagem de dinheiro, entre outras coisas.

— Graças a Deus — digo. — Eu sei que está triste pelo seu pai, mas ele fez muita gente inocente sofrer.

— Não estou triste por ele — confessa — Está vendo essa mulher sentada no canto, chorosa? — Aponta para Ana.

— Sim. — Fiquei tão desesperada que nem dei a atenção que Ana merece, provavelmente está tão abalada quando eu e Alice.

— Estou triste por ela, por tudo que passou calada, por tudo que sofreu com aquele merda. Por ela estou triste, por sua irmã que perdeu a vida, por Alice que foi humilhada e machucada e por todas aquelas que sofreram na mão daquele homem.

— Ah meu Deus.

— Hoje eu descobri que a mulher que cuidou de mim, me deu carinho e amor é a minha mãe. — Arregalo os olhos. — Ele ia me tomar dela, por isso aceitou cuidar de mim como sobrinho. Cresci acreditando que a minha mãe estava morta, mas ela sempre esteve ao meu lado.

Olho para Ana que apesar de estar com os olhos vermelhos seu semblante está suave, como se um peso fosse tirado de suas costas.

— Faria tudo de novo para te ver crescendo, meu filho. — Chora. — Meu filho. Sonhei tanto com esse dia, rezei muito para Deus, e esse dia chegou. Você é meu filho, saiu daqui — coloca a mãos em seu ventre —, foi eu que o gerei. Eu te amo.

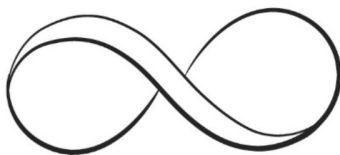
Levanto do colo do Théo, que vai até a mãe e a abraça.

— Minha mãe.

Sinto mãos a minha volta e me dou conta que Alice está ao meu lado, me abraçando.

— Venham cá — Ana nos chama. Alice e eu vamos até ela e nos abraçamos. — Vocês duas também fazem parte da nossa família.

Ficamos abraçados, sabemos que o caminho daqui em diante não será fácil, mas temos um ao outro e juntos vamos encontrar o melhor caminho a seguir.



24 | PAULA

Théo nos conta tudo o que aconteceu, o material encontrado que vai servir como provas e as medidas que irão ser tomadas. Tanto Alice, Ana e eu teremos que ser ouvidas na delegacia e quando a audiência sair, Alice será uma das testemunhas de acusação.

Com tantas emoções e lágrimas, ninguém se alimentou, mas Ana lembrou desse fato, assim decidimos ligar para um restaurante e pedir o jantar.

Apesar das emoções, o jantar ocorre de forma amena, sem muita conversa, estamos todos cansados emocionalmente. Após o jantar, decidimos ir nos deitar e dar esse dia por encerrado. Ana vai dormir com a Alice no quarto e no quarto ao lado Théo e eu.

Tomo um banho demorado, visto uma camisa dele, como o apartamento estava sendo preparando para ele se mudar, alguns dos seus pertences já estão aqui. Saio do banheiro e o encontro sentado na cama. O seu olhar é suave, tenho medo, me sinto fraca.

— Acho que agora precisamos conversar. Senta aqui — pede, batendo a mão na cama, ao seu lado.

Théo me estende uma mão que aceito, sentando-me o seu lado, o meu coração está pequeno e apertado.

— Théo, eu... — tento falar, me justificar, mas estou perdida, ferida, culpada por ter pensado o pior dele, culpada por não ter percebido antes o que vinha acontecendo com Alice. — Eu... — Coloca o dedo na minha boca me silenciando.

— Desde o início que ficamos juntos — começa a falar, sua voz é suave, não aparenta estar nervoso ou magoado —, percebi que você tinha algo que te impedia de se jogar de cabeça, sentia sua lutar interna. Quando você começava a se abrir, mostrava o tamanho do seu coração e caráter. Aos poucos fui conhecendo uma Paula diferente, carinhosa, preocupada, dedicada, amiga e ao mesmo tempo muito misteriosa. Sei que essa pulseira que está em seu pulso tem um valor sentimental muito grande, que quando está nervosa ou com medo você a segura, como está fazendo agora, tentando tirar forças para o que vem vindo. — Acaricia o meu pulso com as pulseiras, me olha e sorri. — Não vou te culpar por não confiar em mim, por achar que eu era o culpado, tudo que tinha em mãos

a fizeram acreditar nisso e a fama de safado que eu tinha antes te conhecer contribuiu para pensar assim de mim.

O que ele fala é verdade, estava com ele e ao mesmo tempo lutando para não amá-lo, mas foi em vão. Quando dei por mim estava completamente apaixonada por ele, lutei tanto para no fim entregar o meu coração.

— Foi difícil lutar contra o que sinto. Recusava-me a gostar de você, achei que era atração sexual, mas nunca foi — confesso.

— Está na hora de você parar de lutar. Nada mudou entre nós, te quero do meu lado para te amar, respeitar e cuidar, não só hoje, mas todos os dias da minha vida.

— Eu te amo. Amo muito — confesso com a voz embargada pela emoção.

Se fosse outra pessoa teria me posto para correr para longe, pelo fato de não ter confiado, mas ele fez o contrário.

— Aceita ficar ao meu lado?

— Para sempre?

— Para sempre — afirma. — Para sempre minha.

— Eu aceito.

Théo sela nossas bocas com um beijo de gratidão, de um futuro juntos. Sei que amanhã não será um dia fácil, mas os anteriores também não foram, porém sei que a partir de agora não estarei mais sozinha, terei alguém ao meu lado.

— Não tem mágoa de mim? — questiono, apesar de tudo o que me disse ainda tenho uma pitadinha de medo.

— Não.

— Se tivesse eu não poderia te condenar, eu estava disposta acabar com você.

— Você não conseguiu, dentro de você sabia que eu era inocente. Não tenho mágoa, pelo contrário, tenho admiração. — Passa a mão pelo meu rosto. — Você é uma mulher forte.

— Queria te destruir.

— Não conseguiu e nem ia conseguir me destruir, a sua ira era do cara que acabou com a sua família, eu nunca fui esse cara. Eu sou o cara que conquistou o seu coração.

— Você foi entrando aos poucos, quando dei por mim já estava perdidamente apaixonada e sofrendo por isso.

— Agora podemos viver, você pode viver. Sem mágoas, sem medo, pode me entregar o seu coração.

— Meu coração já é seu.

— Sou grato, e vou cuidar bem dele, porque o meu coração já é seu. — Beija-me novamente. — Já que estamos nos abrindo um para outro, quero pedir uma coisa para você, Paula.

— O quê?

— Que você e Alice se mudem para cá, pelo menos agora. O meu pai é reconhecido, a imprensa vai cair em cima, quero proteger você e principalmente minha mãe e a doidinha, eu vi os vídeos — fala com pesar. — Ela vai ter vergonha de tudo, aqui vão ficar protegidas.

— Tem certeza?

— Absoluta, quero vocês aqui, assim posso cuidar de todas. Não quero deixar ninguém feri-las novamente.

— Vou conversar com a Alice amanhã, se ela aceitar, nos mudamos para cá, mas quero saber a opinião dela, não posso decidir sozinha.

— Converse com ela primeiro, ela vai aceitar. A doidinha precisa de muita atenção e carinho, aqui ela vai ter o apoio que precisa.

— Amanhã eu converso, ela vai estar mais calma, é muito doloroso e ela está sofrendo com tudo.

— Tomei a liberdade e liguei para uma psicóloga amiga minha, de confiança, expliquei o que tinha acontecido e ela aceitou atender Alice, se ela aceitar ajuda. Será bom para ela se abrir e conversar com alguém, nem tudo que aconteceu ela vai falar para você, sabemos pouco, mas os vídeos que vi tem muita coisa que machucou muito ela.

Enquanto fala, eu o observo, o vejo agora sem culpa. Théo está fazendo tanto por mim, por Alice, que sou grata por tê-lo encontrado.

— Obrigada por tudo. Está fazendo bem o papel de cuidar de tudo, de cuidar de nós.

— A gente cuida de quem ama.

— Eu sou grata por isso.

— Vamos dormir? O dia hoje foi difícil.

Ajeitando-nos na cama e ficamos deitados de conchinha com ele fazendo carinho em meus cabelos.

— Théo.

— Oi.

— Amanhã, depois de ouvir o meu depoimento na delegacia, quero ir ver a minha família.

— Posso ir com você?

— Estão na minha cidade Natal.

— Sem problemas, eu te levo e os conheço.

— Sempre fui sozinha.

— Agora você tem a mim para fazer companhia. Agora fecha os olhos e tente dormir, amanhã vai ser um dia corrido.

Fecho os meus olhos e, no conforto dos seus braços, acabo dormindo.

Está tudo escuro, reconheço o túnel, dessa vez eu não corro, as minhas pernas caminham lentamente, a luz está cada vez mais próxima, cada vez mais brilhante.

Vou na sua direção, está tudo claro, tudo em paz.

— Paula. — Olho para a voz que me chama. Ela está no fim do túnel. Tão linda, o seu brilho voltou.

— Paloma?

— Estou bem. — Vejo-a sorrindo. — Tudo está bem.

— Você está bem?

— Estou. — Sorri. — Você conseguiu.

Duas pessoas surgem ao seu lado. São os nossos pais.

— Estamos orgulhosos de você. Sempre vamos estar cuidando de você — Paloma diz com a voz suave.

— Estou com saudades. Queria vocês aqui comigo.

— Estaremos sempre ao seu lado, nunca a deixaremos sozinha, estamos cuidando de você. Seja feliz, minha irmã.

Acabo sorrindo, eles estão bem. A minha família se vira, entram no túnel e desaparecem.

Abro meus olhos com uma paz em meu coração. Sento-me na cama, lembrando-me deles, a minha família, o meu alicerce, de onde estiver sempre vão cuidar de mim.

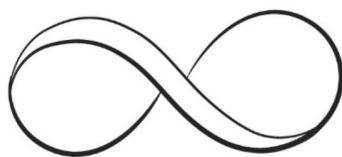
Sei que agora eles estão bem e eu também vou ficar.

— Pesadelo? — Théo questiona com a voz de sono.

— Não. Foi um sonho bom.

— Vem, volte a dormir, você precisa descansar.

Sem protestar, volto para a proteção de seu abraço e acabo pegando no sono novamente.



25 | **THÉO** **MESES DEPOIS**

Durante toda a minha vida cresci acreditando que a minha mãe morreu para me dar a vida, me senti culpado por saber que para eu nascer ela teve que morrer.

Acreditava que meu pai era um homem horando, que não se casou novamente em respeito e amor a minha mãe. Fui um tolo por acreditar em tudo que ele falava, fui inocente de não questioná-lo em relação a minha mãe. Ele sempre foi severo, tinha medo das suas reações, por esse motivo acabei aceitando o que ele estava disposto a falar.

Hoje eu sei a farsa que foi toda a minha vida. A minha mãe sempre esteve ao meu lado, cuidando, me amando e dando carinho, além de ser ameaçada constantemente pelo homem que sempre chamei de pai. A minha tia, que sempre esteve ao meu lado era, na verdade, a minha mãe. A pessoa que me deu a vida.

Ana foi ameaçada durante toda a sua gestação, quando nasci, em um ato de desespero, pediu para o meu pai deixá-la cuidar de mim com a promessa de nunca me contar a verdade. Ela cumpriu sua promessa, cuidou de mim, me amou, fez de tudo, mas nunca me disse a verdade, tinha medo de contar e ele afastá-la de mim.

O meu pai não é nenhum herói, ele foi o vilão não só minha vida, mas na vida de tantas outras. Destruíu famílias e sonhos de muitos.

Théodoro Calderan era nada mais nada menos um dos maiores chefes de rede de prostituição na região. As moças que trabalhavam em suas boates viviam em condições precárias, além de ver suas famílias sendo ameaçadas. Muitas garotas perderam a vida. O poderoso Théodoro Calderan é um bandido, um lobo vestido na pele de cordeiro. A agência de turismo era apenas uma fachada para a lavagem do seu dinheiro sujo. Eu nunca desconfiei.

Enquanto trabalhava achando que o meu trabalho era digno, achando que estava na frente de uma agência de sucesso, sem saber, estava contribuindo com o seu serviço sujo.

Quantas vidas se perderam?

Quantas jovens foram estupradas?

Quantas famílias perderam suas filhas?

Eu não sei o número exato, mas foram muitas. Sinto-me culpado por ter sido tão cego, por não ter enxergado quem era o verdadeiro Théodoro Calderan. Trabalhava duro, por amor a agência e para ganhar a admiração do meu pai, mas no fim era apenas um fantoche em suas mãos.

Por mais que você tente esconder o seu verdadeiro eu, uma hora a verdade vem à tona. Foi o que aconteceu.

Apesar de tudo, no meio do caos que não sabia que vivia, Paula, como uma luz, surgiu na minha vida. A partir do instante que os meus olhos se encontraram com os delas, eu soube que ela era o meu feliz. Até tentei não me apaixonar, dizia para mim mesmo que era apenas uma frustração sexual, que depois de fodê-la essa atração passaria. Mero engano. O tempo passou, enfim venerei o seu corpo, bebi do seu prazer e me apaixonei ainda mais. A certeza que era ela que eu queria para toda a minha vida era real.

Apesar de ver a entrega na Paula, quando olhava em seus olhos a via travando uma briga interna. O desejo e a paixão por mim eram evidentes, mas ela lutava por algo que eu não compreendia. Foi quando um simples “bom dia”, acabou em uma discussão com ela saindo da minha sala e voltando chorando e me culpado por algo que eu não entendia, mas sabia que não tinha feito. Abracei o seu corpo enquanto chorava e gritava, me culpava e se culpava. Quando Alice entrou na sala e confessou toda a verdade. Eu era inocente, o culpado era outro, alguém que eu jamais desconfiaria.

Théodoro Calderan, o meu pai, era o culpado da dor da Paula, da Alice, da minha mãe, da minha dor e de tantas outras pessoas inocentes.

Não sei como Paula suportou perder toda a família de forma tão cruel. Por um momento achei absurdo ela achar que eu era o culpado, mas depois de ver e ouvir tudo da sua boca, percebi que todas as provas indicavam para mim. Não poderia culpá-la por ter pensando que eu era o verdadeiro culpado. Eu e meu pai temos o nome parecido. Tudo indicava que era eu. Eu, no seu lugar, teria feito a mesma coisa, teria ido atrás de quem acabou com a minha família e o faria pagar, foi o que ela fez. Só não esperava que nós dois acabaríamos nos apaixonando. Aí estava a luta interna dela, não aceitar se apaixonar pelo cara que destruiu sua família, seus sonhos. Tudo indicava que eu era o culpado. Paloma foi a minha secretária, mas como sou safado e nunca neguei, quando vi que ela era sonhadora e inocente, a transferi para trabalhar com o meu pai, que acreditava ser um homem íntegro. Acabei colocando a inocente Paloma para trabalhar ao lado do cara que a destruiu, além de acabar com sua família.

— Sabe que se eu pudesse entraria com você, não é? — Paula comenta, segurando a minha mão assim que estaciono o carro.

— Não. — Olho-a com ternura. — Eu tenho que fazer isso sozinho, você já fez muito vindo até aqui.

— Eu sei, mas quero que saiba que não está sozinho.

— Mesmo que houvesse essa possibilidade, seria egoísmo te fazer entrar comigo e te por frente a frente com aquele monstro. Já fez isso no tribunal para apoiar Alice, agora é comigo, jogo rápido.

— Eu sei que está sendo difícil, apesar de tudo ele é o seu pai.

— Não. Ele não pode ser chamado assim, nem sabe o que significa. Ele apenas foi um doador de esperma, é um monstro.

— Vou te esperar aqui — afirma.

Sei que ela está nervosa, segura o pulso que está a pulseira da irmã. Paula tem esse tique, como se a pulseira desse a força que precisa. Sei o quanto sofreu com a perda de todos, se culpa por quase ter perdido Alice.

— Ei — seguro o seu pulso e acaricio a pulseira —, está tudo bem. Vou lá para ele assinar esses documentos e nunca mais volto para olhar para cara dele. Depois acabou.

— Estou aqui — diz sem jeito.

— Eu estou aqui. — afirmo e beijo sua testa. — Eu sempre vou estar onde você estiver.

Desço do carro com a pasta em mãos e caminho em direção a entrada do presídio. A minha entrada é liberada e sou direcionado a uma sala com apenas uma mesa e duas cadeiras. Sento-me e em poucos minutos ele entra, está mais magro e abatido. O senhor Calderan hoje é apenas um presidiário, assim como os outros. Não é mais temido e respeitado.

Senta à minha frente e coloca as mãos algemadas em cima da mesa.

— Que bom em te ver, meu filho. — Sorri.

Fico por breves segundos revendo tudo o que ele fez, o tanto de dor causou em tantas famílias. Ainda tem uma postura de todo poderoso, mas agora não é ninguém, é um criminoso que vai passar anos aqui dentro, sozinho, sem amigos, sem influencia, vai cumprir a sua pena.

— Vim trazer esses documentos para você assinar. — Coloco a pasta aberta à sua frente, junto com a caneta. — A agência já estava em meu nome, foi comprovado que eu era inocente e não tinha nada a ver com a sua sujeira, mas tem uma pequena parcela que ainda te pertence.

— Não está com saudades do seu pai? — questiona. — Veio aqui só atrás do dinheiro? — debocha.

Mesmo preso, com o nome na lama, ele mantém a postura de homem implacável.

— Todos os seus bens foram confiscados. — informo. — O custo com

advogados foi eu que paguei, mesmo você não merecendo, fiz o que qualquer filho faria. Esse documento na sua frente é para comprar a sua parte da agência. Não preciso do seu dinheiro, ganhei o meu de forma honesta, portanto não foi confiscado.

— É igual a sua mãe. — Ri. — Honesto.

— Por isso estou solto. — Aponto o dedo. — E, você, preso, e pelo visto vai continuar preso por longos anos; sozinho, sem privilégios, sem ninguém. Isso tudo foi você que quis, você fez por onde.

— Aquela vagabunda cuidou bem de você. — Pega a caneta e com dificuldade assina o papel. — Pronto, está livre para viver sua vida. — Levanta-se. — Se eu fosse você, não queria nunca mais ver a minha cara.

— É o que pretendo fazer quando sair por aquela porta. Aqui esqueço que eu tenho seu sangue.

— Então faça, pois se eu estivesse solto continuaria fazendo o que sempre fiz. Não me arrependo dos meus crimes, só me arrependo de não ter dado um fim naquela imprestável, se não fosse ela eu não estaria aqui.

— Cedo ou tarde você seria descoberto.

— Não seria. Apenas a subestimei, ela era mais forte que eu pensava. — Olha-me. — Adeus, meu filho, espero nunca mais o ver.

Sai da sala.

— Acabou — digo para ninguém.

Pego a pasta e saio de lá, ando o mais rápido que as minhas pernas permitem. Já do lado de fora, quando me vê Paula anda em minha direção.

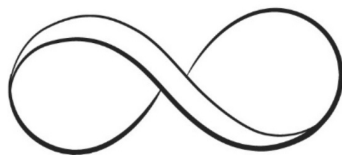
Paramos um na frente do outro.

— Pronta para construir uma vida ao meu lado? — questiono, passando a mão em seu rosto.

— Pronta para ser feliz. — Sorri.

Puxo o seu corpo para o meu, cobrindo a sua boca com a minha.

Agora somos apenas nós dois, construindo uma vida cheia de sonhos.



26 | PAULA

Faz cerca de cinco meses desde que Théo visitou o pai na prisão. Desde aquele encontro nunca mais o viu. Sempre sai alguma sobre ele nota no jornal, Calderan não agia sozinho, depois da sua prisão, vários outros nomes foram revelados. Isso tudo só foi possível por causa da Alice, ela é muito mais forte que aparenta ser, sofreu e sofre, mas a força que mostra ter é admirável.

A Calderan Turismo não existe mais, Théo a vendeu, o seu nome e credibilidade foram para a lama, assim como o do seu Théodoro Calderan, por isso Théo se recusou a continuar. Théo amava a agência, sei que era sua vida, que gostava, mas como ele mesmo disse: “um lugar que trouxe dor para tantas pessoas não é um lugar para ele”, além do mais, não queria ter o seu nome ligado ao do seu pai.

Ainda estou na faculdade de Turismo, acabei me encontrando no curso e não me vejo trabalhando em outra área. Alice também continua o curso, no início foi difícil, as pessoas olhavam com desconfiança, mas juntas estamos seguindo e superando. Eu e Théo estamos cuidando dela, Alice foi muito forte contando tudo o que sabia e testemunhando. Ela está em recuperação, passando por tratamento psicológico, Théo está arcando com todas as despesas. A família da Alice sempre vem nos visitar, nós duas moramos junto com Théo e sua mãe. Não é a mesma casa que Théo cresceu, mas é linda, confortável e cheia de vida.

Atualmente não trabalho, Théo passa o dia no escritório de casa, preparando algo que não me revelou. Apenas disse que é segredo.

Assim que estaciona o carro em frente ao cemitério, Théo me olha e sorri.

— Obrigada por sempre vir comigo — digo. — Por mais que o tempo passe ainda dói, mas hoje a dor é menos dolorida.

— Você nunca precisará vir sozinha, sempre vou estar ao seu lado. — Pega a minha mão e beija. — Sempre juntos, não se esqueça, a gente cuida de quem a gente ama.

— Eu te amo — digo, fitando os seus olhos. — Amo cada dia mais, sou grata por te ter ao meu lado.

— Te amo hoje e sempre.

Descemos do carro. Théo pega as flores que compramos no caminho, no

banco de trás. Enlaçamos as nossas mãos e caminhamos em silêncio até o túmulo da minha família.

— Oi, família. — Sento-me no túmulo, tiro as flores secas e coloco as novas. — Olha, o Théo veio comigo. — O olho e ele sorri.

— Demorei para vir por causa da faculdade, estamos no final do bimestre e as coisas estão bem corridas. — Fico em silêncio, olhando as fotos na lápide. — A Alice está melhor, não está 100%, mas podemos dizer que está no cominho. O brilho dos seus olhos estão voltando, está sorrindo com mais frequência. Sei que ela sofreu muito, mas está caminhando e logo, logo, estará bem; ainda deu tempo de salvá-la. — Limpo uma lágrima. — Alice é tão importante na minha vida que eu não sei o que seria de mim se algo acontecesse com ela.

Tampo a minha boca para conter um soluço. Sinto Théo me abraçando, mas ele não diz nada.

— Ela vai ficar bem, vou cuidar dela e o Théo está cuidando de nós — afirmo.

Fico em silêncio, acalmando a emoção, depois de um tempo, já mais calma, descido ir embora.

— Obrigada família, está na hora de ir embora, prometo não demorar tanto dessa vez. Cuide de nós de onde você estiverem. — Passo a mão pelas fotos na lápide. — Amo vocês.

Levanto-me e me viro para ir embora.

— Oi família. — Olho para trás confusa. — Eu sei que não faço parte da família ainda — Théo me olha e sorri —, mas eu quero. Quero acordar ao lado da Paula todos os dias, quero velar o seu sono, limpar suas lágrimas e a fazer sorrir. A quero como minha esposa, para que possamos construir a nossa família, criar cachorros e sermos ainda mais felizes.

— Théo — digo chorosa.

Então ele tira uma caixa de veludo preta do seu bolso e a abre.

— Paula, eu sei o quanto é importante sua visita a sua família, mesmo que sempre chore, te faz bem. — Pisco os meus olhos, tentando controlar as minhas emoções — Quero te pedir para ficar comigo para o resto das nossas vidas. Te amo. Casa comigo?

— Mas é claro que sim. — Jogo-me em seus braços e ele beija o meu pescoço. Dou risada e choro ao mesmo tempo. — Te amo, te amo, te amo.

— Te amo enquanto vida eu tiver, depois que morrer continuarei te amando.

— Você me faz uma pessoa melhor.

— Você é a luz que faltava na minha vida. Nunca esqueça que eu te amo. Enquanto houver sol e lua eu vou te amar.

— Enquanto houver sol e lua eu vou te amar, Théo. Não sei o que seria da minha vida sem você e Alice.

Saio dos seus braços.

— Não existe sua vida sem mim ao seu lado. Era o nosso destino. — Théo pega a minha mão e desliza a aliança no meu dedo. — Te amo.

— Obrigada. — Choro enquanto olho o anel na minha mão. — Estou tão feliz — confesso.

— Sei como esse lugar é importante para você. Queria que tivesse um motivo alegre para se lembrar daqui. Agora toda vez que vier visitar a nossa família vai se lembrar de nós.

— Bem inusitado. Olha, família. — Viro-me para o túmulo e mostro a minha mão.

Théo me abraça por trás e deposita um beijo demorado em meu rosto, sinto-me feliz e protegida.

— Prometo, família, que vou cuidar bem da nossa menina.

Acabo sorrindo e recebo outro beijo demorado.

— Promessa é dívida — brinco.

— Essa promessa, eu faço questão de cumprir todos os dias.

— Te amo.

Viro-me de frente para Théo, jogo os braços em seu pescoço e beijo a sua boca com desejo.

— Hum — geme —, melhor irmos para casa.

— Também acho.

— Desculpa aí, família, é hora de ir para a comemoração a dois agora.

— Théo — repreendo.

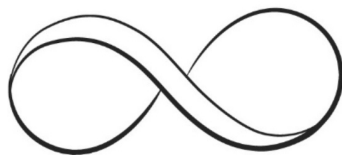
— Eles sabem, já tiveram muita comemoração a dois. Você acha que foi feita de que forma? — brinca. — Tchau, família.

Antes de me virar para ir embora, olho para o túmulo da minha família, pela primeira vez estou indo embora sorrindo. Théo me deu um motivo para lembrar daqui com alegria, apesar de tudo.

— Tchau, família. Cuidem de nós.

Beijo uma das minhas mãos e mando para eles.

Abraçados lado a lado, juntos, Théo e eu trilhamos o caminho de volta para casa, agora prestes a dar um novo rumo em nossas vidas.



27 | PAULA

Assim que Théo estaciona o carro em frente à casa, desço sem ao menos esperá-lo. Quero muito contar a novidade para Alice.

— Espera — Théo diz ainda dentro do carro.

— Quero mostrar para Alice. — Mostro a minha mão, sorrindo.

Ele sorri e entro correndo dentro de casa, a procuro na sala cozinha, escritório, mas não encontro.

— Alice! — grito. — Alice, cadê você?

— Aqui — responde, saindo do seu quarto. — O que foi? Por que está gritando igual uma doida.

Aproximo-me dela.

— Olha. — Mostro o anel em meu dedo.

Alice segura a minha mão, me olha com ternura e me abraça.

— Fico feliz por você.

— Obrigada. Fiquei muito feliz, não estou nem acreditando.

— Acredite. — Desfaz o abraço e segura as minhas mãos. — Você merece ser muito feliz e o Théo é a pessoa capaz de cuidar e te fazer feliz; isso é visível desde o primeiro dia que os vi juntos.

— Alice, por que eu não vejo surpresa com a minha notícia? — questiono desconfiada.

— Porque fui eu e a Ana que ajudamos Théo a escolher a aliança.

— Alice! — a repreendo. — Por que não me disse?

— Ele pediu segredo — defende-se. — Era um segredo bom e ia te fazer muito feliz.

— Ia, não. — Théo me abraça pelas costas e beija o meu rosto. — Eu vou te fazer a mulher mais feliz do mundo.

— Viu — Alice sorri —, era um segredo bom. Vocês dois merecem toda felicidade do mundo.

— Minha alegria só será completa se você for a minha madrinha. — Deixo os braços de Théo e seguro a mão de Alice. — Você sabe o quanto gosto de você, Alice. Você trouxe um colorido para a minha vida quando tudo era escuro, aos poucos, com o seu jeitinho, foi cuidando de mim, me auxiliando, dando forças, me fez sorrir, e lembrar que no meu peito ainda tinha um coração.

Não sei o que seria de mim sem você.

— Acho que você está dizendo o que eu ia falar. — Limpa as lágrimas que escorrem por seu rosto. — Você foi a primeira pessoa que eu vi quando entrei na sala, o meu coração bateu de uma forma que nem sei como explicar, mesmo morrendo de vergonha fui até você, e para meu espanto vi um olhar triste, mas que no final estava brilhante. Os dias foram passando e aos poucos entendi o porquê do seu olhar triste. Mesmo com tanta dor em seu peito, você estava seguindo e sempre estava pronta para ajudar o outro, mesmo tentando ser forte, sempre soube que era apenas um muro que ergueu para não sofrer. Na primeira vez que pulei na sua cama por causa dos meus pesadelos, você me acolheu, não me criticou e achou fútil. Você sempre cuidou de mim e me salvou inúmeras vezes, quando cheguei ao fundo do poço, estendeu a mão e me resgatou. Salvou-me de mim mesma, que naquele momento queria morrer, mas te olhar me deu forças para viver. — Abraço a minha amiga e choramos juntas. — Durante o meu tratamento foi a minha fortaleza, dormia abraçada comigo toda noite para eu não sentir medo. Enfrentava os olhares das pessoas para me defender. Nunca vou conseguir expressar o quanto te amo, o quanto sou grata por Deus ter colocando você ao meu lado.

— Eu te amo. — Limpo as suas lágrimas. — É minha irmãzinha.

— Você é a minha irmã mais velha. — Sorri.

— Eu sou o noivo e futuro cunhado. — Théo nos abraça.

— Aceita ser a madrinha? — questiono. — Você falou um monte de coisas lindas, mas ainda não disse o sim.

— Claro que sim — afirma —, vou sempre estar ao seu lado.

— Preciso que as duas choronas se controlem, pois as surpresas não acabaram ainda. — Théo nos olha.

— Surpresas? — questiono.

Olho para Théo e depois para Alice.

— Dessa vez eu não sei — Alice diz ainda chorosa.

— Ninguém sabe, fiz tudo sozinho. — Segura a minha mão e da Alice.

— Quase tudo sozinho, tem uma pessoa que me ajudou.

— Ana! — Alice e eu falamos juntas.

— Acertaram. Ela está nos esperando.

— Por isso saiu cedo e não disse para onde ia. Tia Ana nos *trolou*, Paula. Nossa, nem na Ana podemos mais nos confiar.

— Normal, vocês estão cheios de surpresas para o meu lado — digo. — Bem-vinda ao clube, Alice, de ser sempre trolada. — Acabo rindo.

Caminhamos para a saída.

— Mas eu não sei. Isso não é justo, Théo — protesta Alice.

— A surpresa é para as duas. Por isso não podia te contar, doidinha. Só minha mãe que sabe.

— Não me chame assim.

— Se acostume, não vou mudar o seu apelido. — Théo abre a porta traseira do carro. — Entra doidinha.

— Paula, briga com ele — Alice pede, entrando no carro.

— Sei de nada. — Entro no carro e olho para trás. — Vocês são cheio de segredinhos, agora que se virem — brinco.

— Muito adulta você, Paula. — Alice cruza os braços, fica com um bico ridículo e acabo rindo.

— Muito adulta você, doidinha — Théo zomba, olhando pelo retrovisor —, com esse bico então, nem se fala.

Alice não responde, mas mostra a língua para ele. Os dois sempre implicam um com o outro, mas o sentimento de cumplicidade e carinho é mútuo. Nem sei como vai ser quando Alice se formar e for embora.

Hoje, a vendo sorrir, fico feliz em saber que apesar de tudo, aos poucos, está melhor, sei que nunca será a mesma, mas ela não abaixou a cabeça, ao contrário, levantou e se tornou mais forte e me faz ter orgulho da mulher maravilhosa que está se tornando.

— Falta muito? — questiona Alice.

— Estamos chegando. Paula, abra o porta-luvas, por favor.

Faço o que pede e encontro duas máscaras para dormir.

— Posso saber qual o motivo te ter duas máscaras? — questiono, pegando a máscara e mostrando a ele.

— Uma para cada. A surpresa também é para a doidinha.

— Pensei que só tinha vindo junto para ver a cara da Paula.

— Não, você veio junto porque é importante para a vida da Paula e para mim. Somos uma equipe. Agora as duas, por favor, coloquem essa venda e não estraguem a surpresa.

— Está cheio de surpresas hoje — digo, colocando a venda em meus olhos. — Pronto.

— Isso porque você não viu o que preparei para essa noite — sussurra em meu ouvido. — Acho que estou merecendo aquela coisa que não se pede, mas se ganha.

— Acho que está merecendo ganhar mesmo — confesso, já imaginando os orgasmos de mais tarde.

— Safada gostosa. — Théo beija o meu pescoço. — Estou doido, já de pau duro.

— Eu ouvi — Alice diz rindo. — Acho que vou chamar a tia Ana para

dormir no hotel hoje.

— Boa ideia, doidinha. Por isso que te amo.

— Vocês dois não valem o sal do batizado — zombo e caio na risada.

— Tenho sempre boas ideias.

— Mas pode pôr a venda — repreende Théo. — A surpresa também é para você.

— Já estou colocando — reclama Alice. — Pronto, agora pode dizer o que é a surpresa.

— Calma que estamos chegando — pede Théo.

Continuamos brincando, Théo implicando com Alice e Alice implicando com o Théo e todos rindo.

— Chegamos! — Théo avisa, assim que estaciona o carro.

— E agora? — indago.

— As duas esperem sentadas que vou ajudá-las a descer — avisa saindo do carro.

Théo desce do carro, estou ansiosa. Fui ver a minha família, fui pedida em casamento e agora uma surpresa.

— Estou nervosa — confesso.

— Eu também estou, dessa vez eu não sabia. O que será que é? — questiona Alice.

— Vão descobrir agora — Théo conta, abrindo a porta do meu lado.

— Vou te ajudar, Alice. — Ouço a voz da Ana.

— Ana? — indago, enquanto Théo me ajuda a descer do carro.

— Estou aqui, Paula — Ana diz com a sua voz serena. — Cuidado, Alice.

— Vamos com calma. — Théo pede, guiando os meus passos. — Aqui, pode parar. — Ele se coloca às minhas costas e segura o meu ombro. — Uma do lado da outra, mãe.

Sinto as duas ao meu lado, procuro a mão da Alice e seguro.

— Estou com medo — Alice confessa, apertando a minha mão.

— Eu estou aqui — digo —, sempre vou estar do seu lado, Alice.

— Você sempre vai estar. — Alice constata e sem a ver imagino com um sorriso no rosto.

Não importa o que aconteça, eu sempre vou estar do lado dela, já deixei isso claro, as nossas vidas tinham que se cruzar, não temos nenhum laço de sangue, mas a nossa ligação é grande. Muitas coisas não tem lógica, não tem como ser explicado, esse amor que uma sente pela a outra é isso, sem explicação, nos amamos e isso basta.

— Não precisa ter medo. É uma coisa boa — Théo sussurra em meu

ouvido.

— Théo, é agora? — Ana indaga. — Quero ver a cara de boba da Alice.
— Pelo tom da sua voz aparenta estar feliz,

— Tia Ana traidora — acusa Alice.

— No três, mãe — diz Théo, aperto a mão da Alice. — 1, 2, 3, agora....

Théo retira a venda dos meus olhos e vejo uma loja à minha frente. A fachada me faz chorar.

— Surpresa! — Théo diz, segurando o meu ombro. Fico olhando a fachada, sem acreditar o que meus olhos estão vendo. — Diz alguma coisa — pede

— Paloma Turismo — leio a fachada, chorosa.

— Você sabe que sempre amei a Calderan Turismo, aquela agência era a minha vida, mas depois que a verdade veio à tona não podia continuar em um lugar que nos causou tanta dor. Por isso vendi, com a intenção de montar uma nova agência. Essa agência é nossa, minha, sua e da Alice.

— Minha? — Alice questiona.

— Sua também, doidinha. Você faz parte da nossa família.

— Nem sei o que falar. — Olho para Alice e vejo o seu espanto, acho que ela também não esperava essa surpresa.

— Não diga nada, apenas aceite o seu presente. — Théo a abraça. — Agora é a minha sócia, doidinha.

— Obrigada! Cunhado e sócio — Alice agradece. — Nossa, nem em meus sonhos poderia sonhar com algo assim.

— Nem eu — sussurro.

Nunca poderia imaginar que um dia isso pudesse acontecer.

Olho para a fachada, Paloma Turismo está escrito com letras pretas e o contorno amarelo, o símbolo do infinito enlaça todas as letras. Olho para as pulseiras em meu pulso, que tem o mesmo símbolo.

— Quis um nome forte para dar boa sorte, que representasse a força das donas da agência — Théo diz, segurando o meu pulso onde estão as pulseiras. — Acho que acertei no nome.

— É lindo — digo emocionada.

— Paloma foi importante em nossas vidas, na minha, na sua, da Alice e da minha mãe. Ela nos uniu, ajudou a salvar vidas de várias meninas inocentes. Não poderia escolher outro nome. Tenho certeza que a agência vai ser um sucesso.

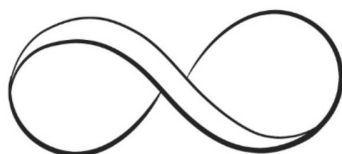
— Obrigada — digo, selando as nossas bocas.

Depois abraço Alice e Ana, quando percebo, estamos os quatro abraçados. Pessoas tão diferentes que o destino uniu, nos deu forças para

continuar trilhando o nosso caminho.

— Paloma turismo marca um novo começo em nossas vidas — digo ainda abraçada a todos.

Eu não sei o que o futuro nos aguarda, mas sei que juntos somos mais fortes. Paloma Turismo é só o início de uma vida, que tenho certeza que será cheia de amor, carinho e alegria.



28 | **PAULA**
FINAL
ANOS DEPOIS

Acabo de revisar mais um contrato com um resort que acabou de ser inaugurado, é pequeno, mas tem um ótimo potencial. Na agência, fechamos parcerias com hotéis e resorts luxuosos, com aquele hotel modesto e até pousadas desde que tenham qualidade. Assim atendemos todos os tipos de pessoas, desde as milionárias até a mais simples, que economizou o ano todo para ter o prazer de viajar com a família. Não temos distinção, o que sempre desejamos é um serviço de qualidade e satisfazer os nossos clientes.

Com apenas um ano após a inauguração, a "Paloma Turismo" se tornou uma das melhores agências de turismo da cidade. Hoje possuímos várias filiais espalhadas pelo Brasil, nunca imaginei que iríamos chegar onde chegamos.

Encosto na minha poltrona e olho os retratos em cima da mesa. Eles contam um pouco da minha história de vida.

Estico o braço e pego o primeiro porta-retratos, é da minha família, pai mãe e Paloma. Quando eles se foram pensei que iria vegetar, que tinha enterrado o meu coração junto. Um pedaço de mim se foi, mas outro nasceu dentro de mim.

Coloco o porta-retratos no lugar e pego outro, nesse há duas fotos, uma ao lado da outra. A primeira sou eu e Alice, deitadas na cama de solteiro da República, a foto ao lado é minha e do Théo, foi quando comecei a renascer. Coloco o porta-retratos no lugar e pego outro, que tem a foto da inauguração da agência junto com a do meu casamento. O outro é o menor, mas não menos importante. Passo a mão no vidro e, sem que eu perceba, uma lágrima cai dos meus olhos.

— Mas já está chorando de novo — Théo questiona ao se aproximar, mostro a ele a foto. — Daqui a pouco essa princesa vai estar em nossos braços — afirma com um sorriso no rosto.

Estou grávida do nosso primeiro filho. Na verdade, filha, é uma menina, estou com 34 semanas de gestação, na reta final.

— Estou ansiosa para pegá-la e sentir o seu cheirinho — digo.

— Ela vai ser linda igual a mãe — afirma.

— Nossa menina.

— Ana Clara. — Passa a mão na minha barriga.

— Já contou para sua mãe? — Théo escolheu o nome da nossa menina, disse que queria homenagear a mãe, que sempre esteve do seu lado, mas nunca pode se revelar. Eu aceitei e achei linda a sua atitude.

— Vou fazer surpresa. — Sorri.

— Ela vai amar — afirmo. — Me ajuda a levantar — peço, estendendo a mão.

Estou pesada e cansada mais que o normal, andando estilo pinguim, já são os efeitos do final da gestação.

— Sempre. — Me ajuda a levantar.

— Vamos para casa, já acabei por hoje — peço. — Preciso dormir, estou com sono e fome.

— Novidade. Fome e sono é o que você mais tem nessa gestação — diz sorrindo.

Théo segura a minha mão e saímos da sala.

— Posso nem falar nada porque é verdade e a Ana também não colabora, vive me fazendo comer e mandando eu dormir, sou obediente — brinco.

— Está que não se aguenta de tanta felicidade com a netinha.

— Está e não esconde de ninguém, vai ganhar o título de maior vovó babona do mundo.

— E a Doidinha de maior tia babona do mundo. — Théo sorri. — A Doidinha mandou notícias?

— Sim, está nas Ilhas Maldivas. Chega no fim de semana.

— Tão rápido?

— Não quer perder o nascimento da bebê. Ela quer estar ao meu lado.

Alice se casou há uma semana, conheceu um rapaz, estagiário dela, foi ódio no primeiro olhar, mas na verdade era amor encubado. Em pouco tempo os dois estavam apaixonados. André demorou três anos para convencer Alice a se casar com ele, agora estão na lua de mel forçada, ela não queria me deixar sozinha nessa reta final da gestação, mas a convenci a ir. Alice merece ser feliz, e aproveitar tudo o que a vida tem a oferecer. André é um rapaz maravilhoso, brinco que ele foi feito sob medida para ela.

O trajeto até a nossa casa é feito de conversas banais. Assim que estaciona o carro na garagem de casa, Théo abre o porta-luvas e pega uma máscara de dormir.

— Eu tenho uma surpresa. — Sorri.

— A última vez que vendou os meus olhos a supressa era essa casa

enorme, com o quintal maior ainda, além de três cachorros — lembro.

— Dessa vez é coisa pequena, mas a intensidade o carinho é o mesmo.

— Hum... O que será?

— Posso te vender. — Mostra a máscara de dormir — Daqui a pouco você vê a surpresa.

— Tudo bem. Aceito.

Théo me ajuda a vender os olhos e depois me ajuda a descer do carro, caminho com ele segurando a minha mão e me guiando o rumo a surpresa.

— Chegamos — diz no meu ouvido. Escuto a porta ser aberta à minha frente. Entramos. — Preparada? — questiona com a mão em meus ombros.

— Estou.

Théo retira a venda e quando olho, estou em um quarto todo em tom pastel, os meus olhos vagam pelo local. O pequeno berço ao centro. Nas paredes tem nichos com bonecas de pano. Cortinas de renda de cores pasteis. Na cômoda tem um porta-retratos com uma foto minha grávida e Théo beijando a minha barriga. Caminho até a cômoda, pego o porta-retratos e impo uma lágrima que escorre em meu rosto.

Estou feliz com a minha gestação, foi uma surpresa boa quando me descobri grávida, mas até agora não tinha arrumado o quarto da nossa filha. Disse que ia comprar um pequeno cesto e por do lado da nossa cama. Théo tinha aceitado, mas olhando agora o quatinho dela pronto, vejo que eu estava sendo precipitada. Mesmo que durma comigo ela precisa do seu cantinho, um lugar só dela.

— Ainda tem mais. — Caminha até a parede que dá para o nosso quarto e abre a porta dupla que não existia quando saí essa manhã para trabalhar. — Pronto, agora está bom. — Olho para porta que une os dois quartos. — Venha ver — Estende a mão me chamando.

Caminho até ele e seguro sua mão.

A primeira coisa que vejo é o cesto ao lado da nossa cama.

— Diz alguma coisa? — pede.

Viro-me e o abraço.

— Eu tenho o melhor marido do mundo. A nossa filha tem o melhor pai do mundo.

— Gostou?

— Amei. Eu estava sendo egoísta, ela precisa ter o cantinho dela. Quero tanto Ana Clara do meu lado, por isso não queria montar o seu quatinho

— Você não estava sendo egoísta, estava fazendo o papel de mãe protetora. Nossa filha vai ter o cantinho dela, mas o cestinho está ao lado da nossa cama, ela pode dormir na nossa cama também. Porém, tem o cantinho

dela.

— Obrigada, Théo.

— Obrigado por ser essa esposa tão maravilhosa, por me fazer o homem mais feliz do mundo.

— Obrigada por me amar, estar sempre ao meu lado. E, principalmente, por me dar uma família para eu amar e cuidar.

Selamos nossas bocas, felizes um com outro e principalmente felizes com a vida que temos e construímos.

FIM!

EPÍLOGO

— Mamãe, mamãe — Ana grita e vem correndo na minha direção. — Mamãe!

— Sem correr, meu amor — peço assim que ela se aproxima. — Você cair e fazer dodói — explico.

— Olha, mamãe. — Estende as três flores que segura, sem dar importância no que acabei de dizer.

— São lindas — elogio.

— Foi eu que escolhi — diz orgulhosa —, papai pagou. Sente o cheiro, é cheirosa.

— Hum... — Sinto o cheiro. — Parabéns, muito lindas e cheirosas.

— Não tão linda quanto você. — Théo beija o meu rosto.

— Vamos, mamãe. — Sai correndo à nossa frente, balançando as flores que se continuar assim não vão chegar ao seu destino.

— Ana — chamo —, não corre.

— Deixa comigo — Théo diz, correndo para acompanhar Ana.

Assim que ele a alcança a pega e a coloca no seu pescoço. Ana ri animada por estar no pescoço do pai.

— Vem, mamãe — grita.

— Estou indo — digo, já indo na direção deles.

Ando com dificuldade, estou pesada, o nosso segundo filho pode nascer a qualquer momento.

Assim que Ana completou três anos, decidimos ter outro filho. Miguel está para nascer, mãe de casal.

— Cheguei.

Théo tira Ana do seu pescoço e a coloca ao meu lado, ela me abraça e beija a minha barriga.

— Miguel tem que nascer logo para a gente brincar — pede para o irmão. — Já está muito tempo aí dentro, sai logo.

— Daqui a pouco ele nasce — digo, passando a mão em seus cabelos.

— Esta demorando muito, mamãe.

— Calma, está chegando a hora de você conhecer seu irmão — Théo diz, depositando um beijo na nossa pequena.

— Papai, posso ir na frente? — pede, ainda segurando as flores.

— Sem correr — Théo avisa.

Ana sai andando na nossa frente. Fico a observando, andando feliz e saltitante, nunca imaginei que um dia eu poderia ser tão feliz.

— Não chore. — Théo passa a mão pelo meu rosto.

— Obrigada.

— Obrigado você por me fazer o homem que sou hoje.

— Por você me fazer a mulher mais feliz do mundo.

Nos aproximamos de Ana que conversa animadamente.

— Oi família. — Escuto sua voz. — Olha que flores lindas, uma para cada um. Uma para a vovó, vovô e tia. Miguel ainda está escondidinho na barriga da minha mamãe. Ele é teimoso, não quer sair de jeito nenhum, vou por ele de castigo por causa dessa teima.

Théo e eu nós olhamos e voltamos a prestar atenção em Ana, contínuo visitando a minha família no cemitério, hoje a dor deu lugar a saudade, essa é a nossa visita antes de Miguel nascer.

— Oi família — digo sorrindo —, na próxima visita a nossa família vai estar maior... — Passo a mão em meu ventre. — O nosso Miguel vai estar entre nós.

AGRADECIMENTOS

Mais um fim é escrito, mais uma história é finalizada. A mistura do dever cumprido e a dorzinha no coração por ter acabado sempre se mistura, sempre fico com esse misto de sentimentos a cada trabalho finalizado.

Engana-se quem pensa que escrever os agradecimentos é a parte fácil, é tão difícil escrever o que sente, colocar no papel sentimentos seus e não de um personagem, quando se trata de mim, não sei passar para o papel, mas vou tentar.

Eu sou grata a Deus pelo dom que me deu, dom que descobri que tinha e não sabia. Hoje a escrita faz parte da minha vida e do meu dia a dia, não consigo me ver sem escrever, sem criar histórias, sem dar vida aos personagens. Através da escrita posso exercer a coisa que mais amo no mundo: “ser mãe”. Posso participar de todas as fases de desenvolvimento do meu filho, o educar e estar ao seu lado 24 horas por dia, 7 dias da semana e 365 dias do ano.

Amo escrever, amo meu filho, amo tudo que a escrita me proporciona, as amizades que descobri e o carinho que recebo de cada leitor espalhado por todos os cantos.

Obrigada as minhas amigas leitoras, que sempre estão ao meu lado me apoiando, me dando carinho, atenção, em especial: Isa, Dri, Dany, Cleidinha, Claudinha, Claudia Calderan, Larih, Ana, Jennifer, Mariane, Deisy, Jaque, Jaque Viegas, Maluh, Kete, Cris, Gih, Nique, Brenda, Gaby, Mika, Iara, Deb, Bete, Carol Praia, Fany, Julia, Jhenna.

Preciso fazer agradecimento em especial a minha porquinha Carol Cappia, que sempre está presente em minha vida, não só profissional como também pessoal, me apoiando e dando a força que sempre preciso. Larinha escritora não seria a mesma sem a influência dessa porquinha do coração negro. Sou grata por sempre a ter ao meu lado, mesmo ela querendo que eu mate todos os personagens (hahhaha, mas eu só mato quando é necessário). Nos duas formamos uma ótima dupla, obrigada por me ouvir e sempre estar presente em minha vida, seja na alegria, na música ou no choro, sei que posso contar com você sempre.

Agradeço a minha mãe, irmã e sobrinha, afinal são elas que ficam todos os dias “Agora falta quantos capítulos?”, sim, do jeitinhos delas me apoiam e me incentivam e falam com orgulho “Minha filha é escritora”, “minha tia escreve”. Ambas sabem o quanto são importantes em minha vida.

Obrigada a você meu filho, minha fonte inesgotável de inspiração
BRUNO GABRIEL, a mamãe te ama muito, amo mais que minha vida.
Hoje sei que você não entende a importância que tem na vida da mamãe, mas um

dia, lá na frente, quando já for um homem grande de verdade, vai entender o quanto é importante e o tamanho do amor da mamãe. Hoje eu existo por você estar aqui do lado da mamãe.

Em especial agradeço a cada um dos meus leitores, afinal eu não sou ninguém sem cada um de vocês.

OBRIGADA!

*Obrigada por ter chegado até aqui, não esqueça de deixar a sua avaliação. A sua
opinião é muito importante para mim.
Com carinho, Larinha Vilhalba.*

Conheça outras obras da autora:

JOGANDO COM A SEDUÇÃO –
TRILOGIA JOGANDO – LIVRO **I**



Sinopse:

Ela, estudante aplicada de Geografia.

Ele, estudante aplicado de Direito.

Ambos da mesma Universidade, apenas prédios distintos.

Ela não quer relacionamento sério;

Ele namora há três anos... mas as aparências enganam.

Ela é desafiada pelos amigos;

Ele é o alvo.

Assim começa o jogo de sedução.

Até quando Marcelo irá resistir ao JOGO DE SEDUÇÃO de Clara?

Link: <https://goo.gl/hZgU2A>

JOGANDO COM O DESEJO

TRILOGIA JOGANDO – LIVRO II



Com a morte de sua irmã mais nova, Mariane, em um acidente de carro Adriano se viu no fundo do poço. Para tentar recomeçar a vida, decide largar tudo e se mudar para Dourados, onde iria fazer faculdade e ficar do lado de sua noiva Dayana.

Ao invés de ser recebido com beijos, abraços e muito carinho, Dayana acaba com o noivado de 03 anos, pois a mesma já tinha outro. Em meio a tanta dor e desilusão, Adriano no primeiro dia de aula acaba conhecendo três amigas, onde acaba depositando todo seu carinho e sentimentos. Adriano cuida de Clara, Carol e Eva como se fossem do seu próprio sangue.

O tempo passa, a amizade entre os quatros cresce e se fortifica. Ao mesmo tempo o desejo por certa ruiva se confunde com a amizade, ou a amizade se confunde com o desejo?

Adriano começa a viver em um dilema, se esse sentimento pela ruiva é apenas desejo disfarçado de amizade, ou é amizade disfarçado em desejo? A ruiva percebendo o desejo de ambos e a confusão de sentimentos de Adriano começa a jogar.

Até quando Adriano irá resistir ao Jogo de Desejo de Carol?

LINK: <https://goo.gl/QMM3jE>

JOGANDO COM O AMOR
TRILOGIA JOGANDO – LIVRO III



SINOPSE:

Eva é uma menina romântica que se apaixona na infância pelo menino que se muda para a casa do lado. Na adolescência, juntos vivem uma linda história de amor.

Por ironia do destino da mesma forma que Ale chegou é obrigado a partir, deixando o coração de Eva em pedaços. Mesmo com o coração partido ela não deixou de viver e acreditar no amor. Esse sentimento nutrido ficou guardado como uma doce lembrança.

Os anos passam, e o destino coloca Eva e Ale frente a frente. Eles não são mais crianças, não são adolescentes, ambos têm marcas do seu passado. O sentimento guardado ainda existe no coração de ambos, o destino ainda insiste em pregar peças. E assim começa “Jogando com Amor”.

LINK: <https://goo.gl/9MFJNE>

DESCOBERTA DO PRAZER

DUOLOGIA PRAZER LIVRO I



Sinopse

Ela foi criada para ser uma “boa” dona de casa, para cuidar do marido e dos filhos. Cresceu com os ensinamentos que a mãe lhe passou e o sexo sempre foi um tabu. Visto como algo proibido. Errado.

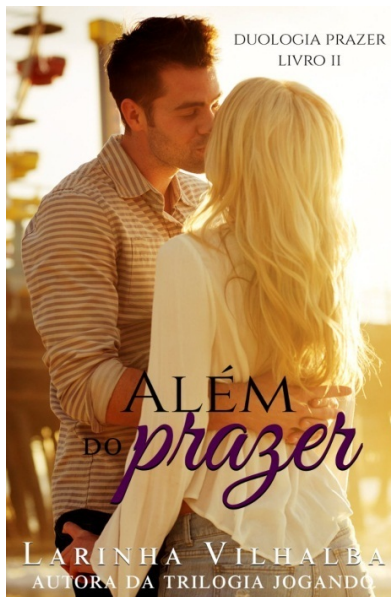
Cecília perdeu os seus pais ainda na adolescência, mas nunca se esqueceu do que se foi ensinado: o sexo foi feito apenas para satisfazer o homem. Casou-se cedo com um homem importante da pequena cidade de Promissão e tornou-se a esposa “ideal”.

Incentivada pela empregada da casa, decide fazer uma surpresa para o marido chegando sem avisar ao coquetel de comemoração de mais uma filial da sua rede de hotel e então.

Ela vê com seus próprios olhos...
Tudo muda...

Link: <https://amzn.to/2KPHJ82>

ALÉM DO PRAZER DUOLOGIA PRAZER - LIVRO II



Sinopse

A misteriosa e implacável Escarlata arrebatava olhares e despertava desejo e luxúria de homens e mulheres a sua volta.

Ninguém sabe de onde ela veio...

Ninguém sabe sobre o seu passado...

Apenas conseguem enxergar uma mulher linda, sexy e destemida em busca do seu próprio prazer.

Até que surge um certo Bartender que consegue ver além do que ela se dispõe a revelar sobre si mesma.

Enrico está disposto a apresentar a Escarlata uma vida “Além do prazer”. Mas será que ela está disposta a aceitar?

Table of Contents

[SINOPSE](#)

[EPÍGRAFE](#)

[01 | Paula](#)

[02 | Paula](#)

[03 | Paula](#)

[04 | Paula](#)

[05 | Paula](#)

[06 | Paula](#)

[07 | Paula](#)

[08 | Paula](#)

[09 | Paula](#)

[10 | Paula Quando abro meus olhos de manhã , estranhamente](#)

[11 | Paula](#)

[12 | Paula](#)

[13 | Paula](#)

[14 | Paula](#)

[15 | Paula](#)

[16 | Paula](#)

[17 | Paula](#)

[18 | Paula](#)

[19 | Paula](#)

[20 | Paula](#)

[21 | Paula](#)

[22 | Paula](#)

[23 | Paula](#)

[24 | Paula](#)

[25 | Théo Meses depois](#)

[26 | Paula](#)

[27 | Paula](#)

[28 | Paula Final Anos depois](#)

[Epílogo](#)